



**UNIFACS**  
UNIVERSIDADE SALVADOR  
LAUREATE INTERNATIONAL UNIVERSITIES

**UNIFACS UNIVERSIDADE SALVADOR  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL E  
URBANO - PPDRU  
DOUTORADO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL E URBANO**

**CÁSSIO JÂNIO DOS SANTOS SILVA**

**LÍNGUA INGLESA, TURISMO E REGIÃO: FRAGILIDADES NO ENSINO DO  
INGLÊS NAS ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS E NO TURISMO BEM COMO  
SUAS IMPLICAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

Salvador  
2014

**CÁSSIO JÂNIO DOS SANTOS SILVA**

**LÍNGUA INGLESA, TURISMO E REGIÃO: FRAGILIDADES NO ENSINO DO INGLÊS NAS ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS E NO TURISMO BEM COMO SUAS IMPLICAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Urbano (PPDRU) da UNIFACS Universidade Salvador, Laureate International Universities - LIU, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Desenvolvimento Regional e Urbano.

Orientador: Prof. Dr. Edivaldo Machado Boaventura.

Salvador  
2014

## FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNIFACS Universidade Salvador, Laureate  
Internacional Universities)

Silva, Cássio Jânio dos Santos

Língua inglesa, turismo e região: fragilidades no ensino do inglês nas escolas públicas estaduais e no turismo bem como suas implicações para o desenvolvimento regional./ Cássio Jânio dos Santos Silva.– Salvador: UNIFACS, 2014.

206 f. : il.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Urbano (PPDRU) da UNIFACS Universidade Salvador, Laureate Internacional Universities - LIU, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Desenvolvimento Regional e Urbano.

Orientador: Profº Drº Edivaldo Machado Boaventura.

1. Língua inglesa - estudo e ensino. 2. Desenvolvimento regional. 3. Turismo. 4. Políticas públicas. I. Boaventura, Edivaldo Machado, orient.  
II. Título.

CDD: 428.07

CÁSSIO JÂNIO DOS SANTOS SILVA

LÍNGUA INGLESA, TURISMO E REGIÃO: FRAGILIDADES NO ENSINO DO INGLÊS  
NAS ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS E NO TURISMO BEM COMO SUAS  
IMPLICAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em  
Desenvolvimento Regional e Urbano da UNIFACS Universidade Salvador - Laureate  
Internacional Universities, a seguinte banca examinadora:

Edivaldo Machado Boaventura – Orientador \_\_\_\_\_  
Doutorado em Administração Educacional, Universidade da Pensilvânia, U P, Estados Unidos  
Universidade Salvador – UNIFACS

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx \_\_\_\_\_  
Doutor em xxxxxxxxxxxxx pela Universidade xxxxxxxxxxxxx  
xx

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx \_\_\_\_\_  
Doutor em xxxxxxxxxxxxx pela Universidade xxxxxxxxxxxxx  
xx

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx \_\_\_\_\_  
Doutor em xxxxxxxxxxxxx pela Universidade xxxxxxxxxxxxx  
xx

Salvador, de de 2014.

Dedico este trabalho a todos os educadores, em especial os de Língua Inglesa, que acreditam na educação como transformadora de homens, mulheres e de um mundo melhor.

## AGRADECIMENTOS

O primeiro agradecimento, sem sombra de dúvidas, vai para Deus que nos criou para sermos felizes e que nos dá infinita sabedoria para que possamos usar o conhecimento que obtemos para ajudar o próximo e que de forma fantástica atua soberanamente em nossas vidas nos protegendo, guiando e nos dando seu amor infinito.

Naturalmente, muitos contribuíram para a realização deste trabalho, portanto, quero aqui registrar os meus sinceros agradecimentos:

Aos meus pais, razão da minha existência e por eles nutro um amor infinito;

Ao Professor Doutor Edivaldo Machado Boaventura por sua paciência, amorosidade e extrema competência ao me guiar neste projeto de pesquisa, pela relação maravilhosa da relação professor-aluno, que ele tanto prega e que nos motiva imensamente a persistir na vida acadêmica. Seu carinho, competência e a bondade com seus alunos, o que é a prova do profissional respeitado e querido por todos;

A minha irmã, irmão, sobrinhos, cunhado e cunhada, os quais amo muito também. São eles que sempre me incentivam a crescer, como homem e profissional;

A querida professora Dra. Regina Celeste de Almeida Souza, que guiou o meu projeto desde a seleção para o mestrado, na orientação da dissertação e por ter conseguido o Doutorado Sanduíche na Philadelphia, Pennsylvania, Estados Unidos.

Ao meu orientador estrangeiro nos Estados Unidos, Dr. Roger Gee, pela maravilhosa receptividade na minha chegada e durante todo o semestre bem como sua extrema amabilidade e paciência na orientação da tese e imensa competência nas aulas teóricas das disciplinas cursadas no Programa *Strictu Sensu* da Universidade Americana.

Aos colegas do curso, com os quais compartilhei não somente momentos de discussões acadêmicas, mas também de amizade;

Agradeço também à diretora, coordenadora, professores e alunos da Escola Estadual Professora Maria de Lurdes Parada Franch e Colégio Estadual Thales de Azevedo bem como a coordenadora de língua estrangeira das Escolas Públicas Estaduais da Secretaria de Educação;

À professora de estágio de Língua Inglesa da Universidade do Estado da Bahia (UNEB); O assessor da Secretaria de Turismo (SETUR) pela amabilidade e receptividade; Ingrantes da BAHIATURSA;

Alunos do curso de Turismo da Universidade Estadual da Bahia (UNEB);

À diretora da Direc por ter disponibilizado dados que viabilizaram a elaboração do estudo de caso proposto;

Ao amigo Ivo, pela formatação gráfica desta tese com muita responsabilidade e gentileza.

Ao amigo de todas as horas, irmão e colega de instituição Renato Ferreira de Carvalho, que me guiou e incentivou a realizar o mestrado e doutorado na Universidade Salvador.

À minha segunda mãe, amiga de todas as horas e colega de instituição, Profa. Maria Celeste de Freitas Moreira, pelo carinho, amor e que me incentivou a trilhar o caminho do mestrado e um futuro doutorado;

À amiga fiel e amorosa, amiga de todas as horas, colega de instituição, irmã e vice-reitora da UNEB, Profa. Dra. Carla Liane do Nascimento;

Ao amigo e colega de instituição Professor Mestre Edson Miranda dos Santos, pelo carinho e apoio á minha carreira acadêmica.

À amiga e colega de instituição Dra. Leliana de Souza Carvalho, pelo incentivo a trilhar no caminho do mestrado e doutorado;

Os meus cordiais agradecimentos a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

“O ser humano só existe dentro do mundo e o mundo só existe dentro da linguagem. A linguagem tem uma função social e comunicativa, a partir da linguagem, o sujeito constrói sua própria identidade.” (ORLANDI, 2005, p.15).

“O fato de a legislação reconhecer que a escola precisa ser de qualidade, não basta para que a realidade espelhe a lei. É preciso que o Estado, através de ações do Executivo, faça valer a lei. Esta não salta magicamente do papel e se corporifica. Para ser concreta, a lei exige a intervenção do trabalho humano. Nesse caso, o trabalho há que ser coletivo e governamental. Coletivo por ser tarefa hercúlea para um único indivíduo levar a cabo; governamental porque oferecer educação ao brasileiro é atribuição delegada pela nossa constituição aos governos federal, estadual e municipal. É pensando nisso que advogo uma ação articulada em três frentes.” (LIMA, 2011, p.17).



## RESUMO

Nos dias atuais, a aquisição da competência comunicativa da Língua Inglesa se consolida como um elemento fundamental no mundo globalizado. Nesse contexto, saber ler, escrever, ouvir e falar a Língua Inglesa constitui-se direito humano, destinado a todos os cidadãos, particularmente aos alunos das Escolas Públicas Estaduais assim como indivíduos ligados diretamente ao turismo, como elemento de inclusão social no mercado de trabalho, visto que a língua é integrante de uma ação comunicativa que deve ter também um olhar externo. O presente estudo procura responder ao significado dessa aquisição para a inserção no mercado de trabalho e no turismo soteropolitano através de políticas públicas. O estudo apresenta um novo método da língua inglesa, mediante a implementação de políticas públicas pelo Estado para integrar o território estudantil ao circuito econômico internacional. Demonstra a importância da aquisição da língua inglesa no mundo atual e a difusão desse idioma em termos sociais, econômicos, políticos e culturais. Analisa livros didáticos, a abordagem comunicativa, a adequação do currículo, inclusão digital e as políticas públicas. Realiza um estudo de caso comparativo em escolas da rede estadual de ensino, com membros da SETUR/BA, BAHIAATURSA e estudantes de turismo da Universidade Estadual da Bahia (UNEB), Campus Salvador.

**Palavras-chave:** Políticas Públicas. Ensino Público. Língua Inglesa. Mercado de Trabalho. Turismo.

## ABSTRACT

Nowadays the communicative competence acquisition of English language has been a fundamental element in the globalized world. In such a context, the dominance of reading, writing, listening and speaking of that language has been a human right which must be directed to all the people, specially, the students from Public Schools as well as those who deal with tourism as an element of inclusion social at work field, by the fact that such a language has been part of a communicative action which must also take a look at outside. Such a research aims to give an answer about the meaning of that acquisition in order for the inclusion in the work field and tourism in the city of Salvador through public policies. Its goal is to present a new method of English language through public policies by State in order to integrate the students to International Economy Parameters. Such a study tries to comprehend the importance of that acquisition nowadays and its diffusion in terms of social, economical, political and cultural aspects, through textbooks of communicative proposals, an appropriated curriculum, digital inclusion and public policies. It also analyses the consonance between the teaching of that language with the Curriculum Guidelines for Foreign Language (LDB-1996 and PCNS-1998) and the Tourism Department of the State of Bahia (SETUR) and BAHIATURSA. By the fact that it uses the case study technique, such a research has chosen a comparative outline: students from Escola Estadual Professora Maria de Lurdes Parada Franch, Colégio Estadual Thales de Azevedo and as a complement SETUR/BA, BAHIATURSA and tourism students of UNEB as the principal ones to be investigated, nevertheless, the questionnaires have verified that the students from these Education settings have not had chances in order to acquire such a language.

**Key -words:** Public Policies. Public Teaching. English Language. Work Field. Tourism.

## **LISTA DE FIGURAS**

## **LISTA DE QUADROS**

## **LISTA DE GRÁFICOS**

## **LISTA DE TABELAS**

## SUMÁRIO

## 1 INTRODUÇÃO

A escola pública é um espaço de diversas culturas, com a presença de alunos e alunas que exercem, ou seus pais, as mais variadas funções: vendedores ambulantes, baianas de acarajé, motoristas de táxi, garçons, cobradores e motoristas de ônibus, recepcionistas de hotéis, seguranças etc, ou seja, pessoas que necessitam ampliar o domínio das habilidades comunicativas, seja escrita ou oral, na sua língua materna e em uma língua estrangeira. Desta forma, compreender a aquisição da competência comunicativa da língua inglesa como função social da escola é situá-lo como uma forma de possibilitar a inserção social dos alunos na sociedade, na qual está inserida. A língua inglesa como uma língua hegemônica universal necessita ser adquirida pelo aluno da escola pública bem como aos sujeitos ligados ao turismo, os quais precisam estar incluídos em um mundo globalizado. Dominar a Língua Inglesa significa, por parte dos alunos se capacitar para usá-la no mercado de trabalho e no turismo, já que a cidade de Salvador tem no turismo sua principal vocação.

Na contemporaneidade, o domínio da escrita e fala da língua inglesa são fundamentais para a inserção dos indivíduos no mundo cada vez mais globalizado e que tem como língua de turismo, negócios e interação o inglês. E é esse idioma que está fortemente presente na cibercultura, na pesquisa, e no contato com pessoas de outros países. Logo, é por ele e através dele que se divulga a cultura local (regional e soteropolitana) e se recebe os turistas que chegam à cidade de Salvador. Nesse contexto, saber ler, escrever, ouvir e falar a língua inglesa, numa habilidade comunicativa, devia constituir-se um direito básico de todo aluno e mola propulsora para ampliação de cidadania, ascensão social, e maior qualificação para sua inserção no mercado de trabalho, e ampliação de sua cultura, ou seja, um sujeito participe da sua comunidade e integrante do mundo global.

A aquisição ampla da competência comunicativa, são fundamentais no mundo contemporâneo. Assim, de acordo com Rocha (2010) aprender inglês hoje representa um grande diferencial na hora de encarar o mercado de trabalho competitivo e significa também uma melhor compreensão do mundo nesse período globalizado. É esse contexto determinado por condições sócio-históricas, no qual educadoras (es) e educandos (as) são protagonistas da ação educativa.

Portanto, esta pesquisa pretende dar um enfoque ao processo da aquisição da competência comunicativa da língua inglesa como vetor de ascensão social, maiores chances de empregabilidade, em especial no setor turístico da Bahia. Investiga-se como as aulas desse



idioma são desenvolvidas na perspectiva da inserção em uma sociedade globalizada, pois para Ianni (1996, p. 35) "está em curso um novo ciclo do processo de ocidentalização do mundo, em que a língua inglesa está se tornando uma língua universal com implicações não apenas comunicativas, mas com evidentes raízes políticas, econômicas".

A escola pública baiana é constituída, em sua maioria, de alunos e alunas afro-descendentes os quais, historicamente, por razões conhecidas, ficaram aliados das posições de comando, emprego e maior renda no nosso país e em nosso estado. Ribeiro (2010) esclarece que a língua inglesa tem uma função essencial na ascensão econômica e social de afro-descendentes nesse tempo de globalização.

Chaves (1988) enfatiza também a importância da educação com o uso da informática, a qual tem um imenso valor para a cognição dos discentes e quanto ao aspecto da abordagem comunicativa ou habilidade para se comunicar de forma escrita e falada. Widdowson (1991) afirma que devemos tentar alcançar o objetivo de ensinar línguas de forma que o aprendiz adquira a competência comunicativa para interpretar. A prática pedagógica, pautada na perspectiva do desenvolvimento da competência comunicativa, pode melhorar a qualificação da aquisição da língua. Sobre isso, Brown (2001b) afiança que o ensino de língua comunicativa é um grande desafio para os alunos e professores e que a motivação melhora os objetivos comunicativos dos alunos. Aguçando ainda mais essas discussões, Freebairn (2000) acrescenta que o livro didático, além de ampliar essas habilidades comunicativas também deve estar pautado nas habilidades de escrita, leitura, audição e fala. Fazendo coro a esses estudiosos, Moreira e Silva (1995) garantem que o currículo beneficia apenas a elite dominante, ficando, à margem os menos favorecidos: brancos e negros pobres.

Assim, a implantação de políticas públicas para a inclusão e desenvolvimento, desses alunos que estão apartados do acesso efetivo do domínio de uma língua estrangeira deve ser também de responsabilidade do governo estadual. Boisieur (1998) declara que a organização para o desenvolvimento regional, tem como característica marcante a ampliação da base de decisões autônomas por parte dos atores locais.

Dessa forma políticas públicas poderão ser uma via de acesso ao conhecimento da língua inglesa. Em outros termos, Hegel (1989) afirma que o caminho da consciência, a necessidade do conhecimento passam pelo domínio efetivo de uma segunda língua. Jacob (2011) complementa que o conhecimento (língua e seu poder próprio) é a nova moeda de nossa era. Lopes (2009) vai mais além e relata que o homem é o único que possui a linguagem e com ela

a razão da comunicação entre os seres, por isso é considerado como um animal político, semelhante ao pensamento de Habermas (2002) para quem o homem é um ser da linguagem.

Para Vygotsky (1996) o desenvolvimento do homem e sua linguagem dependerá de aspectos sociais, motores, cognitivos e afetivos. Nessa mesma linha de pensamento Krashen (2014) assevera que a linguagem só é possível no subconsciente mediante um filtro afetivo, motivação e diminuição da ansiedade. Com base nesses autores e sabedores que o homem é um ser que interage pela fala/escrita e tem nela uma via não apenas de comunicação, mas também de ascensão social e inserção no mundo globalizado, chamamos a atenção para a importância da aquisição de uma segunda língua e de políticas públicas que possibilitem aos educandos um domínio efetivo dessa língua e da valorização dos profissionais da educação.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996, os Parâmetros Curriculares Nacionais do ensino de Língua Inglesa (PCN's) de 1998, (BRASIL, 1996, 1998) enfatizam a importância da educação para o mercado de trabalho e especificamente os PCN's, colocam como fundamental o uso desse idioma para a prática comunicativa dentro e fora do contexto da sala de aula. A Secretaria de Turismo do Estado da Bahia (SETUR) e a Empresa Turismo da Bahia (BAHIATURSA) também valorizam o campo profissional, pensando em geração de emprego, renda e na maior qualificação dos seus cidadãos para o pólo turístico da cidade. Portanto, os educandos e educandas da escola pública de Salvador, estão nas salas de aulas também em busca da escolarização exigida pelas novas relações do mundo do trabalho. Nesse espaço escolar, encontram-se educadores que trazem as suas trajetórias de vida marcadas pela precarização e pauperização da profissão docente. A esse respeito disso, Rummert (2006) afirma que:

O que verificamos, nos dias atuais, é o fato de que os profissionais da categoria docente vivenciam o aviltamento de seu trabalho seja no que diz respeito à remuneração, seja naquilo que se refere às condições de trabalho, marcadas pela necessidade de alargamento cada vez maior da jornada, pela terceirização ou precarização, pelas exigências de produtividade avaliada por parâmetros quantitativos e demais características que o atual padrão de acumulação do capital imprimiu ao mundo do trabalho, mesmo no âmbito do aparelho de Estado. (RUMMERT, 2006, p. 128).

Nessa mesma perspectiva analítica, Freire (1993, p. 86) defende que a maior responsabilidade ainda recai sobre o professor: "Aos educadores está à incumbência de fazer e refazer o mundo, como transformadores sociais, para um mundo mais democrático". Diante disso, questiona-se, qual o significado da aquisição da competência comunicativa da língua inglesa nas escolas públicas e no turismo para a inserção no mercado de trabalho e do turismo soteropolitano mediante políticas públicas?

Entendendo a inserção no mercado de trabalho e no turismo como um processo de inclusão social, cidadania e renda, portanto define-se como objetivo geral, apresentar um novo método da língua inglesa, mediante a implementação de políticas públicas pelo estado para integrar o território estudantil ao circuito econômico internacional, o que se desdobra nos seguintes objetivos específicos: Compreender a importância da aquisição da competência comunicativa da língua inglesa no mundo nos dias atuais e a difusão desse idioma em termos sociais, econômicos, políticos e culturais; Entender as implicações sociais, econômicas e culturais dessa aquisição com o uso do livro didático de abordagem comunicativa, do currículo adequado, da inclusão digital e de políticas públicas; Analisar a consonância que há do ensino dessa língua com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 (LDB), Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) de 1998 e Diretrizes da Educação da Secretaria do Turismo do Estado da Bahia (SETUR) e Bahiatursa. Por fim, analisar a aquisição da competência comunicativa da língua inglesa, como fator de inserção no mercado de trabalho e no turismo soteropolitano.

Para cumprimento destes objetivos, será adotada uma estratégia metodológica que se dividirá em duas etapas: abordagem teórica e estudo empírico. Na abordagem teórica, mediante uma pesquisa bibliográfica, busca-se compreender, por um lado, a importância e difusão da língua inglesa atualmente, em termos sociais, econômicos e políticos e por outro, as implicações sociais, econômicas, culturais, didáticas, curriculares e políticas dessa aquisição, mediante uma abordagem comunicativa, para a inclusão social, econômica, cultural e digital, no mercado de trabalho e no turismo soteropolitano.

Para atender a esses objetivos empreendemos uma revisão bibliográfica, observando as consequências do processo de difusão do idioma a partir da década de 60 do século XX até hoje. Procuramos também entender as implicações sociais, econômicas e culturais dessa aquisição com o uso do livro didático de abordagem comunicativa, do currículo adequado, da inclusão digital e de políticas públicas. Realizou-se uma abordagem teórica a partir da época em que começou a se propagar o uso da abordagem comunicativa britânica na década de 60 do século XX, isto é, a língua usada para comunicação escrita e oral, pois anteriormente a esta fase, a língua era usada apenas para memorização de gramática, regras, que conduziam apenas à escrita, excluindo a fala, o que correspondeu à versão americana.

Prosseguindo em nossa investigação elaboramos uma pesquisa documental utilizando-se como fonte os registros da última lei da LDB de 1996, para o ensino brasileiro, bem como dos

últimos parâmetros, especificamente para o ensino de Língua Inglesa no Brasil de 1998 e as metas das Secretarias do Turismo em seu *site* específico de 2010.

Realizou-se um estudo de caso em uma escola estadual soteropolitana: a Escola Professora Maria de Lurdes Parada Franch, um colégio estadual soteropolitano: o Colégio Thales de Azevedo e como complementação, também investigamos a Secretaria de Turismo do Estado da Bahia (SETUR), BAHIATURSA e estudantes de turismo da UNEB. Foram elaborados questionários, os quais foram gravados e alguns filmados. Eles foram aplicados com a coordenadora de língua estrangeira das escolas públicas na Secretaria de Educação (SEC), depois com uma professora de estágio de Língua Inglesa da UNEB, e em seguida com as diretoras, coordenadoras pedagógicas, professores, alunos da rede pública, do curso de turismo da UNEB, **egressos** de escolas públicas, professora do curso preparatória para a Copa do Mundo e seus alunos bem como com o superintendente da Secretaria de Turismo do Estado da Bahia (SETUR) e BAHIATURSA. Foram feitas entrevistas e elaboradas questões abertas, para o pesquisador obter respostas mais completas.

De modo geral, as questões versavam sobre a formação dos professores, conhecimento do idioma tanto em nível gramatical quanto teórico. Inquiriu-se se o ensino da língua inglesa da escola pública prepara os discentes para o mercado de trabalho e para o turismo, **trazendo benefícios econômicos** aos mesmos, bem como a importância dessa preparação, a inclusão digital, a importância de trabalhar as quatro habilidades da língua (escrita, leitura, audição e fala), o uso do livro didático, metodologia utilizada, conhecimento da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 (LDB) e Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Inglesa de 1998 (PCN's) (BRASIL, 1996, 1998). Acrescentou-se a esses questionamentos: o planejamento da escola, especificamente com os professores de Língua Inglesa, **do sexto ano do ensino fundamental ao terceiro ano do ensino médio** (com uma divisão do inglês básico até ao avançado); experiência de ensino; importância da Língua Inglesa; cursos contínuos proporcionados pela SETUR e BAHIATURSA para preparar pessoas ligadas ao turismo; se eles acreditam que é possível promover a aquisição dessa língua mediante a comunicação escrita e falada pelos discentes, mediante políticas públicas, em vários estágios da aplicabilidade desse ensino.

A aplicação dos questionários teve como principal objetivo fazer um levantamento de dados com relação ao perfil dos alunos dessa escola em Salvador e se as aulas de Língua Inglesa dessa instituição os prepara na aquisição da língua **estrangeira** (escrita e falada, isto é, na comunicação com o outro) para que os mesmos atuem no mercado de trabalho e no turismo

soteropolitano. O instrumento foi aplicado em sala de aula, pelos professores da referida escola, no bairro do Pau da Lima e no Costa Azul, onde estão situadas **essas** instituições.

Os professores disponibilizaram-se como voluntários e depois devolveram o questionário ao pesquisador. Durante a pesquisa que resultou neste trabalho, foram aplicados 218 questionários com os discentes na Escola Maria de Lourdes e 63 no Colégio Thales de Azevedo, 6, para os 6 professores de língua inglesa da escola e do colégio, 2 para as coordenadoras pedagógicas, 2 para as diretoras, 1 para uma professora do estágio de língua inglesa da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), instituição superior que prepara e lança os futuros profissionais de língua inglesa para as escolas públicas, 1 para a coordenadora de língua estrangeira da Secretaria de Educação do Estado da Bahia (SEC) e como complementação, 1 para o assessor técnico da Secretaria de Turismo do Estado da Bahia (SETUR), 1 para o secretário da Bahiatursa, 1 para a professora do curso de turismo, 10 para alunos do curso preparatório para a Copa, 50 para alunos do curso de turismo e 40 para alunos egressos de escolas públicas. **Totalizando ao final** 396 questionários, em que todos foram considerados válidos, **e os mesmos** podem ser vistos no apêndice B.

Os dados catalogados foram transformados em tabelas e gráficos. Após a compilação dos dados, tabelas e gráficos foram construídos, mediante dados qualitativos colhidos com o questionário, possibilitando, por conseguinte, uma macro interpretação de informações sobre o objeto do estudo de caso, com a meta de demonstrar de forma objetiva, clara e concisa as informações retidas da pesquisa.

Neste estudo, portanto, a perspectiva qualitativa é intrínseca ao objeto de investigação porque se insere no espaço da educação, na observação de micro-processos da relação educando e educador. Aqui, o objeto de estudo atrai, significativamente, a abordagem qualitativa de cunho etnográfico, porque a investigação sobre ele exige o adentrar a sala do pesquisador e o envolvimento dele com os participantes no ambiente que estão inseridos. A coleta de dados foi feita por meio da observação participante do pesquisador nas aulas dos docentes, de questionários gravados e da análise documental e os resultados foram associados à luz do arcabouço teórico da análise do discurso, já que Orlandi (2005) declara:

Como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. A palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. (ORLANDI, 2005, p.15).

A associação com a Análise de Discurso possibilita que os dados coletados **fossem** interpretados considerando-se que não existe discurso sem sujeito e que não há sujeito sem ideologia, evidenciando-se, assim, a relação língua-discurso-ideologia e complementado por Flairclough (2004), já que a mesma declara que a análise crítica do discurso, deve sempre incluir a linguagem na análise da pesquisa, já que ela tem um caráter social. Nessa perspectiva, o dispositivo de interpretação dos dados empregados nessa pesquisa completa o arcabouço teórico que embasa essa investigação. Os resultados dessa coleta de dados **mencionados são** apresentados no capítulo acerca da escola objeto do estudo de caso.

Esta tese se estrutura em sete capítulos, a saber:

**Capítulo 1 – A apresentação de nosso trabalho - nela apresentamos o tema, o problema e os** objetivos geral e específicos da pesquisa bem como as estratégias metodológicas da pesquisa, objetivando coletar dados para a fundamentação da tese e a realização do estudo de caso, mediante a coleta dos dados, sua aplicabilidade e análise.

**Capítulo 2 – Nesta seção buscamos alicerçar nossas palavras aos teóricos mais prestigiados. Isto é, referimo-nos** à fundamentação teórica com a importância e domínio para se abrir ao mundo mediante a aquisição da competência comunicativa da língua inglesa e sua difusão no mundo, à luz do pensamento de Schütz (2010), Crystal (2001) e Santos (2002). Ainda neste capítulo é exposto, apoiado nas teorias de Schütz (2010), o conceito de que a difusão do inglês deslocou o francês de sua primazia e hoje em dia é usada como primeira e segunda língua em muitos lugares no mundo, como pode ser verificado no anexo. Argumenta-se também sobre a aquisição de uma língua estrangeira, que é um direito de todo cidadão e fundamental na vida acadêmica e profissional. Essas fundamentações são encontradas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN,S) (BRASIL, 1998) e em teóricos como, Schütz (2010), Neves (2010) e Hashman (2000), dentre outros. Na referido capítulo informa-se ainda que o inglês **é o idioma universal, mas ainda é inacessível a muitos, principalmente aos afro-descendentes brasileiros**. Tais argumentos são visualizados em teóricos como Cruz (2005) e Santos (2001, 2002), dentre outros. Um dos grandes desafios do mundo contemporâneo é associar o ensino do inglês com a inclusão digital. Essas argumentações são expostas por estudiosos como Hubbard e Mike (2006), Paiva (2007).

Enfatiza-se que no passado saber uma língua era dominar a sua gramática, no entanto, hoje em dia valoriza-se a abordagem comunicativa, ou seja, uso da língua mediante a comunicação escrita e falada assim como a definição de aquisição e o subconsciente como a nova teoria eficaz para o domínio da língua inglesa ao invés da aprendizagem, que não proporciona a

comunicação bem como a importância do saber, do conhecimento e o homem enquanto único ser da linguagem, que leva a comunicação. Tais argumentações se encontram em diversos autores, principalmente, Krashen (1982, 1985), Hegel (1989), Habermas (2002), Vygotsky (1996), Brown (2001a, 2001b) e (2007), Littlewood (2006), Harmer (2005) e Paiva (2007). **Nesta** seção ainda salienta a importância do uso de um livro didático de abordagem comunicativa. Esses argumentos são encontrados em teóricos como Freebairn (2000), Richard (2002) e Duprat (2002). O capítulo aponta também que o currículo está implicado em relações de poder, beneficiando apenas à classe privilegiada. Tais fatores estão fundamentados em Moreira e Silva (1995), Fadul (2002) Kliksberg (apud FADUL, 2002), Medeiros (2002) e Frischeisen (2000).

**Capítulo 3 – Nesse momento discutimos** a importância do ensino da língua inglesa respaldado nas leis da LDB de 1996 e PCN's de 1998, que vincula a educação ao mercado de trabalho e como complementação as leis que regem a SETUR, cuja meta é a manutenção do turismo sustentável para gerar a economia baiana em alto estilo e BAHIATURSA. Esses fundamentos se **ancoram** nas leis da LDB (BRASIL, 1996), PCN's (BRASIL, 1998) e no site da SETUR (2010) e em estudiosos como Gomes (2008), Boaventura (2001), Freire (1996, 2006, 2010), dentre outros. Também é descrito um breve relato inicial, ainda sobre o processo do ensino-aquisição da língua inglesa no âmbito educacional fazendo um paralelo com o Banco Mundial, chegando ao início dos relatos da parte empírica, com a escola e os colégios públicos, objetos da pesquisa, e como complementação a Secretaria de Educação, do Turismo, Bahiatursa e Universidade do Estado da Bahia. Essas fundamentações se encontram principalmente nas Orientações Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) e em teóricos como Fonseca (1992) e Rojo (2000).

**Capítulo 4 – Aqui elaboramos** um breve relato da natureza do método e suas concepções filosóficas e também examina se o inglês ofertado nas instituições pesquisadas. Se se prepara os indivíduos na aquisição da competência comunicativa da língua inglesa para a inserção no mercado de trabalho e no turismo e apresenta o estudo de caso da Escola Professora Maria de Lurdes Parada Franch, no Colégio Thales de Azevedo, egressos de escolas públicas e como complementação nos Cursos do turismo e na Uneb, mediante dados colhidos na pesquisa direta, **conforme alertamos páginas atrás.**

**Conclusão** - Apresento as conclusões a respeito da verificação de que a aquisição da competência comunicativa do idioma, representa desenvolvimento urbano nos fatores sociais,

econômicos, políticos, culturais e turísticos e é um fator que não possibilita a alunos e indivíduos ligados ao setor de turismo na inserção no mercado de trabalho. Além disso, a seção propõe políticas públicas, via Secretaria de Educação do Estado da Bahia (SEC), Ministério Público (MP) e Constituição Federal (CF) (BRASIL, 1988), para que possam viabilizar de fato e de verdade sua aplicação a partir deste momento.



## 2 HISTÓRIA DA LÍNGUA INGLESA, DIFUSÃO NO MUNDO, IMPLICAÇÕES SOCIAIS, ECONÔMICAS, METODOLÓGICAS, CURRICULARES E POLÍTICAS PARA AQUISIÇÃO DA SUA COMPETÊNCIA COMUNICATIVA

**Este capítulo apresenta uma abordagem** teórica a respeito da história da língua inglesa bem como sua importância para a aquisição da competência comunicativa deste idioma nos dias atuais e a relevância de sua aplicação, como também sua difusão no mundo. Em primeiro lugar é apresentada uma teorização de sua historicidade, depois da importância dessa aquisição no mundo, para em seguida, refletir sobre os fatores que se ligam diretamente ao "boom" da língua inglesa em todos os espaços, devido o crescimento da globalização da economia. Ele também discorre sobre a função sócio inclusiva da língua inglesa e seu impacto financeiro na vida das pessoas numa sociedade que recebe a influência globalizante bem como da função sócio inclusiva digital, no século do "**dominado**" pelos computadores. Em primeiro lugar, algumas discussões teóricas da inclusão são relatadas aliadas à repercussão financeira e em seguida, uma abordagem teórica da importância digital no ensino da língua inglesa para a inclusão dos discentes como cidadãos do mundo.

Terá também como foco a definição e características da metodologia que deve ser adotada, a abordagem comunicativa, para a aquisição da competência comunicativa da língua inglesa na sala de aula e fora dela, bem como uma teorização crítica na escolha do livro didático para ser utilizado em sala de aula, uma análise teórica sobre o currículo e a visão de políticas públicas na educação.

### 2.1 HISTÓRIA DA LÍNGUA INGLESA.

Sabe-se que para ter a real dimensão de qualquer conhecimento é preciso entender amplamente os seus porquês. No que diz respeito ao conhecimento da língua não é diferente. Precisa-se ver o lado externo para que se conheça melhor o interno. Como nos diz Torlezi (2012):

Não se pode estudar uma língua sem considerarem-se seus elementos externos. Estes são muito importantes nos estudos linguísticos. Consideram-se como elementos externos a história e os costumes de uma nação, pois esta é constituída pela língua. Há de se ressaltarem as relações existentes entre a língua e a história política. Grandes acontecimentos históricos, com as conquistas e as colonizações, têm importância incalculável nos estudos dos fatos de uma língua, uma vez que acarretam transformações nela. E também de grande importância as relações da língua com as instituições, como a Igreja e a escola. Nesta última, estuda-se, por exemplo, a língua literária,

fenómeno histórico, que ultrapassa os limites estabelecidos pela própria literatura. Um linguista deve estudar as relações entre a língua literária e a língua corrente, pois a primeira, produto de uma cultura, separa-se naturalmente da segunda. Fica claro, assim, que os fatores históricos e geográficos estão diretamente ligados à língua, embora na realidade não afetam seu organismo interno, sendo, portanto, impossível, segundo o autor, separar os elementos externos dos internos nos estudos linguísticos. Só se conhecem os fatores internos de uma língua, conhecendo-se os externos. Como exemplo desse fato, Saussure cita os empréstimos linguísticos, chamados de estrangeirismo. Estes, ao se incorporarem a um determinado idioma, não devem ser considerados como estrangeirismos, desde que sejam estudados dentro do idioma. Dessa forma, a Linguística externa acumula fatos relativos à expansão de uma língua fora de seu território, ordenando-os de modo mais ou menos sistemático de acordo com a necessidade de clareza. Por outro lado, com a Linguística interna, as coisas se passam de forma diferente, já que ela não admite uma disposição qualquer, pois a língua é um sistema com uma ordem própria. Aqui, Saussure estabelece a famosa comparação da língua a um jogo de xadrez. Nesse jogo, se trocarmos, no tabuleiro, as peças de marfim por peças de madeira, não haverá nenhuma interferência no jogo. Mas se aumentarmos ou diminuirmos o número de peças, aí sim ocorrerão mudanças. Assim é a língua: é interno tudo o que provoca mudanças no sistema. (TORLEZI, 2012).

Essa citação, embora longa, vai ao encontro do que afirma Schutz (2008) o qual afirma que a língua inglesa é fruto de uma história complexa e enraizada num passado muito distante. Há indícios de presença humana nas ilhas britânicas já antes da última era do gelo, quando as mesmas ainda não haviam se separado do continente europeu e antes dos oceanos formarem o Canal da Mancha (SCHUTZ, 2008). Esse recente fenômeno geológico que separou as ilhas britânicas do continente, ocorrido há cerca de 7.000 anos, também isolou os povos que lá viviam dos conturbados movimentos e do obscurantismo que caracterizaram os primórdios da Idade Média na Europa.

Ainda de acordo com esse estudioso sítios arqueológicos evidenciam que as terras úmidas que os romanos vieram a denominar de Britannia já abrigavam uma próspera cultura há 8.000 anos, embora pouco se saiba a respeito. A história da Inglaterra se inicia com os celtas. Por volta de 1000 a.C, depois de muitas migrações, vários dialetos das línguas indo-européias tornam-se grupos de línguas distintos, sendo um desses grupos o celta. Os celtas se originaram presumivelmente de populações que já habitavam a Europa na Idade do Bronze. Durante cerca de 8 séculos, de 700 a.C. a 100 a. C., o povo celta habitou as regiões hoje conhecidas como Espanha, França, Alemanha e Inglaterra. O celta chegou a ser o principal grupo de línguas na Europa, antes de acabarem os povos celtas quase que totalmente assimilados pelo Império Romano (SCHUTZ, 2008).

De acordo com Schutz, (2008) em 55 e 54 a.C. ocorrem as primeiras invasões romanas de reconhecimento, sob o comando pessoal de Júlio César. Em 44 a. C., à época do Imperador Claudius, ocorre a terceira invasão, quando então a principal ilha britânica é anexada ao Império Romano até os limites com a Caledônia (atual Escócia) e o latim começa a exercer influência na cultura celta-bretã. Três séculos e meio de presença das legiões romanas e seus mercadores, trouxeram profunda influência na estrutura econômica, política e social das tribos celtas que habitavam a Grã Bretanha. Palavras latinas naturalmente passaram a ser usadas para muitos dos novos conceitos. Portanto, é daí que percebemos que na língua inglesa a presença do latim é forte, chegando a ocupar 45% das palavras deste idioma, o que para os aprendizes latinos é algo positivo, pois o entendimento facilita um pouco mais, diferente das palavras de origem anglo-saxônica que são de mais difícil entendimento para os latinos tanto na pronúncia quanto nas inversões do pensamento germânico.

Seguindo a mesma linha de raciocínio Schutz (2008) afirma que, devido às dificuldades em Roma enfrentadas pelo Império, as legiões romanas, em 410 a. C, se retiram da Britannia, deixando seus habitantes celtas à mercê de inimigos (Scots e Picts, ano). Uma vez que Roma já não dispunha de forças militares para defendê-los, os celtas, em 449 A.D., recorrem às tribos germânicas (Jutes, Angles, Saxons e Frisians) para obter ajuda. Estes, entretanto, de forma oportunista, acabam tornando-se invasores, estabelecendo-se nas áreas mais férteis do sudeste da Grã-Bretanha, destruindo vilas e massacrando a população local. Os celtas-bretões sobreviventes refugiam-se no oeste. Prova da violência e do descaso dos invasores pela cultura local é o fato de que quase não ficaram traços da língua celta no inglês, que são os dialetos germânicos falados pelos anglos e pelos saxões que vão dar origem ao inglês. A palavra *England*, por exemplo, originou-se de *Angle-land* (terra dos anglos). A partir daí, a história da língua inglesa é dividida em três períodos: *Old English*, *Middle English* e *Modern English*. A segunda metade do século V, quando ocorreram as invasões germânicas, marca o início do período denominado *Old English*.

Schutz (2008) acrescenta que em 432 A.D. St. Patrick inicia sua missão de levar o cristianismo à população celta da Irlanda. Em 597 A.D. a Igreja manda missionários liderados por Santo Agostinho para converter os anglo-saxões ao cristianismo. O processo de cristianização ocorre gradual e pacificamente, marcando o início da influência do latim sobre a língua germânica dos anglos-saxões, origem do inglês moderno. Esta influência ocorre de duas formas: introdução de vocabulário novo referente a religião e adaptação do vocabulário anglo-saxão para cobrir novas áreas de significado. A necessidade de reprodução de textos

bíblicos representa também o início da literatura inglesa. A introdução do cristianismo representou também a rejeição de elementos da cultura celta e associação dos mesmos a bruxaria. A observação ainda hoje de Halloween na noite de 31 de outubro é exemplo remanescente de cultura celta na visão do cristianismo.

Àquele período, a Inglaterra encontrava-se dividida em sete reinos anglo-saxões e o *Old English*, então falado, na verdade não era uma única língua, mas sim uma variedade de diferentes dialetos. Os dialetos do inglês antigo, de antes do cristianismo, eram línguas funcionais para descrever fatos concretos e atender necessidades de comunicação diária. O vocabulário de origem greco-latina introduzido pela cristianização expandiu a linguagem anglo-saxônica na direção de conceitos abstratos.

Na mesma linha de pensamento, Schutz (2008), afirma que ao final do século 8, iniciam os ataques dos Vikings contra a Inglaterra. Originários da Escandinávia, esses povos usavam de violência e seus ataques causaram destruição em muitas regiões da Europa. Os vikings que se estabeleceram na Inglaterra eram predominantemente provenientes da região hoje pertencente à Dinamarca e falavam *Old Norse*, ancestral do dinamarquês. **Nesses** mais de 200 anos de presença de escandinavos na Inglaterra naturalmente exerceram influência sobre o Old English. Entretanto, devido à semelhança entre as duas línguas, torna-se difícil determinar esta influência com precisão.

**O referido estudioso nos afirma, por fim** que o *Old English*, às vezes também denominado Anglo-Saxon, comparado ao inglês moderno, é uma língua quase irreconhecível, tanto na pronúncia, quanto no vocabulário e na gramática. Para um falante nativo o inglês hoje. **Um exemplo disso é que** das 54 palavras do Pai Nosso em *Old English*, menos de 15% são reconhecíveis na escrita, e provavelmente nada seria reconhecido ao ser pronunciado. A correlação entre pronúncia e ortografia, entretanto, era muito mais próxima do que no inglês moderno.

No plano gramatical, as diferenças também são substanciais. Em *Old English*, os substantivos declinam e têm gênero (masculino, feminino e neutro), e os verbos são conjugados. A Batalha de *Hastings* em 1066, foi um evento histórico de grande importância na história da Inglaterra. Representou não só uma drástica reorganização política, mas também alterou os rumos da língua inglesa, marcando o início de uma nova era. A batalha foi travada entre o exército

normando, comandado por William, Duque da Normandia (norte da França), e o exército anglo-saxão liderado por King Harold, em 14 de outubro de 1066.

O predecessor de Harold havia tido fortes vínculos com a corte da Normandia e supostamente prometido o trono da Inglaterra para o Duque da Normandia. Após sua morte, entretanto, o conselho do reino apontou Harold como sucessor, levando William a apelar para a guerra como forma de impor seus pretensos direitos. A sangrenta batalha só terminou ao fim do dia, com o Rei Harold e seus irmãos mortos e um saldo de 1500 a 2000 guerreiros mortos do lado normando e outros tantos ou mais, do lado inglês. William havia conquistado em poucos dias uma vitória que romanos, saxões e dinamarqueses haviam lutado longa e duramente para alcançar. Ele havia conquistado um país de um milhão e meio de habitantes e provavelmente o mais rico da Europa, na época.

Por esse feito ficou conhecido na história como William the Conqueror. O regime que se instaurou a partir da conquista foi caracterizado pela centralização, pela força e, naturalmente, pela língua dos conquistadores: o dialeto francês denominado Norman French. O próprio **William I** não falava inglês e, por ocasião de sua morte em 1087, não havia uma única região da Inglaterra que não fosse controlada por um normando. Seus sucessores, William II (1087-1100) e Henry I (1100-1135), passaram cerca de metade de seus reinados na França e provavelmente possuíam pouco conhecimento da **língua inglesa falada à época**.

**Schutz (2008)** assegura que durante os 300 anos que se seguiram, principalmente nos 150 anos iniciais, a língua usada pela aristocracia na Inglaterra foi o francês. Falar francês tornou-se então condição para aqueles de origem anglo-saxônica em busca de ascensão social através da simpatia e dos favores da classe dominante. Avançando um pouco mais no pensamento de Schutz **nesse aspecto** (2008), ele evidencia que o elemento mais importante do período que corresponde ao Middle English foi, sem dúvida, a forte presença e influência da língua francesa no inglês. Essa verdadeira transfusão de cultura franco-normanda na nação anglo-saxônica, que durou três séculos, resultou principalmente num aporte considerável de vocabulário. Isto demonstra que, por mais forte que possa ser a influência de uma língua sobre outra, esta influência normalmente não vai além de um enriquecimento de vocabulário, dificilmente afetando a pronúncia ou a estrutura gramatical. O passar dos séculos e as disputas que acabaram ocorrendo entre os normandos das ilhas britânicas e os do continente, provocaram o surgimento de um sentimento nacionalista e, pelo final do século 15, já se torna evidente que o inglês havia prevalecido. Até mesmo como linguagem escrita, o inglês já havia substituído o francês e o latim como língua oficial para documentos.

Também começava a surgir uma literatura nacional. Muito vocabulário novo foi incorporado com a introdução de novos conceitos administrativos, políticos e sociais, para os quais não havia equivalentes em inglês. Em alguns casos, entretanto, já existiam palavras de origem germânica, as quais, ou acabaram desaparecendo, ou passaram a coexistir com os equivalentes de origem francesa, em princípio como sinônimos, mas, com o tempo, adquirindo conotações diferentes. **Vamos a alguns exemplos:** pequenas diferenças dialetais resultantes desta simbiose entre diferentes grupos sociais e suas respectivas línguas podem ser observadas ainda atualmente. Nos meios intelectuais das classes mais privilegiadas dos países de língua inglesa existe até hoje uma tendência a um uso maior de palavras de origem latina. Pode-se perceber também na língua inglesa algumas palavras com acentuação, as quais são de origem francesa.

Enquanto que o *Middle English* se caracterizou por uma acentuada diversidade de dialetos, o *Modern English* representou um período de padronização e unificação da língua. O advento da imprensa em 1475 e a criação de um sistema postal em 1516 possibilitaram a disseminação do dialeto de Londres - já então o centro político, social e econômico da Inglaterra. A disponibilidade de materiais impressos também deu impulso à educação, **possibilitando a alfabetização** ao alcance da classe média.

Schutz (2008) também faz uma referência a William Shakespeare (1564-1616), que representou uma forte influência no desenvolvimento de uma linguagem literária. Sua imensa obra é caracterizada pelo uso criativo do vocabulário então existente, bem como pela criação de palavras novas. Substantivos transformados em verbos e verbos em adjetivos, bem como a livre adição de prefixos e sufixos e o uso de linguagem figurada são frequentes nos trabalhos de Shakespeare. Ao mesmo tempo em que a literatura se desenvolvia, o colonialismo britânico do século XIX, levava a língua inglesa a áreas remotas do mundo, proporcionando contato com culturas diferentes e trazendo novo enriquecimento ao vocabulário do inglês. Desde o início da era cristã até o século XIX, seis idiomas chegaram a ser falados na Inglaterra: Celta, Latim, *Old English*, *Norman French*, *Middle English* e *Modern English*. Essa diversidade de influências explica o fato de ser o inglês uma língua menos sistemática e menos regular, quando comparado às línguas latinas e mesmo ao alemão. **Ainda de acordo com Schutz (2008) o inglês de hoje pode ser comparado a uma colcha** feita de retalhos de tecidos de origem das mais diversas.

Adentrando um pouco mais no pensamento do **autor acima citado**, ele acredita que a esperança de alcançar prosperidade e os anseios por liberdade de religião foram os fatores que

determinaram a colonização da América do Norte. A chegada dos primeiros imigrantes ingleses em 1620, marca o início da presença da língua inglesa no Novo Mundo. A época da independência dos Estados Unidos, em 1776, quando a população do país chegava perto de 4 milhões, o dialeto norte-americano já mostrava características distintas em relação aos dialetos das ilhas britânicas. O contato com a realidade de um novo ambiente, com as culturas indígenas nativas e com o espanhol das regiões adjacentes ao sul, colonizadas pela Espanha, provocou um desenvolvimento de vocabulário diverso do inglês britânico.

Hoje, entretanto, as diferenças entre os dialetos britânicos e norte-americanos estão basicamente na pronúncia, além de pequenas diferenças no vocabulário. Ao contrário do que aconteceu entre Brasil e Portugal, Estados Unidos da América e Inglaterra mantiveram fortes laços culturais, comerciais e políticos. Enquanto que o português ao longo de 4 séculos se desenvolveu em dois dialetos substancialmente diferentes em Portugal e no Brasil, as diferenças entre os dialetos britânico e norte-americano são menos significativas. Fatos históricos recentes explicam o atual papel do inglês como língua do mundo. Em primeiro lugar, temos o grande poderio econômico da Inglaterra nos séculos XVIII, XIX e XX, alavancado pela Revolução Industrial, e a conseqüente expansão do colonialismo britânico. Esse verdadeiro império de influência política e econômica atingiu seu ápice na primeira metade do século XX, com uma expansão territorial que alcançava 20% das terras do planeta. O *British Empire* chegou a ficar conhecido como "*the empire where the sun never sets*" devido à sua vasta abrangência geográfica, provocando uma igualmente vasta disseminação da língua inglesa.

**Schutz (2008)** conclui que, em segundo lugar, o poderio político-militar dos EUA a partir da segunda guerra mundial e a marcante influência econômica e cultural resultante, acabaram por deslocar o francês como língua predominante nos meios diplomáticos e solidificar o inglês na posição de padrão das comunicações internacionais. Simultaneamente, ocorre um rápido desenvolvimento do transporte aéreo e das tecnologias de telecomunicação. Surgem os conceitos de *information superhighway* e *global village* para caracterizar um mundo no qual uma linguagem comum de comunicação é imprescindível. Fazendo um paralelo com a visão de Rodrigues-Rocha (2012), **este nos** assegura que após uma imersão nos três períodos da história cultural da Língua Inglesa e analisando os aspectos, fonológico, sintático e semântico, bem como suas relevâncias no campo social, cultural, político e econômico, **pode-se perceber** que a língua é o instrumento através do qual o indivíduo alcança o seu objetivo maior: a dominação seja ela através da sedução, intimidação ou imposição. Esse último,

logicamente, predominando sobre os outros dois, uma vez que o colonizador, diante de um grupo que almeja colonizar, impõe bruscamente sua linguagem e sua cultura, como aconteceu no Brasil na época da colonização. Aos nativos não fora dada a chance do diálogo, antes, houve a usurpação e força opressora sobre todos.

**Schutz (2008) ao fazer uma análise comparativa com outros teóricos, argumenta** que é importante percebermos a necessidade do conhecimento linguístico para que ocorra a colonização, pois, de acordo com Bakhtin (1997, p.67), “somente através da experiência vivida é que se adquire a competência para determinados usos da língua”, isto é, no fazer do dia a dia é que nós construímos e somos construídos.

**Ou como nos lembra Foucault (2002),** a língua só existe a título de sistema de construção para enunciados possíveis; mas por outro lado, ela só existe a título de descrição obtida a partir de um conjunto de enunciados reais. Assim, podemos compreender que um enunciado pode ser feito de signos e, ainda, esses signos regem o enunciado. **Para Foucault (2002), os signos que constituem seus elementos são formas que se impõem e que os regem do interior e concebemos** o discurso como uma dispersão, isto é, como sendo formado por elementos que não estão ligados por nenhum princípio de unidade. Então para ele, podemos visualizar, de forma clara, que as palavras utilizadas pelos falantes, sejam da língua inglesa ou não, têm um ponto em comum: o objeto, o signo linguístico, que existe, coexiste e se transforma num espaço comum discursivo, **conforme elucidamos na constituição da língua inglesa.** Ora servindo ao falante ora assujeitando-o, como nos ensina Barthes (1998, p.25): os signos só existem na medida em que são reconhecidos. “O signo é um seguidor gregário; em cada signo dorme esse monstro: o estereótipo.” (BARTHES, 1998, p. 27).

**Mas voltando a questão da Língua Inglesa** a English Town (2013), **nos assegura** que língua inglesa tornou-se a linguagem global porque tornou-se parte vital da economia, cultura e sociedades internacionais. **De acordo com a referida obra não importa se o cidadão planeja se tornar** um professor ou um repórter, um médico ou um banqueiro. **Mais que a profissão o saber Inglês pode assegurar parte do sucesso.** Tornou-se quase um clichê dizer que falar Inglês bem é de grande ajuda no mundo dos negócios, e é cada vez mais verdade enquanto o comércio internacional cresce a cada ano, aproximando novos países. Muitos dos melhores programas de MBA são ensinados em Inglês, portanto falar bem a língua pode **colocar o estudante ou o empresário em uma posição de acesso aos melhores treinamentos** e credenciais. Com mais e mais **companhias sendo compradas ou se**



**fundindo com empresas globalizadas o cidadão/funcionário** precisará falar em Inglês com seu novo chefe!

**Ainda para a Town (2013), se um estudante tem entre suas ambições a ciência ou medicina,** ele não pode negligenciar o Inglês. Muito da terminologia técnica é baseada em palavras em Inglês, e se essa pessoa quiser aprender sobre as últimas descobertas e desenvolvimentos ao redor do mundo, ela as encontrará em jornais e pesquisas publicadas em Inglês, não importa se os cientistas que as escreveram forem da China ou da Noruega. E, é claro, com um bom Inglês falado, **esse indivíduo** poderá se misturar em conferências e seminários. Ainda na visão da Town, o Inglês também abre portas no mundo acadêmico. Claro, se o melhor programa no seu campo ficar na Inglaterra ou na América, o Inglês lhe dará a oportunidade de estudar com os maiores eruditos.

**Outro ponto a se destacar é que muitas universidades** Ocidentais estão se tornando altamente internacionais, com professores, estudantes e acadêmicos visitantes de todas as partes do mundo, e sua linguagem de trabalho comum é o Inglês. Assistir a conferências internacionais e publicar em jornais estrangeiros são algumas chaves para o sucesso acadêmico. No entanto, é sabido que nesse mundo a não dominância do inglês pelos graduandos é marcante. **Salientamos que este aspecto também será investigado nesta pesquisa** enquanto uma complementação.

Jornalistas e escritores do mundo inteiro estão descobrindo que um bom domínio do Inglês é cada vez mais uma habilidade muito útil. Mesmo se o profissional está escrevendo seus artigos e fazendo suas entrevistas na sua própria língua, com um bom Inglês você pode conseguir antecedentes de serviços de informações internacionais e jornais e revistas de todo o mundo. **Assim, esse profissional poderá entrevistar pessoas de negócios estrangeiras,** diplomatas e quem sabe até ser mandado para cobrir as notícias do outro lado do oceano.

Por outro lado, está patente aos nossos olhos no cotidiano a presença marcante dos anglicismos (palavras da língua inglesa usadas na língua portuguesa, tais como: *hot dog, software, internet, notebook, laptop, play station, milk shake, outdoor, bike, ketchup, rock i-froll, vídeo game, desktop, streap tease, volleyball, basketball, handball, football* e tantas outras, isto é, é a língua que tem a maior presença no nosso vocabulário, se tornando, portanto, o segundo idioma mais presente em nossa realidade, com a influência da globalização da economia, que será abordada em seguida.

## 2.2 A IMPORTÂNCIA DA AQUISIÇÃO DA LÍNGUA INGLESA NOS DIAS ATUAIS

No passado, seria considerada analfabeto a pessoa que não tivesse a aquisição da escrita. Na contemporaneidade, esse analfabeto é chamado de funcional, isto é, aquele que mesmo dominando a escrita e leitura da sua língua, não possui as habilidades necessárias para satisfazer as demandas do seu dia a dia e se desenvolver pessoal e profissionalmente, sendo que a aquisição da competência comunicativa da língua inglesa é uma saída pela qual os indivíduos, caso tenha acesso à essa aquisição, não seja considerado esse analfabeto funcional.

O inglês é uma ferramenta essencial não somente na vida acadêmica desde os cursos de graduação até os de pós-graduação, como também em termos profissionais e assim à inserção no mercado de trabalho em geral e no turismo, até mesmo, pelo fato da penetração de universidades americanas que adquirem cada vez mais algumas universidades e faculdades particulares na cidade de Salvador, contudo nem todos os indivíduos têm o acesso na aquisição da competência comunicativa desse idioma. Schütz (2010) declara que:

O analfabetismo era comum na Idade Média. Quando um rei precisava comunicar-se com outro, contratava um escriba para desenhar a mensagem em linguagem escrita. É fato sabido, por exemplo, que Carlos Magno, no século VIII, era analfabeto. A inexistência da imprensa dificultava a padronização da ortografia, fazendo da escrita uma arte complexa. A arte de bem escrever era uma habilidade profissional especializada, ao alcance de poucos. Esta talvez seja a razão pela qual em 1500 a expedição portuguesa sob o comando de Pedro Álvares Cabral trouxe Pero Vaz de Caminha como escrivão da armada. Por volta de 1700 o índice de pessoas alfabetizadas na Europa era de apenas de 30 a 40 por cento. Esse mesmo índice, por volta de 1850, já era de 50 a 55 por cento, enquanto que durante a segunda metade do século 19 a habilidade de escrever tornou-se uma qualificação básica do ser humano. No século 20 o analfabetismo tornou-se definitivamente uma deficiência intolerável em qualquer plano social, em qualquer profissão. Um analfabeto nos países desenvolvidos de hoje seria uma pessoa totalmente marginalizada. (SCHÜTZ, 2010, p. 30).

Esse mesmo autor acredita que:

O que aconteceu com a habilidade de ler e escrever está começando a acontecer com a habilidade de se dominar a segunda língua. Se compararmos a importância de se falar uma língua estrangeira 50 anos atrás com a necessidade hoje de a pessoa ser bilíngue, pode-se facilmente entender a ameaça que o monolinguismo representa e imaginar o problema em que se constituirá quando nossos filhos tornarem-se adultos e ao assumir este papel de língua global, o inglês torna-se uma das mais importantes ferramentas, tanto acadêmicas quanto profissionais. É hoje inquestionavelmente reconhecido como a língua mais importante a ser adquirida na atual comunidade internacional. Este fato é incontestável e parece ser irreversível. O inglês acabou tornando-se o meio de comunicação

por excelência tanto do mundo científico como do mundo de negócios. (SCHUTZ, 2010, p. 32).

Ele conclui, afirmando que hoje já é previsível que dinheiro e riqueza materiais serão substituídos por informação e conhecimento, como fatores determinantes na estruturação da futura sociedade humana e proficiência na linguagem, então, será essencial para se alcançar sucesso. O maior bem que o ser humano pode ter é o conhecimento, pois ele é um dos principais fatores que diferencia um indivíduo do outro, e o conhecimento da língua inglesa é um diferencial e que coloca pessoas em níveis totalmente distanciados. No entendimento de Rocha (2010):

O fenômeno da súbita globalização do mundo e da conseqüente necessidade de uma linguagem eficiente de comunicação é um fato que não depende de nele acreditarmos ou não. Sendo assim, aprender um idioma se tornou uma necessidade básica para profissionais de diversas áreas e para aqueles que se preparam para ingressar em um mercado de trabalho cada vez mais competitivo. O domínio de idiomas significa crescimento, desenvolvimento e, acima de tudo, melhores condições de acompanhar as rápidas mudanças que vêm ocorrendo nesse novo e tecnológico século. (ROCHA, 2010, p. 67).

Para a referida autora a crescente internacionalização dos mercados levou as nações a adotarem o inglês como a língua mais usada no mundo dos negócios e considerando a importância econômica do Brasil como país em desenvolvimento, dominar o inglês se tornou sinônimo de sobrevivência e integração global. A aquisição da competência comunicativa do inglês abre as portas para o desenvolvimento pessoal, profissional e cultural. O mercado atualmente considera um requisito básico no momento da contratação que o candidato domine o inglês.

Muitas vezes o conhecimento do inglês significa condição de ingresso no emprego. Para ela, as Universidades hoje, conscientes da importância do inglês no contexto social e profissional estão testando cada vez mais o conhecimento desse idioma em seus vestibulares. Por essa razão, não só o profissional que já atua no mercado precisa ter conhecimento da língua como também o jovem que deseja ingressar em um curso de graduação, onde o inglês deixou de ser luxo para integrar o perfil do profissional ou futuro profissional por mais jovem que ele seja. A realidade é uma só; ou você domina um ou mais idiomas e o inglês é primordial, ou suas chances serão menores. Com o advento da Internet, o conhecimento do inglês se tornou fundamental para aquele que busca fazer uma pesquisa eficiente na Web. A internet tende a ser, no presente, um dos mais poderosos instrumentos tecnológicos aptos a trazer e levar informações de forma mais eficiente e a tendência é que as pessoas se deem conta disso cada vez mais rápido. Se se domina o inglês, todas as suas buscas na rede lograrão êxito.

O inglês é um idioma conhecido em **qualquer lugar do mundo, até na China se fala inglês. Concluiu a autora que o viajante moderno precisa dominar a língua inglesa, assim sendo terá uma viagem mais agradável e não será um turista que só tirara fotos e fará gestos para tentar conseguir o que quer.**

No entendimento de Crystal (2001) todos deveriam ser, no mínimo bilíngues e dominar pelo menos um idioma utilizado globalmente. Warschauer (2000) por sua vez, afirma que é fundamental o conhecimento da língua inglesa nessa era digital.

Centenaro (2007) considera que falar inglês é o mesmo que abrir as portas do mundo. Qualquer que seja a língua nativa de um país, são de 90% as chances de que alguém fale ou mesmo entenda este idioma. Com ele, não só é possível como natural, se comunicar com pessoas de qualquer parte do globo, como se estivessem conversando em sua língua nativa. Na Internet, é muito mais fácil encontrar informações em inglês do que em qualquer outra língua. Além disso, o inglês habita boa parte da nossa vida cotidiana. **Assim sendo**, conclui e enfatiza mais uma vez, que o domínio da língua inglesa, tem o poder de nos colocar em contato com pessoas que possivelmente nunca conheceríamos, nunca saberíamos da sua existência, nos insere em uma nova cultura, em um mundo extraordinariamente novo e deslumbrante. Permite-nos fazer parte do todo, e sermos literalmente, cidadãos do mundo.

Lacoste (2005) também complementa que é necessário adquirir o conhecimento do inglês para acompanhar o que acontece no mundo, na economia, na administração e em todas as áreas de estudo como as ciências da saúde e das artes. Santos (2002) também ratifica e acrescenta tal afirmação corroborando a visão de Lacoste (2005) o qual assevera que:

Existe o lado perverso da globalização, pois ele é excludente, levando as populações ao desemprego, inacessibilidade da educação e essa própria educação que é cada vez mais inacessível. Ainda no pensamento do autor, o conhecimento de língua inglesa tornou-se fundamental como fator de acesso ao mercado de trabalho e ao mundo acadêmico, pois para ele todas as ações da economia, política e cultura são ditas em língua inglesa, que é um idioma vertical, racional, universal e excludente, pois não está disponível a todos, mas acredita na criação de uma globalização mais justa e humana. (SANTOS, 2002, p. 135).

Quanto a esta globalização excludente e a inacessibilidade para a aquisição da língua inglesa a todos, Kezen (2012) relata que o ensino de língua estrangeira no Brasil sempre foi discriminatório. Acreditamos que o ensino de língua estrangeira possa ser democratizante, mas isto exige uma redefinição de valores e comportamentos. O papel do professor e da educação mesmo na era da informática, continua sendo importante. O acesso ao conhecimento torna-se, cada vez mais, uma das maiores exigências no campo da cidadania.

No Brasil, esta necessidade aumenta, devido aos longos períodos de elitização educacional, exclusão e desigualdade social. Precisamos, conscientes de nosso papel, reverter esta tendência, com iniciativas que visem a extensão do acesso de outras camadas da população ao conhecimento de uma língua estrangeira, como uma estratégia de democratização do poder. Por isso, é tão importante que professores de língua estrangeira levem a sério esta gigantesca tarefa que é levar o aluno à superação de preconceitos para levá-lo à inclusão social que nada mais é do que seu direito como cidadão deste país e do mundo. Entretanto, para que se viabilize como um instrumento eficaz nesta época em que se encurtam as distâncias físicas, mas em muitos casos, se aprofundam as distâncias sociais, é preciso pensar na construção de alternativas concretas que representem, na prática, iniciativas de democratização em todos os níveis, e, relevantemente, no campo do acesso ao conhecimento.

A democratização do acesso à língua estrangeira está intrinsecamente ligada ao tema da diversidade cultural que vem adquirindo importância na atualidade e deve apontar para uma perspectiva plurilingue. A escola pública é composta em sua maioria de indivíduos oriundos de classes populares, excluídos do acesso às riquezas produzidas pela sociedade e marginalizados em termos sociais e culturais. O domínio de língua estrangeira auxilia o educando em seu processo de auto-afirmação, recuperação ou afirmação da auto-estima e a superação do sentimento de impotência. Além do fato que a noção da diversidade cultural torna-se negativa quando existe uma relação política, econômica e cultural com o país de origem da língua, que pressupõe superioridade estrangeira e uma conseqüente geração de complexo de inferioridade nacional, em que o ensino da língua estrangeira deve, portanto, superar esta relação (KEZEN, 2012).

Ou seja, a importância de adquirir a língua inglesa atualmente é fato, possibilitando o conhecimento para sobreviver numa época globalizante, por outro lado essa aquisição é extremamente elitista, já que somente as classes mais abastadas financeiramente são as maiores beneficiadas.

### 2.3 DIFUSÃO DA LÍNGUA INGLESA NA CONTEMPORANEIDADE

Schütz (2010) aponta que a história, ao coroar o inglês, como língua do mundo, sentenciou o monolinguismo nos países de língua não-inglesa a se tornarem o analfabetismo do futuro. Em primeiro lugar devido ao grande poderio econômico da Inglaterra no século XIX, alavancado pela Revolução Industrial, e a conseqüente expansão do colonialismo britânico, o qual chegou

a alcançar uma vasta abrangência geográfica e uma igualmente vasta disseminação da língua inglesa. Em segundo lugar, devido ao poderio político-militar dos EUA a partir da segunda guerra mundial, e a marcante influência econômica e cultural resultante. Então, o francês foi deslocado dos meios diplomáticos e foi solidificado o inglês na posição de padrão das comunicações internacionais.

Ainda na ótica do autor, a atual busca de informação aliada à necessidade de comunicação em nível mundial já fez com que o inglês fosse promovido de língua dos povos americano, britânico, irlandês, australiano, neozelandês, canadense, caribenhos, e sul-africano, a língua internacional enquanto que o **português é a terceira língua ocidental mais falada por** cerca de **244 milhões de** pessoas. O inglês é falado como língua materna por cerca de 400 milhões de pessoas, tendo já se tornado a língua franca, isto é, a língua das nações poderosas economicamente ou mesmo o latim dos tempos modernos. Crystal (2001) ainda revela que o inglês está presente em um terço dos jornais, a maioria das revistas do mundo, música, cinema, tecnologia e transmissões radiofônicas. Contudo, é sabido que a grande maioria da população não decifra o código linguístico dessa língua.

Crystal (2001) considera ainda que as razões da difusão do idioma são: os fatores históricos, geográficos (quando os ingleses invadiram várias regiões do mundo) e os sócio-culturais (com o "boom" do idioma no mundo, tornando-se como uma língua estrangeira, isto é, quando aprende-se o idioma, mas do lado de fora ouve-se o português e como segunda língua, quando todo o contexto dentro e fora da sala de aula é em inglês. Ianni (1998) acrescenta que a globalização é uma ruptura nas formas de ser, sentir, agir e pensar. No entendimento de Beau (2005) o capitalismo industrial inglês se expandiu mais pelo mundo, devido ao aparecimento da indústria mecanizada, tornando-se líder financeiro mundial, primeiramente, e depois os Estados Unidos que ocuparam tal posição.

Com tais mudanças e ligações entre vários países, passa a se constituir na visão de Ianni (1998) que a maioria do conhecimento do globo, é dado em inglês. Santos (2002) acrescenta que essa difusão do idioma serve para nos manter informados e nos comunicar com os indivíduos do outro lado do planeta. Ianni (1998) vai mais além ao informar que o inglês é o idioma universal, comum da globalização, pois une, ou aparta, todas as civilizações mundiais de forma comunicativa, pragmática expressiva e informática. **Aqui cabe uma citação elucidativa:**

[...] além disso , há estimativas de que 85% das publicações científicas do mundo, 75% de toda comunicação internacional por escrito, 80% da

informação armazenada em todos os computadores do mundo e 90% do conteúdo da Internet são em inglês. Acrescente-se a isso a redução de custos de passagens aéreas, o que aumenta contatos internacionais em nível interpessoal. Em paralelo, a atual revolução das telecomunicações proporcionada pela informática, pela fibra ótica e por satélites, despejando informações via TV ou colocando o conhecimento da humanidade ao alcance de todos via Internet, cria o conceito de auto-estrada de informações. Estes dois fatores bem demonstram como o mundo evoluiu a ponto de tornar-se uma vila global, e o quanto necessário é que se estabeleça uma linguagem comum. É hoje inquestionavelmente reconhecido como a língua mais importante a ser adquirida na atual comunidade internacional. Este fato é incontestável e parece ser irreversível. O inglês acabou tornando-se o meio de comunicação por excelência tanto do mundo científico como do mundo de negócios. (SCHUTZ, 2010, p. 63).

De acordo com Le Breton (2005) em evidências da geopolítica do inglês, relata que a língua inglesa se transformou de língua nacional para imperial, tendendo-se a se tornar a língua dos homens seguros de si, da riqueza, da pesquisa, da ciência e do progresso. Santos (2002) complementa que a globalização criou novos atores, dando novos papéis as pessoas que passam a ter uma função política, devido ao crescimento demográfico, urbano, do consumo, do crédito, da produção industrial, agrícola, comércio, transportes, obras públicas, administração e por fim da necessidade de informação. Segundo Sklair (1999) o impacto das práticas transnacionais sobre o sistema global está patente para todos, em que os EUA, estão dominando o mundo mediante sua língua, cultura e indústria, controlando tudo e impondo o inglês, que é sua língua hegemônica. Hall (2006, p.77) acrescenta e questiona se as identidades nacionais estão sendo "homogeneizadas" e que a homogeneização cultural é "o grito angustiado daqueles (as) que estão convencidos (as) de que a globalização ameaça solapar as identidades e a "unidade" das culturas nacionais". Entretanto, acrescenta que, como visão do futuro das identidades num mundo pós-moderno, este quadro, da forma como é colocado, é muito simplista, exagerado e unilateral.

O processo de globalização, por conseguinte, parece ter um papel fundamental na forma como as pessoas se constituem como sujeitos. Assim, seja numa vila periférica, numa grande metrópole ou em áreas rurais, por meio das novas tecnologias (internet, TV a cabo, telefone celular, iPods) é possível conectar-se, interagir, informar-se e consumir produtos de origens variadas e "distantes". Apesar da imensa diversidade, uma língua em especial se propõe a ligar as pessoas e forjar muitas possibilidades de identidade - a língua inglesa. A presença maciça do inglês pode ser observada no mundo do trabalho, da comunicação, das tecnologias, das viagens e do entretenimento.

E isso não acontece por acaso. A expansão dos domínios desse idioma delineou-se a partir da Revolução Industrial e do processo de colonização de países nas Américas, Ásia, África e Oceania. Embora as condições para estabelecer o inglês como língua internacional tenha sido implementada pela Grã-Bretanha, a emergência dos Estados Unidos como superpotência, em meados do século XX, garantiu a consolidação desse idioma como língua global. O surgimento e "democratização" da rede mundial de computadores - a internet - também contribuiu significativamente para essa expansão.

**Nesse aspecto** se pode falar de Universo da Língua Inglesa. Tal expressão é compreendida como um termo amplo que abrange essa língua. Materiais didáticos e paradidáticos para seu ensino, discursos produzidos nela e a partir dela, produtos e artefatos culturais (roupas, perfumes, músicas, filmes, séries de TV, alimentos, tecnologia, ciência, modelos de comportamento e de educação formal) produzidos e/ou associados aos países anglofonos - especialmente Estados Unidos e Inglaterra - e a seus falantes (nativos ou não), apesar dessa língua possuir 45% dos seus vocábulos de origem latina.

Este mesmo autor realmente acredita que esse universo é parte constitutiva dos modos de vida na contemporaneidade. Ele parece abranger literalmente todos os setores da sociedade e se fazer presente de forma mais ou menos explícita no nosso cotidiano. O uso de termos e expressões da língua inglesa deixa marcas, inaugura racionalidades onde quer que ela se infiltre. Como uma espécie de canto da sereia, somos envolvidos de maneira sedutora especialmente pela mídia. Em consequência disso, as relações entre o inglês e prazer, felicidade, êxtase, sofisticação são repetidamente reiteradas nos anúncios e propagandas, nos filmes e séries, nas músicas e revistas. Além disso, a ideia de ser "descolado", "antenado" e fazer parte de um clube, que promete "nada além do melhor", está associada a tal língua. Em virtude disso, para ele, somos impelidos a conhecer, estudar, integrar esse universo, que promete garantir desde os melhores empregos - como demonstram diariamente os anúncios classificados dos jornais - até momentos sucessivos de prazer a serem consumidos no estilo *fast food*.

**Considerando tal entorno, Le Breton (2005) afirma que pode-se fazer uso da assertiva** de Graddol (2000, p.20) que aponta para a existência de uma elite que considera o inglês como um diferencial dentre as demais línguas. No mesmo sentido, tal língua tem sido apontada como forma de inserção na cultura globalizada. Embora, inicialmente, a língua inglesa tenha passado por um processo de domínio nos moldes mais tradicionais do imperialismo, atualmente ela surge como parte de um dispositivo que, por meio de um "micropoder



capilarizado" (FOUCAULT, 2008) nas suas mais diversas manifestações, parece capaz de ditar regras e normas às quais se moldam "corpos dóceis" para usufruir dos incontáveis benefícios que seu conhecimento e utilização prometem oferecer. Como um dos operadores centrais na comodificação dos sujeitos da sociedade de consumo, a língua inglesa parece aumentar consideravelmente o valor de troca dos indivíduos que não apenas podem consumi-la, mas também podem ser consumidos globalmente. Conforme pontua Phillipson (1992, p. 31) "[a] conclusão parece ser a de que você está, num sentido muito concreto, desfavorecido se você não sabe inglês. E quem se arriscaria a ficar desfavorecido num mundo onde a competição acirrada impera?"

Romanelli (1978) mediante evidências históricas da Educação no Brasil, acrescenta que houve também a operação *Brother Sam*, a qual foi desencadeada pelos forças armadas dos Estados Unidos, com uma invasão rápida no Brasil, sob a ordem de apoiar o golpe de 1964 bem como da operação *Popeye* com a frota do Caribe Norte-americana. Diante disso, apareceu o MEC/USAID, ou seja, o Ministério da Educação com uma agência dos EUA de desenvolvimento internacional, que acabou instituindo no Brasil a obrigatoriedade da língua inglesa desde o antigo primeiro grau, onde foram enviados técnicos dos EUA para criar a reforma da educação pública brasileira que atingiu todos os níveis de ensino, os quais queriam inicialmente privatizar as escolas públicas (as quais tinham um ensino de qualidade), mas como não conseguiram êxito, eles resolveram sucatear essas instituições, favorecendo para que estas começassem a decolar com um ensino deficiente.

Portanto, a língua inglesa é usada cada vez mais na mídia, no campo educacional: cursos, colégios, faculdades particulares, universidades públicas e até mesmo em algumas escolas da rede pública de ensino desde o sexto ano do ensino fundamental até o terceiro ano do ensino médio. Isso posto, se verifica que a cultura inglesa, o idioma e a cosmovisão de mundo - acabam adentrando em todas as partes do mundo, desvalorizando, muitas vezes, a cultura e identidade de alguns povos. Daí a importância de um idioma de se impor enquanto língua internacional, sem, contudo, desvalorizar a do outro.

Bom exemplo de "mundialização da cultura e fala inglesa" se verifica no processo de "Mcdonaldização", ou seja, a relação industrial que acaba ocupando espaço nas diversas sociedades, capitalistas ou não, reforçando o inglês como um idioma universal da cultura de consumo de massa. Featherstone (1996) **acredita que não é difícil** perceber essa influência nos shoppings da cidade, internamente e externamente com o chamado "*drive thru*", para quem prefere mais conforto na entrega dos produtos oferecidos pela empresa Mcdonald's, a

multiplicação de clientes a cada dia na procura desses conhecidos *fast foods* americanos, e muitas vezes a maioria desses consumidores nem chegam a perceber que estão sendo influenciados pela cultura americana que, na verdade, é uma forma de ser globalizado, pois como declara Ianni (1996, p.201) "todos os lugares são mundiais, mas não há um espaço mundial. Quem se globaliza, mesmo, são as pessoas e os lugares".

No entendimento de Seidlhofer (2003) os principais efeitos negativos da difusão da língua inglesa, é sua influência sobre a identidade cultural nas outras línguas e o fato de estarem associados a uma elite e supremacia econômica, com uma americanização do mundo, que acaba, paradoxalmente, abrindo portas para poucos e fechando para muitos. Ainda para esta autora, sem a América, o inglês não seria uma língua global hoje e somente esta América poderia ter colocado essa língua nesta posição.

Sklair (1995, p.41) acrescenta que os dois Mes (McLuhan e McDonald's) foram bem sucedidos em moldar a aldeia global sob a forma, de um mercado de *fast food*, ou que o mundo "real" está em vias de ser reconstruído como um parque de cunho universal nos moldes da Disneylândia". Para Ianni (1996) o nacional está dando guarita ao global: o paradigma clássico das ciências sociais foi constituído e continua a desenvolver-se com base na reflexão sobre as formas e os movimentos da sociedade nacional. Mas a sociedade nacional está sendo recoberta, assimilada ou subsumida pela sociedade global, uma realidade que não está ainda suficientemente reconhecida e codificada. A sociedade global apresenta desafios empíricos e metodológicos, ou históricos e teóricos, que exigem novos conceitos, outras categorias, diferentes interpretações.

Essa sociedade global, portanto, é carente de uma melhor interpretação. Surge como um novo paradigma que desafia a reflexão e a imaginação de cientistas sociais, filósofos e artistas, transformando-se no novo objeto das ciências sociais. Ianni (1996) vai mais longe ao afirmar que a cultura da globalização passa pela cultura de massa, indústria cultural, mídias impressa e eletrônica, religiões, línguas, além de outros aspectos que transbordam limites convencionais da antropologia e sociologia e que o local e o global estão distantes e próximos.

Oliveira e Rizek (2007) investigam sobre o sentido político do impacto que a aliança entre a tecnociência e o capital global estão exercendo no conceito de natureza humana, com a supressão do humano, pelo liberalismo e neoliberalismo, em sua máxima expressão contemporânea. Sennett (2008) acrescenta que o problema que se impõe é o de como organizar as histórias de nossas vidas agora, num capitalismo que nos deixa à deriva, portanto,

exige-se um senso maior de comunidade, e um senso mais pleno de caráter, do crescente número de pessoas que, no capitalismo moderno, estão condenadas a fracassar. Santos (2001) para terminar essa temática, afirma que no limiar da ciência moderna, está a dúvida e na pós-modernidade está a insegurança, a qual resulta ainda do fato de a nossa reflexão epistemológica ser muito mais avançada e sofisticada que a nossa prática científica, em que nos encontramos divididos, fragmentados, onde sabemos o caminho, mas não exatamente onde estamos na jornada. Assim o é com o ensino de língua inglesa, cujas teorias de ensino avançam, mas não encontram ressonância nas mais diferentes escolas, principalmente no Brasil. Há um hiato entre teoria e prática e um divórcio entre o que é pesquisado no ensino superior e a realidade do ensino fundamental e médio.

Na concepção de Rajagopalan (2005) a hegemonia da língua inglesa no mundo, a qual é um elo de comunicação entre todas as sociedades mundiais, não é dada, pelo fato de ser falada apenas nos Estados Unidos, Reino Unido e Austrália, mas, porque é um fenômeno linguístico em que dois terços dos usuários são de outras nacionalidades. Gove (1986) afirma que parece bastante claro que antes do término do século XX todas as comunidades do mundo vão ter aprendido a se comunicar com o resto da humanidade e que neste processo de intercomunicação a língua inglesa já terá se tornado a língua mais importante no planeta. Crystal (2001) acrescenta que à medida que o inglês se torna o principal meio de comunicação entre as nações, é crucial garantirmos que seja ensinado com precisão e eficiência, para não cair no que Philipson (2003) compara de forma taxativa e sábia, de que, quem não domina a língua inglesa hoje, é considerado uma "depravação linguística".

Apesar "dessa supressão do humano", pelo neoliberalismo e a elite estadunidense, a aquisição da língua deles, poderia ser uma forma de proteger a nossa cultura brasileira e ser um grande diferencial na vida de indivíduos, principalmente, daqueles que não estão inclusos nesse processo, para também usufruir do capital, já que esta aquisição certamente poderá ter implicações sócio-econômicas na vida de discentes, pessoas ligadas diretamente ao turismo bem como acadêmicos das universidades.

## 2.4 A RELAÇÃO DA LÍNGUA INGLESA COM A INCLUSÃO SOCIAL E A RENTABILIDADE FINANCEIRA

Pode-se afirmar que a aquisição da competência comunicativa da língua inglesa na contemporaneidade é um dever da escola e um direito de todo cidadão e a escola não pode mais se omitir desse ensino. Contudo, tal fato, só será conseguido se a escola colocar como essência o conceito de cidadania na praticidade do cotidiano. **A respeito deste aspecto Freire esclarece que:**

A Escola Cidadã é aquela que se assume como um centro de direitos e deveres. O que a caracteriza é a formação para a cidadania. A Escola Cidadã, então, é a escola que viabiliza a cidadania de quem está nela e de quem vem a ela. Ela não pode ser uma escola cidadã em si e para si. Ela é cidadã na medida mesma em que se exercita na construção da cidadania de quem usa o seu espaço. A Escola Cidadã é uma escola coerente com a liberdade. É coerente com o seu discurso formador, libertador. É toda escola que, brigando para ser ela mesma, luta para que os educandos, educadores também sejam eles mesmos. E como ninguém pode ser só, a Escola Cidadã é uma escola de comunidade, de companheirismo. É uma escola de produção comum do saber e da liberdade. É uma escola que vive a experiência tensa da democracia. (FREIRE, 2002, p. 11-12).

Em se tratando de cidadania, podemos referenciar Zizemer (2006) que assim como Freire (apud GADOTTI; LEONARD; MCLAREN, 2002) convergem no mesmo ponto ao enfatizarem que a educação, como direito social, tem grande parcela de responsabilidade com relação à cidadania, e pode contribuir para efetivá-la.

Exercer a cidadania, realizar-se como cidadão, implica luta permanente, tanto contra um processo de dominação por exploração, quanto, neste momento, pela dominação pela exclusão. Isto é, a lógica da acumulação: apropriação dos bens, apropriação das oportunidades de condições, a sonegação das expectativas sociais de convívio sustentável; a derrocada da ética de vida com dignidade. Nesse contexto os excluídos são aqueles a quem sonegamos o direito à vida com dignidade, e a resposta, além de ser mais política do que jurídica, é de solidariedade.

Solidariedade como expressão de um agir político com responsabilidade social. [...] Na solidariedade, usufruto, liberdade igualdade; na competição de mercado capitalista, conquista, acumulação/exclusão e dominação. [...] a cidadania deverá escolher o caminho da autonomia coletiva. (BERTASO, 2002, p. 430).

Ao mesmo tempo surgem duas indagações: A escola pública tem exercido na prática este conceito tão essencial de cidadania, visando construir uma sociedade mais justa e democrática? A teoria parece **suplantar a praticidade** cotidiana. É possível construir e

implementar políticas públicas em favor de uma democratização? O movimento no Brasil favorável para este aspecto ainda é lento e tímido, já que existe "um outro lado negro da moeda", com a forte atuação da globalização econômica. **Zizimer (2006) afirma que é possível que a sociedade se organize em prol da cidadania**, assim:

Uma das principais características do mundo contemporâneo é a globalização econômica, bem como o desenvolvimento de novas formas de solidariedade entre os cidadãos, configurando uma tendência para a constituição de uma sociedade civil global como contraponto à tendência de relativo enfraquecimento do Estado nacional. (ZIZIMER, 2006, p. 66).

Este idioma proporciona contato com outras culturas, via internet, bem como seu uso é também cada vez mais utilizado no mundo científico e dos negócios o que pode gerar a ampliação da cidadania, inclusão social e inserção sócio-econômica dos discentes pertencentes às classes menos privilegiadas. A língua inglesa tem tido um papel de destaque mundialmente.

Ao conhecer somente a língua materna, o indivíduo priva-se de acessar informações disponíveis em outras línguas deixando de obter em primeira mão conhecimentos compartilhados no resto do mundo que poderiam contribuir para seu crescimento pessoal. (NICHOLS, 2001, p.16).

Atualmente, o caráter formativo de uma língua estrangeira ganha muito destaque, conforme apontam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN,s) de Língua Estrangeira:

Objetiva-se restaurar o papel da Língua Estrangeira na formação educacional. A aprendizagem de uma língua estrangeira, juntamente com a língua materna é um direito de todo cidadão, conforme expresso na Lei de Diretrizes de Bases e na Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, publicada pelo Centro Internacional Escarre para Minorias Étnicas e Nações (Ciemen) e pelo PEN-Club Internacional. Sendo assim, a escola não pode mais omitir em relação a essa aprendizagem. (BRASIL, 1998, p. 19).

Complementa essa diretriz, Charlot (2005) ao afirmar que o ensino da língua estrangeira é dever da escola, e se a maioria das escolas oferece de forma exclusiva, o inglês, e ainda se, no caso dos discentes das camadas de baixa renda, a escola pública é o único espaço para a aquisição desse idioma. Por isso espera-se que seu ensino seja produtivo e significativo para eles, possibilitando-lhes o acesso ao direito de formação completa, alargando e exercendo de forma ampla a sua cidadania e possam se servir desse conhecimento adquirido como mecanismo de inclusão social, principalmente porque vivem em uma sociedade globalizada.

Crystal (2001) também assegura que a proficiência na língua da comunidade global, o inglês, é hoje uma qualificação básica do indivíduo, tanto para sua carreira acadêmica quanto para a profissional, uma área por excelência que permitirá ao aluno das classes populares o contato com outras culturas e intercâmbio cultural. Em outro termos, Rocha (2010) revela que a

crecente internacionalização dos mercados levou as nações a adotarem o inglês como idioma oficial do mundo dos negócios e dominar o inglês se tornou sinônimo de sobrevivência e integração global, pois seu aprendizado abre as portas para o desenvolvimento pessoal, profissional e cultural, já que o mercado atualmente considera um requisito básico no momento da contratação que o candidato domine essa língua, já que o inglês deixou de ser luxo para integrar o perfil do profissional ou futuro profissional, por mais jovem que ele seja, pois para ela a realidade é uma só: ou você domina um ou mais idiomas (e o inglês é primordial) ou as chances dos indivíduos serão menores e, portanto, no futuro, a internet será um dos mais poderosos instrumentos tecnológicos, aptos a trazer e levar informações de modo mais eficiente e a tendência é que as pessoas se dêem conta disso cada vez mais rápido, pelo fato de o inglês ser fundamental para uma pesquisa eficiente na rede e o seu domínio permitirá buscas mais rápidas (ROCHA, 2010, p.40).

Essa mesma visão está presente na diretriz da agência Intergovernamental (2010) a qual afirma:

Grande parte dos centros nacionais de pesquisa premiam, em sua maioria, os pesquisadores que editam em inglês e favorecem a edição científica nessa língua. A maior parte das conferências internacionais aceitam unicamente o inglês como língua de comunicação, criando situações de incompreensão ou não inclusão daqueles que não podem apresentar palestra ou debater em inglês. O mundo da edição científica e técnica é dominado pelo inglês. Normas internacionais e patentes são setores em que o inglês se impõe cada vez mais, prejudicando empresas não anglófonas, obrigadas a arcar com custos de tradução ou por privá-las de conhecimentos necessários a sua evolução. (INTERGOVERNAMENTALE, 2010, p.15)

A partir dessas afirmações, acima expostas, cujas palavras remetem a necessidade imperiosa de se adquirir a língua inglesa como segunda língua, é oportuno referendar também as palavras de Neves (2010). Ela acredita que se não quisermos ser um povo isolado, remoto e perdido como temos estado talvez desde o século IX, estamos obrigados a aprender inglês e devemos introduzi-lo desde o ensino básico, como acontece no Japão e noutros países que entendem a globalização como um processo irreversível. Schütz (2010) informa que, ao assumir o papel de língua universal, o inglês torna-se importante para a qualificação profissional.

Quando focaliza-se a cidade de Salvador, em particular, onde a maioria da população é composta por afro-descendentes, marginalizados, em boa parte, dos processos inclusivos, vê-se que o ensino da língua inglesa poderia ser fator determinante na modificação dessa realidade. Até porque a língua inglesa tem um papel fundamental no processo de ascensão

social de afro-descendentes e sua aquisição pode superar preconceitos e contribuir para a conquista de posições sociais mais favoráveis. Ribeiro (2010) também acredita que o inglês é um mecanismo de ascensão social extremamente importante para todos, mas devido à discriminação social e racial, o acesso à língua para os negros é muito mais difícil, devido a fatores financeiros, educacionais e sociais. A língua inglesa não só assume um papel de ascensão social para o negro, como também o torna cidadão do mundo, em um processo de inclusão onde ele pode competir em condições de igualdade, pois através da aquisição da língua inglesa, o indivíduo adquire o conhecimento de mundo, tornando-se um ser crítico, engajado no processo discursivo.

**Assim sendo,** vê-se a necessidade de implementar uma educação pública de qualidade, principalmente no ensino de língua estrangeira moderna. Infelizmente é de conhecimento irrestrito que essa realidade é bem diferente, a educação pública é gratuita, mas não é inclusiva nem emancipadora. Santos (2002) afirma que a educação de qualidade é cada vez mais inacessível, já que é sabido que, mesmo com o avanço da tecnologia e globalização, há a não igualdade social entre as pessoas, principalmente na realidade brasileira, que ainda está em processo de desenvolvimento e que a concentração de capital está no poder de poucos, tornando, portanto, a economia da globalização desigual. A grande negatividade da globalização é o separatismo social entre os seres humanos, provocando a miséria, e a distribuição de renda desigual, sendo este último o grande problema brasileiro. Urge a necessidade de mais investimentos na educação, a fim de reduzir esse quadro caótico.

A aquisição da língua inglesa não privada, pensando em mercado de trabalho e renda, poderá ser uma boa alternativa para a classe menos favorecida. Hashman (2000) confirma essa boa alternativa, acrescentando que a aquisição desse idioma é uma alternativa para "abrir janelas ao mundo" do mercado de trabalho e segundo Warschauer (2000) é fundamental a fluência da língua inglesa para os profissionais nas empresas que trabalham, tanto num nível básico, quanto num mais avançado, dependendo da atuação de cada um. A aquisição da competência comunicativa da língua inglesa é diante disso, portanto, uma das alternativas para que uma pessoa possa ser inserida no mercado de trabalho e no turismo soteropolitano, que cresce cada vez mais e pode ser a garantia de ganho pessoal e econômico. Assim, fica claro a inclusão social e econômica.

## 2.5 A RELAÇÃO DO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA E A INCLUSÃO DIGITAL

Na concepção de Rosa (2009) desde o início da humanidade vivemos em constante mudança e, na atualidade, ela parece acontecer num ritmo ainda mais acelerado. Dois fatores que vieram a impulsionar essa aceleração nas nossas vidas são: a Globalização e as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). Diretamente ligados a esses dois fenômenos estão o domínio da língua inglesa (LI) para uma comunicação internacional e o conhecimento de informática para a utilização dessa mídia em busca de uma efetiva participação do sujeito no mundo globalizado. Entretanto, na realidade educacional pública Brasileira, os estudantes estão longe de participarem desse contexto por não possuírem o acesso aos meios tecnológicos e pelo ensino da LI ainda não ter ocupado um espaço importante na Escola. Para ela, portanto, é fundamental obter um embasamento para a reflexão principal que é alertar sobre a urgência de encontrarmos formas de inserirmos os alunos da Escola Pública neste novo mundo globalizado, intercultural e dinâmico.

Como meio de inserção desses alunos neste contexto que ora nos é apresentado, temos o aprendizado da Língua Inglesa, pois acreditamos que há um crescimento sociocultural do indivíduo ao aprender uma Língua Estrangeira, e temos ainda o domínio da mídia informática, pois ela permitirá o acesso à apropriação do conhecimento na internet, assim como a participação da comunicação que se dá de forma virtual.

O que levou ainda mais ao aumento da necessidade do aprendizado da LI no século XX foi a globalização e com isso as classes mais carentes ficaram excluídas deste universo por não terem a oportunidade de aprendizado de um idioma que permitisse uma comunicação mais proficiente em tal contexto, o que nos leva a questão da urgência de uma Pedagogia Social que contemple essa questão.

Conforme Moraes (2011), Ainda na visão dela, a Pedagogia Social se desenvolve em espaços de educação não formais que apresentam determinadas características, surgindo como respostas às exigências da educação de crianças e jovens, mas também de adultos, que vivem em condições de marginalização da sociedade. Portanto, preocupamo-nos em tecer uma discussão que verse sobre encontrarmos maneiras de o aluno da escola pública que vive em situação de risco obter seu desenvolvimento sociocultural e, aqui, propomos o aprendizado de LI e da informática como meio propulsor desse desenvolvimento, relatando uma prática positiva. Especialistas e profissionais da área de educação são unânimes em afirmar que o processo de decadência da educação pública no Brasil vem da metade do séc. XX, num



período que começou nos anos 50 e teve o ápice nos anos 70 (PALMA FILHO, 1998; RIBEIRO, 1982; SILVA, 2007).

Em 2003, a então Secretária de Educação Básica do Ministério da Educação (MEC), professora Maria do Pilar Lacerda fez a seguinte declaração ao SINPRO da Bahia:

Nós nunca tivemos um ensino público de qualidade no Brasil. No início, a escola não era para todos. Quando ainda era considerada boa, atendia uma parte muito pequena da população, que já vinha com a base educacional muito grande da família. A escola recebia filhos das classes mais altas e média e não fazia muita diferença na vida desses alunos. A partir dos anos 70, começou a privatização da educação básica, ao mesmo tempo em que o movimento social passou a garantir escola para todos. Quando as classes populares puderam entrar na escola pública, a classe alta saiu dela. Nesse mesmo período, a escola pública passou a receber menos recursos e menos estrutura. (LEAL, 2009).

**Assim sendo é fundamental** neste novo século em que é veemente o debate sobre políticas públicas, trazer também esse debate à educação pública baiana e brasileira em geral, pensando em aliar à implementação de fato e de verdade.

A autora complementa que concorda com Moita Lopes (1996) quando diz que a criança das classes oprimidas não está familiarizada com valores culturais e linguagem pertencentes à esfera que tem acesso à educação formal. Baeta (1992) também deixa claro a questão da importância e influência do meio no qual a criança constrói sua formação básica (sociocultural) para, ao chegar na escola, ter uma maior familiaridade com os valores nela impostos. Como um grande número das crianças de escola pública vive em contexto não muito propício para que tenham estímulo e motivação para o aprendizado, a escola passa a desempenhar um papel secundário na vida desses estudantes, um papel sem importância, pois está longe da sua realidade.

Ainda para esta autora, a disciplina de Língua Inglesa encontra-se mais distante ainda para esses alunos, pois ela transmite um status que eles desejam, porém não acreditam alcançá-lo. Muitas vezes essa crença é culpa dos próprios professores de LI que têm em seu discurso as famosas frases: "Eles não aprendem português quanto mais inglês" (MOITA LOPES, 1996, p. 63) e "[...] ensinar inglês em escolas públicas não funciona" (LIMA, 2011, p. 14). Nessa última fala, podemos perceber que, mesmo sendo o professor preparado e podendo até dar aulas nos cursos de idiomas particulares que prezam o total domínio do idioma por parte do professor, ele ainda assim não crê no sistema educacional público e, por conta disso, não se dedica ao ensino da LI como deveria dentro da escola pública. Parece mesmo que, imaginar

implementação de políticas públicas é a última e única solução viável ao viés desta problemática.

O caso é mais agravante quando a mesma autora menciona que, muitas vezes a disciplina de LI é ministrada por professores de outras áreas para completar suas cargas horárias e eles não sabem ou não dominam a língua, o que leva à desmotivação da turma. Aí temos um problema de valorização da disciplina, pois não deveríamos ter alguém sem conhecimento a ministrando e complementa que outro grande problema da escola pública é o fato de não haver mais regras claras para guiar seus alunos, seus professores, enfim, sua comunidade escolar. Hoje em dia tudo pode na "escola dos pobres". (LEFFA, 2011, p. 26).

**A referida estudiosa** conclui e afirma categoricamente que a escola pública brasileira vive num estado permanente de carnavalização, em que tudo está invertido, num verdadeiro mundo às avessas, diferente do carnaval brasileiro, por exemplo, totalmente descarnalizado pela obediência à ordem e à seriedade, a ponto de contar com o apoio oficial dos órgãos do governo para que a festa se realize. O verdadeiro carnaval, no sentido de Bakhtin (1999), está na escola, não necessariamente por opção própria, mas como única possibilidade de expressão. “Começa pela gozação coletiva com as paródias feitas pelos alunos sobre a própria escola [...]. E nesse contexto que realmente impera o espírito carnavalesco [...]” (LEFFA, 2011, p. 26- 27).

A questão é que a teoria das leis de diretrizes básicas da educação nacional não conseguem harmonizar-se com a prática. Na concepção de Rosa (2009) abordar a comunicação humana nos dias de hoje é tarefa difícil, pois a complexidade em que se dá esse processo frente às tecnologias disponíveis torna-a fácil de acontecer, mas com tão rápidas mudanças, é trabalhoso acompanhá-las. O mundo está menor, pois as distâncias não existem já que dispomos da comunicação telemática. O tempo não é mais pensado como antigamente, pois os fatos estão *online* quase que simultaneamente ao seu acontecimento. O relacionamento entre os sujeitos toma proporções gigantescas, pois, hoje, um adolescente tem mais de 3 mil "amigos" em redes sociais como Facebook, Twitter, entre outras. Isso, se não fosse virtualmente, seria inimaginável de acontecer. Para ela, Coll e Monereo (2010) definem muito bem a Sociedade da Informação (SI) em que vivemos nos dias de hoje; uma sociedade que teve a sua organização social, cultural, política e econômica alterada e que veio para mudar todas as formas de relacionamento: de trabalho, de aprendizagem, de pensamento, ou seja, de vida. **Em outros termos**, a internet não é apenas uma ferramenta de comunicação e de busca, processamento e transmissão de informações que oferece alguns serviços extraordinários; ela

constitui, além disso, um espaço global para a ação social e, por extensão, para o aprendizado e para a ação educacional.

A globalização se refere àqueles aspectos que ultrapassam as fronteiras das nações, mesclando-as e as conectando de forma que não há mais uma interferência de espaço e tempo. Essa interdependência global está levando ao colapso de todas as identidades culturais fortes e está produzindo aquela fragmentação de códigos, culturais [...] [acarretando] no impermanente e no pluralismo cultural [...]. (HALL, 2006, p.173).

**Entretanto, esses estudiosos acreditam** que não se deve pensar que as identidades culturais se extinguíram. O que acontece é uma nova representação ou identidade que está em constante movimento devido ao "bombardeio" de informações e consumos que os países lançam - principalmente os países dominantes do Ocidente, sendo a língua inglesa o idioma internacional de toda essa mídia e comunicação. Daí a relevância da inserção de alunos em situação de risco no mundo globalizado. As Tecnologias da Informação e Comunicação permeiam o nosso dia-a-dia, tornando possível nossa relação com o mundo, por isso elas devem ser trazidas para o contexto escolar, pois fazem parte da vida dos alunos e tornam a escola mais significativa. De acordo com Moran (2009) a relação TIC e escola pode ser pensada em três níveis: 1) Organizacional - uma escola mais adaptada ao indivíduo; 2) De conteúdo - que trate da realidade dos jovens, de seus problemas e de assuntos do cotidiano; 3) Comunicacional – incorporar as linguagens e tecnologias utilizadas pelo homem contemporâneo.

Aqui reside o ponto crucial da educação: ajudar o educando a encontrar um eixo fundamental para a sua vida, a partir do qual possa interpretar o mundo (fenômenos de conhecimento), desenvolva habilidades específicas e tenha atitudes coerentes para a sua realização pessoal e social (MORAN, 2009).

A sensibilização da busca de um desenvolvimento cultural hoje em dia é fundamental, pois o que convencionou-se chamar de "globalização" é o que está deslocando as identidades culturais nacionais. Portanto, quanto mais bem preparado estiver um sujeito para a interculturalidade, melhor será sua inserção no mundo global. Como profissionais da educação, temos o dever de refletirmos sobre o processo que envolve a questão da aprendizagem por parte de alunos que se encontram numa vulnerabilidade social e pensarmos formas de os inserirmos na SI.

Freire (1996, 2001) aborda a questão da ação cultural libertadora em seus diversos trabalhos valorizando o ensino crítico, justo, respeitoso, autônomo e comprometido para chegarmos ao nosso ideal: que cada um possa transformar o seu mundo em um mundo melhor. Teremos esse mundo se oferecermos oportunidades àqueles que estão marginalizados e esquecidos. Temos a falsa ideia de que a nossa cultura é a melhor, a mais rica, a mais fundamentada, pois nascemos e crescemos no meio de crenças e valores que nos moldaram e nos fizeram crer que seriam os "certos", transformando-nos em quem somos hoje.

**Ora, assim sendo, percebemos** que a globalização e a interculturalidade ocorridas através da facilidade de comunicação e de deslocamento (físico ou virtual) nos aproxima das diferentes culturas e nos faz ver com outros olhos a cultura do "outro" e discutir essas diferenças culturais em sala de aula de LI é um aspecto fundamental, entretanto delicado porque envolve a capacidade do professor em gerenciar uma discussão que não fira os sentimentos pátrios dos alunos e nem diminua o valor cultural do estrangeiro, visto que é sempre difícil falar do "outro" sem uma crítica a ele ou a nós mesmos.

Assenta-se essas ideias as palavras de Perrenoud (2000, p.30):

[...] aprender não é primeiramente memorizar, estocar informações, mas reestruturar seu sistema de compreensão de mundo. Não podemos ignorar que para aprender uma língua estrangeira temos que obter um entendimento do mundo do "outro", e esse entendimento é um forte aliado no desenvolvimento e aprimoramento do aprendizado da língua e seu uso. Aprender um novo idioma tem a ver com poder discursivo e deve ser transmitido ao aluno que se ele dominar mais de um idioma ele terá o poder de expressar-se, não dependendo de outros para interpretá-lo e transmitir sua mensagem. Tem a ver com saber usar o idioma para cooperar com os outros e não interferir negativamente. Tem a ver com ser multicultural e aberto ao novo e não fechado em seu mundo onde ninguém pode compartilhar. Tem a ver com entender a sua própria identidade, sua própria cultura, ao passo que compreende a cultura do 'outro'.

**Depreende-se portanto, que a comunicação feita por meio das TIC dependerá dos seus usuários.** Segundo Almeida e Prado (2005, p.4): "A integração entre tecnologias, linguagens e representações tem papel preponderante na formação de pessoas mais qualificadas para o convívio e a atuação na sociedade."

**A essas palavras e linhas de raciocínio encontram ressonância nas idéias defendidas** por Setton (2011, p. 87), o qual revela que "[...] a cibercultura e o ciberespaço expressam o surgimento de um outro universal, diferente das formas culturais que vieram antes deles". No momento em que o jovem da escola pública puder ser integrado a esse mundo global e

intercultural por meio do seu preparo no idioma inglês e por meio da sua inclusão digital teremos, no futuro, sujeitos mais bem preparados pessoal e profissionalmente.

Embora o público alvo da pesquisa tenha nascido na chamada "Era Digital" (PARLFREY; GASSER, 2011) **acreditam que eles ainda não podem ser considerados "nativos digitais", pois estão** sendo educados num ambiente em que não há estímulo para o uso das tecnologias em prol de seu crescimento e desenvolvimento e que de acordo com Moran (2009, p. 58): "Na Sociedade da Informação todos estamos reaprendendo a conhecer, a comunicarmos, a ensinar e a aprender; a interagir o humano e o tecnológico; a interagir o individual, o grupal e o social".

**Assim, questionamos se a escola** brasileira e particularmente a soteropolitana estão preparadas para o imenso desafio desta aprendizagem, ou melhor desta aquisição com as novas tecnologias da informação? Discussão e implementação de políticas públicas são uma realidade? Kroll (2008) acredita que o professor ainda tem uma grande resistência, mediante medo, ansiedade e fobia quanto ao seu uso nas aulas de inglês e que eles devem encará-lo como uma importante ferramenta para a interação, já que ele pode ter implicações relevantes para a metodologia do professor, para o currículo e desenvolvimento sócio cultural dos educandos, pois os alunos da Escola Pública não podem estar mais fora desta sociedade digital, que Castell (2005) chama de sociedade em rede, a qual permite aos estudantes a serem partícipes da nova comunicação global.

## 2.6 DEFINIÇÃO E CARACTERÍSTICAS DA METODOLOGIA DA ABORDAGEM COMUNICATIVA

Segundo Hymes (1991) por muito tempo, a questão de saber uma língua, era dominar a sua gramática mediante a aprendizagem, mas hoje, o conceito é totalmente diferente, pois o que conta mesmo é ter a competência comunicativa, mediante a abordagem comunicativa, ou seja, adquirir a língua para se comunicar de forma falada e escrita na interação com o outro, não somente na sala de aula, mas também fora dela nas situações sociais. Mas para que isso aconteça, é fundamental que o professor levante a auto-estima dos alunos, proporcione motivação, estimule e diminua a ansiedade dos mesmos. Por conseguinte, se a aquisição da língua inglesa, tão basilar nos dias de hoje, for de fato, na prática utilizada, mediante essa metodologia da abordagem comunicativa, tornará os discentes aptos na codificação da linguagem (escrita e falada) e assim haverá o ato comunicativo.

Leffa (apud BOHN; VANDERSEN (1988) aponta que quando nos Estados Unidos o ensino da língua ainda se enfatizava o código da língua, ao nível da frase (Bloomfield, com a linguística estruturalista, e Chomsky, com a gramática gerativo-transformacional); na Europa, a ênfase dos linguistas era na análise do discurso. A língua é, por conseguinte, analisada como uma junção de elementos comunicativos. Na visão de Schütz (2010) a abordagem comunicativa ou o *Communicative Language Teaching*, também chamado *Communicative Approach* ou *Functional Approach*, é a versão britânica do movimento iniciado no início da década de 60 do século XX em reação ao estudo das formas da língua, de sua estrutura gramatical.

Sobre esse processo de ensino/aprendizagem, Schütz (2010) assinala que a combinação do estruturalismo na linguística e do behaviorismo na psicologia educacional haviam dado origem ao *audiolingualism*, aos métodos áudio orais e audiovisuais surgidos nos anos 50 do século passado, baseados em repetição mecânica. A abordagem comunicativa então inspirada pela nova teoria de linguística do norte-americano Noam Chomsky e pelas novas teorias de psicologia cognitiva de Piaget e Chomsky, e motivada pela crescente demanda por métodos de ensino de línguas mais eficazes, surgiu como uma forte reação contra o *audiolingualism*.

Ainda de acordo com o pensamento do referido autor, na abordagem comunicativa, a unidade básica da língua, que requer atenção, é o ato comunicativo, ao invés da frase. A função se sobrepõe à forma, e significado e situações é que inspiram a planificação didática e a confecção de materiais. Competência comunicativa passa ser o objetivo, em vez do acúmulo de conhecimento gramatical ou da estocagem de formas memorizadas.

Diante disso, é fundamental mencionar dois termos usados por Dell Hymes (1991) os quais são: aprendizagem e aquisição de uma língua. O conceito de aprendizagem de uma língua, para ele, se refere ao seu estudo gramatical, formal, sistematizado, ao passo que a aquisição valoriza e emprega a comunicação. A abordagem comunicativa prega a aquisição, com foco no aluno, não apenas em termos do conteúdo, como também na interação em sala de aula, mediante técnicas em grupos, onde o aluno é o ator, o professor usa a sua sensibilidade e submete-se às necessidades de aquisição dos discentes, aceitando sugestões.

Segundo Williams e Burden (1999) a aquisição de línguas é diferente de qualquer outra aprendizagem, pela sua natureza social e comunicativa. Damke (1992) complementa que a língua não existe em si só, não pode, pois, ser definida simples e unicamente como um código de sinais. A língua/linguagem somente existe e se realiza de fato em situações sociais.

A aquisição de uma língua envolve comunicação com outros seres humanos e isso requer não somente as habilidades sócio-comunicativas, isto é, o indivíduo organiza sua vida visualizando seus objetivos. Como, então, o uso da abordagem comunicativa deixa os alunos mais motivados em adquirir uma Língua Estrangeira? Desde os anos 60 começaram a surgir novas tendências que focalizaram o aprendiz de uma forma interacionista. Segundo Widdowson (1991) na década de 90, as aulas de línguas estrangeiras começaram a focalizar a habilidade comunicativa e interacionista da língua, onde os professores deveriam buscar métodos diferentes e os alunos estivessem mais expostos para o *input*, isto é, a linguagem na qual os discentes estavam expostos. Os métodos comunicativos têm em comum, o foco na interação entre os sujeitos. O ensino comunicativo, envolve a aquisição do idioma, mediante o interesse e necessidade do aluno, para que ele use a língua alvo para realizar ações autênticas na interação com o outro.

Nunan (1994) apresentou algumas características da abordagem comunicativa: comunicação na interação, textos autênticos no processo de aquisição, contribuição dos alunos em sua própria aprendizagem em sala de aula e a ativação da linguagem fora do ambiente escolar. Sua meta era criar condições para a aquisição de um desempenho real na língua alvo. No entanto, o aspecto afetivo é visto como fundamental, pois o professor deve se mostrar sensibilizado para os interesses dos discentes. Krashen (1982) afirma que existem três variáveis que influenciam à aquisição da linguagem: a auto-estima, motivação e a ansiedade e que o aluno que está com auto-estima, se sente mais capaz para a aquisição. Assim, a motivação deixa o discente mais concentrado, já que a ansiedade tende a focalizar mais na forma do que na comunicação.

Ser comunicativo significa preocupar-se mais com o próprio aluno enquanto sujeito e agente no processo de formação através da língua estrangeira. Isso significa menor ênfase no ensinar e mais força para aquilo que abra ao aluno a possibilidade de se reconhecer nas práticas do que faz sentido para a sua vida, e no que faz diferença para o seu futuro como pessoa (ALMEIDA FILHO, 1993).

Krashen (1989) sustenta essa teoria ao assegurar que o professor é o primeiro que gera o *input*, ou seja, estímulo ou entrada e que deve criar um ambiente amigável no qual o aluno se sinta seguro para que ocorra a aquisição da língua. O autor ainda argumenta que o clima em sala de aula entre professor e aluno pode realçar ou inibir a aquisição do idioma e que a sala de aula deve fazer com que o aluno se sinta respeitado e valorizado.

Nos dias atuais, o processo do ensino-aquisição deve primar pela busca da eficiência, do motivante, do criativo. Algumas dessas exigências, pelas quais, a maioria dos docentes se defronta, é fundamental a fim de que os discentes estejam preparados para atuar na sociedade competitiva. Portanto, os professores de língua estrangeira, de modo particular, de língua inglesa, também são responsáveis nesse processo, e principalmente por estarmos inseridos numa sociedade cibernética, onde a linguagem, mais que a cultura, é o recurso mais importante para a inserção do indivíduo como cidadão do mundo.

Para Hymes (1991) o falante precisa estar comunicavelmente dentro da sala de aula. Segundo ele, um indivíduo que adquire a competência comunicativa, adquire o conhecimento e a habilidade para usar a língua. Em se tratando de competência comunicativa, Nation e Newton, (2009) complementam e afirmam de forma categórica que esta comunicabilidade é realizada pelos estudantes se eles forem expostos e cobrados em dois aspectos: o uso das características gramaticais e palavras, ou seja, vocabulário. Uma pessoa que dominar a gramática, mas que não tem uma boa quantidade de palavras armazenada no cérebro, ele/ela não terá uma comunicação satisfatória e aquele(a) que tiver uma vasta quantidade armazenada mas não dominar o contexto gramatical, ele(a) não se comunicará. Portanto, ambos são importantes. Quanto a aquisição de vocabulário Zimmerman (2009) vai mais a fundo declarando que adquirir significados de palavras novas em uma outra língua é um desafio e que o professor pode ajudar aos estudantes aumentando a consciência deles para isto. O mesmo autor ainda enfatiza que os discentes devem reconhecer a língua como uma atividade social do que uma coleção de regras a seguir, e que portanto, a língua tem uma natureza social.

Assim sendo, Brown (2001a) afirma que as estratégias de aprendizagem estão relacionadas à memória, armazenamento, enquanto que as estratégias de comunicação pertencem ao emprego de mecanismos verbais e não-verbais para a comunicação produtiva da informação e que a motivação é um conceito bastante usado quando se quer explicar o sucesso ou o fracasso de muitas atividades do homem. Então, para ele se o discente está motivado, o professor e os recursos utilizados por ele para a aquisição do idioma, ficam em segundo plano.

Sem dúvida, a abordagem comunicativa representa uma evolução inteligente em direção a um ensino de línguas mais humano e centrado nos interesses dos alunos. E a abordagem comunicativa que inspira os métodos hoje mais eficazes, pois proporcionam familiarização, construção e aquisição de habilidades comunicativas através de interação humana, de situações reais de comunicação em ambientes multiculturais, capacitando, portanto, seres humanos, não somente com a gramática e estrutura da frase, mas principalmente, para



compreensão e fala, ou seja, ir além da aprendizagem, ter a aquisição do idioma, já que a aquisição da competência comunicativa da língua inglesa hoje, nesse período de globalização, representa um diferencial para a inserção no mercado de trabalho e no turismo, principalmente na cidade de Salvador, que recebe turistas quase o ano inteiro.

## 2.7 OS PROCESSOS METODOLÓGICOS PARA A AQUISIÇÃO DA LÍNGUA INGLESA

Como visto anteriormente, no passado os métodos de língua, enfatizavam apenas o estudo gramatical, mas recentemente surgiu o estudo da língua inglesa, como língua estrangeira, baseado na comunicação. Se o professor realmente usar na sala de aula e fora dela, esta metodologia comunicativa, real, com gêneros textuais e promover o estímulo, entrada, para o aluno, chamado "input", no final haverá o "output", isto é saída ou domínio da escrita e fala, além da cultura da língua pelos discentes, os quais também terão sua identidade social construída.

No entendimento de Bordenave e Pereira (2008) o professor precisa compreender adequadamente o processo da aprendizagem, contemporaneamente falando, aquisição. Ele faz uma comparação de como para o médico é vital entender a fisiologia do corpo humano, zelando para o feedback dessa aquisição; deve ser o professor, com o zelo pelo entusiasmo na sala e a invenção de novos métodos originais de ensino. Na visão de Brown (2001) os primeiros quarenta anos do século 20 houve pouca informação sobre o campo da pedagogia da língua inglesa. Somente no meio do século é que começaram a surgir metodologias para o ensino-aquisição de uma língua estrangeira. Ele compara esse ensino de língua comunicativa e interativa como uma profissão adolescente ainda.

Conforme Brown (2001a) antes do método da abordagem comunicativa ou *Communicative Language Teaching* (Ensino de Língua Comunicativa), houve seis métodos para o ensino da língua inglesa, mas que não se baseavam na comunicação, interação. A saber: o *Audiolingual*, *Total Physical Response*, *the Silent way*, *Community Language Learning*, *the Natural Approach* e *Suggestopedia*. Ainda de acordo com o referido autor, língua é escrita, leitura, audição e fala e que a interação entre a metodologia do professor e sua prática na sala de aula, com explicações bem claras e concisas, para o aluno não cair em erros, com a presença da motivação, é a chave para um ensino dinâmico e quando na aquisição de uma língua estrangeira, no caso do inglês, o aluno incorpora uma segunda identidade, uma nova cultura, pois ele passa a desenvolver um novo pensamento.

De fato, para incorporar a língua inglesa, tem que pensar sempre nessa língua, a qual tem um pensamento ao contrário da língua portuguesa, por ser o inglês de origem germânica. Este fato é de suma importância, pois para que o nativo possa entender o discurso, é necessário estruturar a frase segundo o pensamento e cultura deles, pois se a estruturação do aluno for igual ao da língua mãe dele, no caso da língua portuguesa, o estrangeiro não decodifica a mensagem e a comunicação não é realizada. Exemplificando: na frase, " a linguagem própria deles", no inglês, eles dizem, " deles própria linguagem". Nesse caso, do pensamento inverso na frase, está aí presente a cultura da língua, já que língua e cultura são indissociáveis, andam sempre juntas.

Bank (1994) acrescenta que aquisição de língua é um fenômeno holístico, na qual a língua e o desenvolvimento cognitivo se interagem dinamicamente, ou seja, a habilidade para escutar, falar, ler e escrever a língua deve ser entendida como uma manifestação holística, isto é, engloba todas estas habilidades e não apenas algumas delas, portanto os métodos devem refletir essa natureza. Prabhu (1990) ainda com relação à metodologia citados, percebe que não há um único método, o qual pode ser considerado o melhor para ser adotado, nem o mais eficiente. A preocupação dele é com a qualidade de ensino promovido, ou seja, ensino vivo, ativo, operacional, real, envolvente, que se desvincule do ensino mecânico.

Kueth (1974) acrescenta que somente quando o professor cria e usa atividades para despertar o interesse dos alunos é que de fato ocorre a aquisição daquilo que eles estão expostos. Diante deste argumento, poder-se-ia mencionar que despertar, é parte fundamental do ensino vivo relatado por Prabhu (1990). Ainda no entendimento de Brown (2007) a ciência é como se fosse um processo de resolução de um jogo de quebra cabeça, no qual, o cientista, neste caso, o professor, é quem descobre os pedaços desse quebra cabeça e os encaixa corretamente para que haja a aquisição de língua. Daí, para que a aquisição da língua inglesa ocorra verdadeiramente, o professor deve guiar o aluno no sentido correto de cada elemento constituinte da frase, em sua posição certa, seguindo sempre o pensamento do inglês.

Contudo, Brown (2007) enfatiza que esse sentido correto de cada elemento constituinte da frase, é importante, mas também é necessário a aquisição da entonação adequada das palavras e frases, para uma comunicação mais eficaz com o nativo da língua. Pode-se acrescentar que é fundamental também a pronúncia correta das palavras, a fim de que o nativo da língua entenda e haja a comunicação de fato, pois o contrário, anula a comunicabilidade. Ainda segundo Brown (2007) a aquisição da competência comunicativa não depende apenas de fatores educacionais e linguísticos, mas também, psicológicos ou cognitivos, sociais,

culturais, biológicos, físicos e egocêntricos. Para justificar sua afirmação ele faz uma comparação interessantíssima do processo da aquisição de língua com a plantação de uma árvore frutífera, desde a colocação da semente, irrigação do solo, germinação até o aparecimento dos frutos, em que a depender do professor (semeador), com o seu estímulo ou "input" que é dado por ele. Assim, metaforicamente falando, se houver a conjunção de todos esses fatores haverá a colheita dos frutos, ou seja, o "output", a aquisição da língua de fato e de verdade, a qual pode ser visualizada no anexo D.

Brown (2001b) diferencia a dicotomia entre a aquisição da língua inglesa, enquanto segunda língua (ESL) e língua estrangeira (EFL), argumentando que o contexto da ESL, é quando alguém estuda a língua no país da língua e daí tem contato com o idioma o tempo todo; já a EFL é quando esse estudo do idioma se dá em um país, em que a primeira língua não é inglês e daí o aluno só tem contato com o idioma na sala de aula. Então baseado sobre isso, para esse conceito de "estrangeira", que é o caso do Brasil, ele sugere que o professor use muitas atividades fora do ambiente de sala de aula, para que o aluno pratique o máximo que puder, como se fosse sua segunda língua, mediante atividades como: assistir a programas de TV, ouvir rádio em inglês, ler artigos de jornais, revistas, romances, livros nessa língua e praticar com nativos (turistas) e pessoas que dominem o idioma. É preciso ainda conversação dos próprios alunos em ambientes fora da sala, para que o ensino da língua preze sempre pela comunicabilidade.

Por outro lado, Widdowson (1978) complementa que a habilidade para produzir frases é crucial na aquisição de uma língua (conhecimento de regras da língua), mas que é importante reconhecer, contudo, que esta habilidade não é a única que os aprendizes precisam adquirir. Saber uma língua é mais do que entender, falar, ler e escrever frases, mas acima de tudo, saber como estas frases são usadas para efeito comunicativo (conhecimento de regras da língua para comunicação efetiva). No entanto, Littlewood (2006) acrescenta que é possível notar que muitas pesquisas realizadas nas salas de aula do ensino da língua inglesa consiste na presença de manipulação de língua (construção de frases apenas) do que de comunicação, podendo não oferecer, portanto, uma reflexão verdadeira do conhecimento do aprendiz da língua. Quando se trata dessa manipulação de língua, se refere, por conseguinte, da língua utilizada em sala de aula, apenas na forma gramatical e suas regras, que não conduzem para a comunicabilidade, a qual era a crença no passado sobre aquisição de língua e já mencionado anteriormente neste trabalho.

Gieve e Miller (2006) apontam também que a qualidade de vida da sala de aula é discursivamente construída dentro da mesma, onde não somente os alunos passam pelo processo de aquisição mas também os professores, em que a interação entre alunos e professores, alunos e alunos afeta o uso da língua de forma positiva. Gieve e Miller (2006) afirmam que alunos e professores, devem desenvolver simultaneamente seus entendimentos próprios, com relação à aquisição da língua e que a questão principal é que eles devem tentar entender os fatores que afetam a qualidade de vida na sala de aula. Essa constatação levou Kramsch (1992) a declarar que tem havido alguns extremos no ensino de língua, como: gramática versus comunicação; professor como centro versus aluno como centro; cognição versus estilos de aquisição; aprendizagem versus aquisição. Ainda, na visão da autora, os professores devem perceber as necessidades dos alunos, para atuar em sua função e responsabilidade enquanto professores. Ela acrescenta também o fato de que a língua é vista como uma prática social e que ela é indissociável da cultura e que os professores devem desenvolver o aluno não apenas competente culturalmente, mas com uma personalidade cultural e que o professor parece ainda não ter entendido na prática a importância dessa competência sócio-cultural para a aquisição da língua, aliás uma das principais atividades autênticas dentro de uma sala de aula.

Singhal (1998) complementa essa afirmação ao balizar que cultura e ensino são necessários em uma sala de aula de língua inglesa. Para uma aquisição de língua efetiva não se pode separar cultura e ensino. De fato, a cultura está na frase, no parágrafo inverso do pensamento da língua inglesa, comparando com a língua portuguesa, como já dito anteriormente, então, quando o aluno memoriza as estruturas dessa língua, ele está naturalmente catalogando a cultura dessa língua. Por outro lado, McKay (2002) declara que esse ensino versus cultura, é realmente adquirido do lado de fora da sala de aula, com o contato com o outro e principalmente com o nativo da língua, mediante a comunicação e que a escola deve procurar meios para proporcionar uma extensão para essa interação.

Kramsch (1998) compara a aquisição de língua com um teatro, a qual é dada em forma de diálogo, em que o significado deve refletir a construção do significado como prática social. O mesmo autor enfatiza que língua é um sistema de sinais que expressa a realidade cultural, a forma que as pessoas pensam, a partir de ações verbais na interação com o outro, nos diálogos diários, enfim, no discurso.

Cook (2003) esclarece que a língua está no coração da vida humana. Sem ela, muitas de nossas atividades mais importantes seriam inconcebíveis. Basta tentar imaginar a falta da

família, amigos, conquistas amorosas, crenças religiosas, ideais políticos, literários, artísticos etc, seriam impossíveis sem o uso das palavras, pois estas atividades são tão naturais para nós, como um vôo para os pássaros.

O autor chama a atenção para o fato de que a língua é para ser usada no cotidiano da vida, na vida social e interação com o outro, pois ela não surgiu, para ser fruto apenas de seu estudo gramatical, daí se insere a língua inglesa e sua aplicação comunicativa, enquanto língua estrangeira, no nosso caso brasileiro, ou melhor internacional. No pensamento de Spolsky (1998) a sociedade humana é feita de muitos padrões e comportamentos, um destes são linguísticos, em que a língua é usada para manter relacionamentos sociais, já que ela estabelece identidades sociais, étnicas, para deixar de ser apenas estudo de frases, em que muitos aprendizes são expostos e na maioria das vezes, não podem usá-la na fala.

A dinâmica metodológica é o fator primordial no momento da aquisição da língua comunicativa, pois não basta somente o professor ter um conhecimento profundo do idioma. Harmer (2005) afirma que para uma aquisição eficaz da língua inglesa, o professor deve corrigir o aluno de forma sábia, sem ofendê-lo, ele deve usar gestos e mímicas na exposição de suas aulas, fazer o contato do olho com o aluno, para perceber se o processo de entendimento foi captado, deve saber usar a voz, usar as carteiras dos alunos em círculo, para facilitar um melhor contato com todos, zelar pela participação em duplas, trios, grupos, fazer uso de muita repetição e muita prática dos alunos fazendo perguntas entre eles mesmos e respondendo.

Paiva (2007) também lança uma proposta de dinamicidade, como posta por Harmer (2005), no entanto, ela vai mais além e afirma que o processo para a aquisição da competência comunicativa da língua inglesa deve ser mais abrangente, principalmente com o uso dos gêneros textuais. Para ela, gêneros textuais são sistemas discursivos complexos, socialmente construídos pela linguagem, com padrões de organização facilmente identificáveis, dentro de um continuum de oralidade e escrita, e configurados pelo contexto sócio-histórico que engendra as atividades comunicativa a exemplo de músicas, filmes, revistas etc.

Marcushi (2001) complementa essas ideias ao afirmar que o gênero textual ou discursivo ou do discurso, como uma forma de linguagem, é adquirida, por meio de enunciados concretos, ouvidos e reproduzidos na comunicação verbal. Logo, a concepção de linguagem materializada em gêneros textuais têm sido ignorada ao longo da história do ensino de línguas. O conceito de língua predominante no contexto escolar ainda é, na maioria de nossas escolas, o de estrutura linguística, congelada em sua dimensão sintática e sem inserção em

contextos significativos, ou seja, há a ausência de práticas sociais da linguagem nas salas de aula. Ela conclui afirmando que o objetivo deixa de ser aprender sobre a língua e passa a ser aprender a usar a língua na realidade real dos discentes e isso só pode ser feito através desses gêneros, que são o caminho adequado para a aquisição.

Bentes (2005) é mais enfática ao afirmar que o domínio dos diferentes gêneros pode auxiliar o aluno a ser o legítimo "dono" de sua fala, ou seja, pode levar o aluno a ocupar, com maior consciência, os diferentes lugares a partir dos quais pode falar e escrever. Jacob (2011) complementa que o conhecimento (língua e seu poder próprio) é a nova moeda de nossa era. Lopes (2009) vai mais além e relata que Aristóteles considerava que o homem é o único que possui a linguagem e com ela a razão da comunicação entre os seres, por isso é considerado como um animal político, semelhante ao pensamento de Habermas (2002) e o método social, considera o homem socialmente como o ser da linguagem. Para Vygotsky (1996) o desenvolvimento do homem e sua linguagem dependerá de aspectos sociais, motores, cognitivos e afetivos.

Maher (1996) aponta que nesse processo de uso da linguagem as pessoas também constroem e projetam suas identidades, em que Lopes (1996) chama de identidade social, isto é, o uso da língua, que é construído em sala de aula e se expande na sociedade. O mesmo autor conclui, conclamando os colegas, linguistas aplicados na área de ensino de línguas, a voltar seu foco de ação para a educação das classes menos favorecidas acrescentando que para Freitas (1982) o fato de a ciência não ser encontrável na forma neutra não implica que todos os que trabalham nela estejam ao lado das classes dominantes e que eles podem estar, principalmente se quiserem, ao lado das classes oprimidas.

Fazendo uma digressão necessária sobre identidade social, Atkinson (2011) vai mais além e afirma que língua é uma expressão de identidade social, herança genética, um sistema matemático, um fato social, de identidade cultural, de interação dialógica, processo cognitivo, entrada linguística, processo psicolinguístico, mente como máquina, psicologia cognitiva, representação abstrata na mente, no cérebro, semiótica social, estado de mente interno e individual. Um sistema combinatório, ativação elétrica em um sistema de redes e que mente, corpo e mundo funcionam de forma integrada na aquisição de uma segunda língua. É fundamental também relatar que o estudo da mente se inicia com Descartes (1637/1960) quando coloca o homem como centro de tudo, que Chomsky (2007) chama de primeira revolução cognitiva. Por mencionar a semiótica social e a realidade caótica do conhecimento da língua inglesa nas Escolas Públicas Estaduais de Salvador, Marra (2007) nos adverte que:

Não é tarefa fácil para o educador que se propõe a fazer o outro construir um novo sabor linguístico quanto para aquele educando que, realmente, quer aprender a se comunicar por meio de um outro universo linguístico. Por conseguinte, esse conhecimento não só o levará a uma inserção no mercado de trabalho, mas também abrirá a possibilidade de compreender um outro universo linguístico, ampliando sua visão de mundo e possibilitando, assim o acesso a outras áreas de conhecimento na língua inglesa. (MARRA, 2007, p. 268-269).

As palavras de Marra (2007) juntam-se as de Atkinson (2011) ao declarar que os mecanismos de aquisição da língua estão situados na mente dos indivíduos, que ele chama de a Hipótese de Aquisição Universal. Fica patente, portanto que, da tríade mente, corpo e mundo, o mais importante na aquisição é a mente, isto é, o esforço do aluno para a mentalização do subconsciente, o que dependerá exclusivamente mais dele, em que Selvero e Lima (2014) afirmam que uma língua seria adquirida mediante um esforço natural, no subconsciente, para atingir a compreensão em comunicação, oposto a apenas memorização de regras que não conduz a comunicação e somente a aprendizagem ou conhecimento consciente.

Krashen (1982) possui cinco hipóteses para a aquisição de uma segunda língua: aprendizagem (conhecimento consciente) versus aquisição (conhecimento inconsciente); monitor ou memorização apenas da gramática, que não proporciona comunicação; o input ou a entrada inconsciente do idioma, que traz a comunicação; a ordem natural ou a aquisição da gramática passo a passo e por fim a hipótese do filtro afetivo ou aquisição da língua devido a motivação e a diminuição da ansiedade que o professor proporciona bem como o incentivo para uma maior promoção da auto-estima do aluno. Este teórico sustenta estas hipóteses até aos dias atuais, o que são muito aceitas entre os grandes estudiosos da área no mundo inteiro.

Tarone e Swierzbis (2009) chamam este subconsciente ou inconsciente de conhecimento implícito e o conhecimento consciente de conhecimento explícito ou da estruturação lógica da língua. Para estes, pedagogicamente, ambos conhecimentos são importantes para a aquisição da língua.

A aquisição da língua não pode ser alcançada apenas com o conhecimento consciente, de memorização de regras, sem uma estruturação lógica e seqüencial do idioma como um todo, que não avança para o inconsciente, como o é nas Escolas Públicas Estaduais Soteropolitanas. O conhecimento implícito ou inconsciente precisa também ser trabalhado, isto é, ele é alcançado quando o explícito é bem estruturado na mente dos alunos com toda a lógica seqüencial da estruturação da língua. Gomes (2009) vai mais além e declara que o inconsciente estrutura-se como uma linguagem e com esta tese fundamental, Jacques Lacan

defende a dependência do sujeito ante a ordem significante. Assim sendo, esse autor entende que é na palavra que o inconsciente encontra sua articulação essencial.

Larsen-Freeman e Long (1991) entendem que a aquisição de uma segunda língua é muito mais psicolinguística do que puramente linguística. Em se tratando de psicolinguística, Scovel (2005) declara que a capacidade para compreender e produzir língua está no hemisfério esquerdo para a maioria dos adultos e em neurolinguística,

Indefrey (2007), em entrevista a *Ciência Hoje*, considerado como um dos mais neurolinguistas da atualidade, afirma que não há uma região do cérebro que seja só usada para línguas estrangeiras e que ser proficiente em muitas línguas, significa usá-las regularmente.

No entanto, Kail (2013) esclarece:

Milhares de artigos, centenas de obras sobre a aquisição de linguagem foram escritos a partir da segunda metade do século XX sem que, nem por isso, se chegue a esboçar uma teoria unificada. Existe um internacional relativo a idéia de que o século XXI vai constituir um período de descobertas sem precedentes para a compreensão do vínculo entre as estruturas anatômicas, os sistemas fisiológicos do cérebro e o funcionamento da mente humana. Estudando conjuntamente o co-desenvolvimento do cérebro e da linguagem, a psicolinguística e as neurociências cognitivas podem enfrentar um desafio maior: identificar no decorrer dos primeiros anos de vida alguns dos mecanismos neurocognitivos que permitiram a emergência e a constituição da linguagem. Para cumprir esse programa ambicioso, é necessário poder desenvolver pesquisas em várias direções. (KAIL, 2013, p.114).

Contudo, Atkinson (2011) afirma que as teorias da aquisição da língua segunda precisam de uma teoria de identidade que integre muitos aprendizes que são marginalizados com o mundo social, pois as relações de poder no mundo social afetam o acesso para a aquisição da língua inglesa, pelo fato de que o domínio da língua é um instrumento de poder e adquirir este idioma também, favorece o que é dito por Bourdieu e Passeron (1977), que o conhecimento e domínio deste idioma promove o capital cultural.

Tal marginalização está impregnada no ensino de língua inglesa nas Escolas Públicas Brasileiras e particularmente na cidade de Salvador. A Escola Pública brasileira prioriza o conhecimento para o poder e para o capital cultural? Há implementação de políticas públicas para a garantia deste tipo de conhecimento?

Lima (2011) advoga que o fato de a legislação reconhecer que a escola precisa ser de qualidade, não basta para que a realidade espelhe a lei. É preciso que o Estado, através de ações do Executivo, faça valer a lei. Esta não salta magicamente do papel e se corporifica. Para ser concreta, a lei exige a intervenção do trabalho humano. Nesse caso, o trabalho há que



ser coletivo e governamental. Coletivo por ser tarefa hercúlea para um único indivíduo levar a cabo; governamental porque oferecer educação ao brasileiro é atribuição delegada pela nossa constituição aos governos federal, estadual e municipal. É pensando nisso que advogo uma ação articulada em três frentes.

## 2.8 A RELAÇÃO DA LÍNGUA INGLESA COM LIVROS DIDÁTICOS

Cada vez mais se tem falado acerca do uso do livro didático de língua inglesa nas escolas por alunos e professores, o qual preza pelo uso das habilidades da escrita, leitura, audição e fala numa perspectiva comunicativa. A grande questão é se os docentes fazem uma análise crítica dos mesmos antes de usá-los, se usam adequadamente, sem ser "escravo" do mesmo, já que ele é um instrumento eficiente para o professor superar suas deficiências e para a aquisição da competência comunicativa desse idioma pelos discentes.

Freebairn (2000) afirma que se o docente de língua inglesa nunca usou um livro didático em sua prática de sala de aula e se não fez uma crítica a esse instrumento de trabalho, ele não deve ter sido um bom professor de língua. Ele também enfatiza, que esse livro é a referência do aluno, tanto em relação à gramática quanto ao vocabulário. Logo, a partir dessas afirmações, nota-se a importância fundamental que o autor coloca no livro didático, sem o qual é impossível conseguir a tão almejada aquisição comunicativa da língua. Alwright (1981) aponta que o professor de língua inglesa necessita dos materiais de ensino (o livro didático), para superar as deficiências na sua prática e assim não prejudicar os discentes na aquisição do idioma, contudo, o docente precisa estar ciente também que o livro não resolve tudo. O referido autor chama a atenção para a criatividade do professor, o qual deve complementar seu material de ensino, não dependendo exclusivamente do livro texto. Richards (2002) concorda com essa afirmação de Alwright (1981) e complementa explanando que além de criar seu material, os docentes de língua estrangeira precisam de treinamentos e experiência para se adaptar e, ao mesmo tempo, modificar o livro didático. É preciso ainda usar materiais autênticos, isto é, próximos da realidade do aluno e variando os gêneros textuais, conforme enfatizado anteriormente por Paiva (2007).

Indo ao encontro desse mesmo posicionamento está Harmer (2005) cujas palavras transcrevemos abaixo:

O professor de língua inglesa, deve fazer uma análise crítica do livro didático, antes de escolher o livro texto mais adequado para ser utilizado nas suas aulas e que ele deve considerar nove áreas principais, tais como: se o

preço do livro é acessível para todos, se há uma fácil disponibilidade para a compra, se seu formato é atrativo, se sua metodologia engloba a abordagem comunicativa, se focaliza as habilidades de escrita, leitura, audição e fala, se o sumário é adequado para os alunos, se os tópicos são adequados para a faixa etária dos discentes e interessantes para eles, se o estereótipo mostra uma sociedade humana, igualitária e sem preconceitos e se o guia do professor é bom, fácil de lidar e se responde a tudo aquilo que o professor precisa saber. (HARMER, 2005, p. 119 tradução nossa).

De fato que, se essa análise crítica proposta por Harmer (2005) não for feita pelos docentes e, diferente disso, fizerem o uso aleatório do livro didático, ou muito pior, se não houver o uso do mesmo na sala de aula e fora dela, certamente comprometerá a aquisição do idioma pelo aprendiz. Richards (1998) complementa e declara que as salas de aula de língua estrangeira e segunda língua têm dado mais importância para o ensino do professor e os aprendizes, margeando a importância do livro didático. Portanto, Milwaukee (1985) conclui que se deve ficar mais atento para a política e sociologia da indústria do livro didático, já que para Kramsh (1992) alguns livros textos, retratam uma língua artificial pré-fabricada, ou seja, não retratam a comunicação natural por falantes nativos.

Diante dessa afirmação, cabe ao professor selecionar o que é mais proveitoso e efetivo para a aquisição da língua, sem perder de vista a realidade de seus alunos. Cunningsworth (1995) revela que os livros didáticos existem para preparar os aprendizes a usar a língua de forma independente no mundo real. O autor chama a atenção de que sem a experiência do uso desse material em sala, apenas com o uso da lousa e apostilas desintegradas, é impossível os discentes adquirirem autonomia na aquisição da língua, construindo seus próprios discursos com segurança, maturidade para usá-la com turistas e no mercado de trabalho em geral.

Diante do exposto, está claro que a teorização da importância do uso do livro didático da língua inglesa em sala de aula e fora dela por docentes e discentes, é enormemente enfatizado pela grande maioria dos estudiosos no seu uso contínuo. Assim, cabe ao professor se servir do livro didático eficientemente e ir mais além, ou seja, "não há receita para nos ensinar como criar a nossa metodologia, exceto nossa própria prática." (DUPRAT, 2002, p.112).

## 2.9 A RELAÇÃO ENTRE O CURRÍCULO E A AQUISIÇÃO DO INGLÊS

É fundamental fazer primeiramente uma definição do conceito de currículo, o qual é um conjunto de saberes que tem por objeto a construção metódica prática de um plano educativo global ou específico, refletindo os valores e as orientações de um meio e devendo permitir o alcance dos objetivos pré-determinados da educação. O currículo atual deixou de ser um mero

instrumento técnico e passa a abranger muitas áreas do conhecimento, contudo ele é unilateral, não democrático e está associado à ideologia, poder político, social, cultural e pessoal. Contudo, é possível melhorá-lo, desde que sobre ele se deite um olhar multicultural, moderno, cibernético, onde todos os envolvidos no processo educacional reflitam sobre essa nova forma de pensar o currículo. Vislumbrem os vários tipos de aprendizes e as desigualdades sociais que cercam muitos deles, se assim for feito o professor será a peça mais importante para uma melhor qualificação do ensino, do aprendizado do aluno, afinal todas as classes sociais serão beneficiadas. Na ótica de Moreira e Silva (1995):

O currículo há muito tempo deixou de ser apenas uma área meramente técnica, voltada para questões relativas a procedimentos, técnicas, métodos. Já se pode falar agora em uma tradição crítica do currículo, guiada por questões sociológicas, políticas, epistemológicas. Embora questões relativas ao 'como' do currículo continuem importantes, elas só adquirem sentido dentro de uma perspectiva que as considere em sua relação com questões que perguntem pelo "por que" das formas de organização do conhecimento escolar. Nessa perspectiva, o currículo é considerado um artefato social e cultural. Isso significa que ele é colocado na moldura mais ampla de suas determinações sociais, de sua história, de sua produção contextual. O currículo não é um elemento inocente e neutro de transmissão desinteressada do conhecimento social. O currículo está implicado em relações de poder, o currículo transmite visões sociais particulares e interessadas, o currículo produz identidades individuais e sociais particulares. O currículo não é um elemento transcendente e atemporal - ele tem uma história, vinculada a formas específicas e contingentes de organização da sociedade e da educação. (MOREIRA; SILVA, 1995, p.7-8).

Está claro, portanto, que o currículo e seu programa são o retrato, infelizmente, de desejos particulares, principalmente em uma sociedade pragmática e excludente. Moreira e Silva (1995) ainda apontam que o currículo se originou e desenvolveu nos EUA e na Inglaterra, onde foi focalizado como elemento central da Sociologia da Educação. Foi somente no século XIX e no início deste, que um número de educadores começou a tratar mais sistematicamente de problemas e questões curriculares, surgindo assim um novo campo. Eles ainda argumentam que após a guerra civil, a economia americana passou a ser dominada pelo capital industrial, em que o processo de produção tornou-se socializado e mais complexo, enquanto os procedimentos sofisticaram-se e assumiram um cunho "científico".

Daí, uma nova concepção de sociedade começou a ser aceita e difundida, isto é, o sucesso na vida profissional passou a requerer evidências de mérito na trajetória escolar, considerando o currículo como o instrumento por excelência do controle social que se pretendia estabelecer. (MOREIRA ; SILVA, 1995). Ainda na ótica destes autores, falar de currículo implica necessariamente levantar a questão da ideologia, assim como é um terreno de produção e de

política cultural, no qual os materiais existentes funcionam como matéria-prima de criação, recriação e, sobretudo, de contestação e transgressão.

Esses estudiosos do currículo afirmam que se existe uma noção central à teorização educacional e curricular crítica é a de poder. E a visão de que a educação e o currículo estão profundamente implicados em relações de poder que dá à teorização educacional crítica seu caráter fundamentalmente político. Isso não quer dizer que a conceituação daquilo que constitui o poder, no contexto da educação e do currículo, seja uma questão facilmente resolvida. Milwaukee (1985) acrescenta que cada decisão de um formulador de currículo é uma decisão social, política e pessoal.

Claro está, que o currículo é um objeto de poder ideológico e cultural da classe dominante, e, portanto, deve ser responsabilidade de todos os setores educacionais a construção de um currículo mais democrático. Bank (1994) visualiza uma proposta mais aberta, com mais igualdade educacional para o currículo, pois, para ele, o currículo da escola e a estrutura social devem ser reformadas visando a uma educação multicultural, valorizando as diversos grupos étnicos, raciais e grupos sociais, para que estes também participem do processo de construção do conhecimento, em que cada um incorpore e valorize sua própria identidade cultural, visando uma educação multicultural poderosa e justa, com igualdade de oportunidades para todos. Por fim Brown (2001a) declara que o currículo da escola é ditado pelas instituições, as vezes por influência política e interfere até na opinião do professor, por isso a necessidade de revê-lo, permitindo que surja uma educação mais igualitária, inclusiva e que permita aos indivíduos das classes menos favorecida ascender para um nível seguro.

O referido autor chama a todos para uma reflexão. Vejamos:

O que nos guia em nosso pensamento curricular é a visão do mundo que nós temos construído; uma integração de nossas histórias pessoais, nossas perspicácias psicológicas, nossos valores, nossas propostas, nosso contexto social e as crianças com as quais nós convivemos em uma sala de aula. Para melhorar nosso trabalho, nós devemos parar para ler, conversar, refletir sobre nossas ações, expandir nossa consciência e reexaminar nossas pressuposições. O leitor já pode ser engajado nessa contínua reflexão. As perspicácias psicológicas que são construídas na visão de mundo de cada pessoa deve também ser desafiada em ação e diálogo. É, eu acredito, no compartilhar de nosso pensamento e o desafio de nossas crenças e ações que nós expandimos e reformatamos em nosso pensamento curricular e nosso pensamento curricular reformata nossas ações.(MILWAUKEE, 1985, p.69-70).

Está bem claro que o autor faz um convite à todos aqueles que estão envolvidos no processo educacional, para uma análise profunda dialogada, debatida sobre a importância do uso do

currículo real na prática de cada docente, colocando como alvo final os discentes de forma diferenciada com a realidade de cada um deles, no nosso caso, os alunos de língua inglesa como língua estrangeira, já que segundo Richards (2005) apud Nunam (1988) menciona que existem quatro tipos de aprendizes: os concretos, que têm a aquisição do idioma mediante jogos, vídeos; os analíticos, que se baseiam na gramática, os comunicativos, que usam a comunicação o tempo todo com nativos e não nativos e os autônomos, autoritários, que querem todas as explicações e anotam tudo detalhadamente.

Por sua vez Richards (2005) aponta que com todas as dificuldades, o professor, sua metodologia e o livro didático, são os grandes responsáveis por proporcionar um ensino de qualidade e democrático.

A história do desenvolvimento do currículo no ensino de língua, começa com a noção de planejamento do sumário, isto é, a especificação do conteúdo que será ensinado e não com os debates sobre qual método usar, pois este é algo que vem posteriormente. Ele ainda enfatiza que o currículo deve acima de tudo focalizar sobre o conhecimento e habilidades que são relevantes para as necessidades da vida diária dos aprendizes e que ele também deve incluir a preocupação em lutar pelas injustiças sociais e desigualdades, mediante alunos, professores ou outros canais e que muitas coisas podem ser feitas para criar um contexto para um bom ensino, mas são professores que de fato determinam o sucesso de um programa, compensando as deficiências no currículo, nos materiais e nas fontes que eles usam em seu ensino, principalmente o uso do livro didático, o qual é um componente chave nos programas de língua, como também o uso de avaliações adequadas para a resposta da qualidade do ensino dos docentes (RICHARD, 2005).

Além de uma instituição competente qualitativamente, Morris (1994) aponta que uma instituição educacional de qualidade tem as seguintes características: objetivos claros, um programa bem planejado que procura atender as necessidades dos alunos, identifica as necessidades educacionais da escola, envolvimento de todos do grupo escolar, ensino motivante, zelo dos administradores com o desenvolvimento profissional dos docentes e revisão dos programas da escola regularmente. Em virtude dos fatos mencionados, urge a necessidade de uma análise profunda por todos os indivíduos partícipes do processo educacional para o repensar de um novo currículo, para que sua prática possa proporcionar uma unicidade, em que todas as raças sejam incluídas em seu programa.

Fenwick e Betty (2001) concluem que o currículo é um agente de controle social e que a questão cultural e econômica são tão ligadas as instituições educacionais e culturais agem como um meio na reprodução social de uma sociedade desigual.

## 2.10 A RELAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS COM A AQUISIÇÃO DA LÍNGUA INGLESA

A desigualdade das classes brasileiras, é o problema fundamental do Brasil, por conseguinte, a educação pode ser um meio eficaz para inserir pessoas das camadas baixas ao mercado de trabalho e, assim, diminuir a pobreza. Mas, para que isso aconteça de fato, O Estado, junto com o Ministério Público e a Constituição Federal de 1988 devem ser parceiros para a melhoria da educação das escolas públicas.

Kliksberg e Medeiros (apud FADUL, 2002) afirma que as causas fundamentais da pobreza estão nas políticas públicas atreladas à uma visão centrada apenas no crescimento econômico. Os determinantes da pobreza encontram-se na má distribuição dos recursos, trazida, sobretudo, pela desigualdade intensa e instável que reside no Brasil. O autor declara que para reverter esse processo, diminuição da pobreza e redução da desigualdade social, o principal caminho é o da educação e que é um elemento intrinsecamente associado ao mercado de trabalho e à produção de renda, e mecanismo indispensável para se alcançar um nível aceitável de bem estar social e é um elemento capaz de criar condição de melhor inserção econômica e social para essa parcela da população.

A referida autora enfatiza que se não houver políticas sociais agressivas em educação e outras áreas, não se solucionará os problemas da pobreza e o acesso à informática. Ela defende também uma maior discussão sobre mercado de trabalho, educação e renda. Afinal, para ela, o que se busca, essencialmente, empreender é uma discussão sobre bem estar e justiça social, pois existem relações entre estes e entre mercado de trabalho e renda e, renda e educação.

Ela revela ainda que o Brasil, mesmo tendo renda suficiente para todos, a desigualdade é o problema fundamental do País com elevado níveis de pobreza. Portanto, se educação reduz a desigualdade e se reduzir desigualdade significa combater a pobreza, a solução do problema da pobreza deve estar relacionado a oferta de uma educação de qualidade, uma vez que ela contribui para aumentar a mobilidade de circulação, ou seja, as pessoas menos privilegiadas começam a poder trocar de posição, ascender social e culturalmente (FADUL, 2002). De fato, a educação, de forma específica, a educação da língua inglesa, quanto ao seu aspecto

comunicativo, visualizando à inserção de alunos da classe menos privilegiada e indivíduos ligados ao turismo no mercado de trabalho, pode ser uma forma de reduzir a pobreza e proporcionar a ascensão social e com isso o desenvolvimento urbano.

Frischeisen (2000) na defesa dessa classe menos privilegiada, coloca como a responsabilidade principal, o Estado e como força solucionadora, políticas públicas. Ela questiona para que serve o Estado e quais suas funções, enfatizando para a importância da posituação dos direitos sociais, culturais e econômicos da humanidade e a proteção desses direitos. Para ela, cabe ao Ministério Público a defesa do regime democrático e dos interesses sociais e individuais, a defesa do cidadão, assegurados na Constituição Federal, visando a promoção do bem-estar e da justiça social, da dignidade da pessoa humana e da cidadania, mediante políticas públicas visando a ordem social. A referida autora declara ainda que:

Assim, a Constituição, desde o século XIX, passa a ser entendida como o instrumento fundamental de organização do Estado de Direito, garantia dos direitos individuais dos cidadãos e limite à vontade do próprio legislador. O direito, que sempre se faz permear pelos movimentos sociais de cada período histórico, não ficou imune à Revolução Industrial do século XIX e, assim, as Constituições passaram a incorporar não só os direitos e as garantias individuais, mas também os direitos sociais. O próximo passo foi a exigência de que tais direitos fossem de fato garantidos, por ações estatais, seja de intervenção direta, seja de controle e fiscalização, para que o direito à igualdade de oportunidades fosse realmente exercido. (FRISCHEISEN, 2000, p. 23).

Ela, portanto, ressalta os direitos sociais e complementa que as constituições aprofundavam esse princípio de igualdade, transformando o Estado de Direito em Estado Social de Direito, mediante a participação e soberania popular, cidadania, dignidade da pessoa humana, valores sociais do trabalho, da livre iniciativa e pluralismo político, através de uma sociedade livre, justa e solidária, onde surja para o cidadão o direito a prestações positivas do Estado, que se verifica através das políticas públicas constitucionais.

Ela ainda menciona que na passagem do século XIX para o século XX, os movimentos sociais propugnavam uma ação direta do poder público para garantir os direitos sociais, como educação, entre todos os cidadãos e que o Estado Democrático de Direito, é caracterizado, justamente, por afirmar, garantir e pretender promover direitos iguais para todos sem discriminação de qualquer espécie. Para ela a efetividade desses direitos sociais depende da interrelação entre o Estado e a Sociedade Civil, que as políticas do ensino, devem estar fixadas por lei, em que as escolas públicas é um exemplo padrão disso. Daí a responsabilidade de todos que operam o direito, enquanto intérpretes constitucionais para tentar incluir as parcelas marginalizadas da população brasileira, para que o Direito faça sentido para todos e

não para poucos, a fim de que a Constituição cumpra seu papel de reserva de Justiça e instrumento da promoção da igualdade, fazendo valer o artigo 12 da Declaração dos Direitos do Homem e do cidadão de 1789.

Rocha (2007) também conclui e declara, mais especificamente, à língua inglesa, como língua estrangeira, que:

Deva ser incluída no ensino público desde o ensino fundamental, para dar oportunidade à criança de ter uma educação que, de forma crítica traga à sala de aula a relação entre o local e o global de forma crítica, tornando-a cidadã de um mundo plurilingue e multicultural, já que são (as crianças) o futuro da nação e por meio desse ensino de línguas, incentivá-las a acreditar em si mesmas, a valorizar seus interesses, a fortalecer sua(s) identidade(s) e a liderar caminhos, e que o professor deve auxiliá-las a construir uma realidade sempre melhor, de forma responsável e digna, com o auxílio de um ensino que seja formativo e significativo e por fim que essa busca por tornar objetivos realidade venha atrelada à incessante luta por políticas públicas que visem a uma sociedade mais justa e igualitária. (ROCHA, 2006, p. 98-99).

Visto que o tão enfatizado processo globalizante para Silva (2005):

Há uma interdependência cada vez maior entre o espaço global e o local. O global tem influência sobre as vidas individuais nos espaços locais; mas também as decisões dos indivíduos em seu cotidiano podem influenciar sobre os resultados globais. Esta inter-influência incide sobre as coletividades e grupos de todos os tipos, incluindo o Estado. Todos têm que levar em consideração essa realidade, o que pressupõe repensar os papéis, sua reorganização e reformulação. A modernidade nas condições da globalização amplia tanto as oportunidades quanto as incertezas e os perigos. Daí a sensação de mal-estar e de desorientação. O mundo tornou-se cada vez mais um lugar inseguro e essa insegurança é sentida pelo indivíduo em sua mais remota comunidade. A experiência da modernidade em tempos globais colocou por terra as certezas: as surpresas e os riscos estão sempre à espreita e o futuro parece uma impossibilidade se pensado enquanto construção histórica a partir do passado e do presente. A modernidade na globalização se assemelha a uma grande e perigosa aventura, à qual, independente da nossa vontade, estamos presos e temos que participar. (SILVA, 2005, p.217).

Cabe ressaltar ainda que, como estando, portanto, este Estado incluso nesta dinâmica, as políticas públicas são também de responsabilidade dos dirigentes estaduais, pois: "a organização para o desenvolvimento regional, tem como característica marcante a ampliação da base de decisões autônomas por parte dos atores locais." (BOISIER, 1998, p. 29). Oliveira (2006) acrescenta que não podemos cair no participativismo populista e demagógico que vemos em algumas políticas públicas.

Coleman (2011) é mais enfático e afirma que a língua deve ser encarada enquanto elemento de "desenvolvimento" que se consegue apenas com atitudes de implementação de políticas públicas, o qual é influenciado pela noção de governança de Foucault (1991), ou seja, é algo



que realmente depende das estâncias superiores agirem de fato e de verdade, para a diminuição da pobreza e as desigualdades entre os indivíduos, visto que há uma negação da língua comunicativa e assim dos sistemas econômicos mundiais e acesso aos setores empregatícios para estas camadas inferiores da sociedade.

Diante do exposto, é possível perceber que a integração da tríade, Estado (Secretaria de Educação do Estado da Bahia (SEC)), Ministério Público e a Constituição Federal, têm o poder e a competência para instituir políticas públicas educacionais de qualidade, inclusivas, principalmente no que tange a educação da língua inglesa nas escolas públicas estaduais e municipais soteropolitanas, na Secretaria do Turismo do Estado da Bahia (SETUR), na Bahiatursa e universidades públicas afim de assegurar possibilidades para que os discentes destas instituições e pessoas ligadas ao turismo possam também ter a chance de concorrer ao mercado de trabalho e um amplo desempenho acadêmico e assim desenvolvimento urbano para a cidade de Salvador e uma sociedade menos desigual, comungando com a visão de Sen (2011) concluiria este capítulo de forma clara e objetiva de que a *ideia de justiça* se constrói em torno da noção básica de que, embora as pessoas sejam iguais perante a lei (ao menos nas democracias), suas necessidades, desejos e esperanças não são.

### **3 ANÁLISE DO DISCURSO DAS LEIS QUE REGEM A AQUISIÇÃO DA COMPETÊNCIA COMUNICATIVA DA LÍNGUA INGLESA E A RELAÇÃO COM O MERCADO DE TRABALHO E AO TURISMO**

Este capítulo do trabalho busca inteirar-se sobre o ensino da língua inglesa, de acordo com as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 (LDB), aliado aos Parâmetros Curriculares Nacionais de 1998 (PCNS), buscando traçar um paralelo desse ensino com as escolas públicas estaduais soteropolitanas, além da importância da educação para o mercado de trabalho e ao turismo, bem como das leis da Secretaria de Turismo do Estado da Bahia (SETUR) e Bahiatursa. Em primeiro lugar, são apresentadas as leis da LDB, em seguida os PCNS e por fim algumas abordagens sobre educação versus mercado de trabalho para o turismo, e por fim as leis dessas Secretarias de Turismo, mediante um paralelo com a visão de alguns teóricos.

#### **3.1 A RELAÇÃO DA AQUISIÇÃO DA LÍNGUA INGLESA COM AS LEIS DA LDB PARA O ENSINO NO BRASIL**

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 (LDB) vincula a educação com o mercado de trabalho e a prática na sociedade, como elemento de cidadania, mas é ainda muito lenta para a centralização do ensino fundamental e médio das escolas públicas, pelo fracasso do magistério e a privatização do ensino, comprometendo assim a qualidade da escola pública.

A última Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional foi elaborada no ano de 1996, aprovada pelo Congresso Nacional, na qual, o título I e artigo 2, afirmam que a educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e a prática social (Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996) (BRASIL, 1996). Nota-se, portanto, que a LDB coloca o mercado de trabalho e sua prática na sociedade, como fator primordial ao ser alcançado pelos alunos ao final do ensino médio, já que a defesa do trabalho tem sido abordada há muito tempo por teóricos, cujos trabalhos serão abordados mais à frente, mas é crucial, fazer uma alusão, por ser de uma importância ímpar em tal discussão e pelo fato de ser bastante recente, o que Gomes (2008) chama atenção, afirmando categoricamente que as relações no mundo do trabalho, hoje, são uma metamorfose, instáveis e precarizadas, refletindo diretamente sobre a dignidade humana, como também ao que é ressaltado sobre esse mercado de trabalho: a preservação do meio ambiente e a prática social dessa educação na sociedade. Vejamos:

A escola projetada para os próximos anos deve ajudar na compreensão das realidades contemporâneas atuais e futuras. A escola regular, formal e pública é o núcleo da educação básica, como direito social garantido pelo estado. Daí, deve-se considerar o currículo como um instrumento em busca da paz e da conquista de direitos humanos, tanto no infante, criança, jovem, adolescente, adulto e idoso, como da mulher, cidadã prestante com acesso às carreiras e com garantido sucesso nas ocupações do mercado de trabalho. Em face da globalização, é necessário fazer crescer o sentimento distributivo da justiça social e de uma educação compensatória, por exemplo, a educação ambiental passa a ser exercida formalmente na escola e fora da sala de aula. Essa educação relativa ao meio ambiente induz o respeito aos animais, às árvores, às plantas, ou, como nomeia a Bíblia, aos seres da natureza. Ao contrário, a educação global, planetária e mundial enfatiza o desenvolvimento sustentado: crescer sem depredar é considerar a sustentabilidade do meio ambiente. (BOAVENTURA, 2001, p.27-28).

Cotejando as palavras do autor com o capítulo II da LDB, nota-se convergências. O ponto principal da educação básica e o artigo 22 propagam que a educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores, ao passo que a seção IV, ainda do capítulo 2, artigo 35.2 é reforçada essa ideia para o ensino fundamental, afirmando que deve haver a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade às novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores. Já o capítulo III é mais enfático, aborda a educação profissional, especificamente, no artigo 39, ressaltando que a educação profissional, integrada às diferentes formas de educação, ao trabalho, a ciência e a tecnologia conduz ao permanente desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva (BRASIL, 1996).

Está claro que a LDB encara a importância do mundo do trabalho para os discentes, pensando na questão da cidadania, já que alguns teóricos já mencionaram essa importância cidadã, dentre eles, Castro (1997, p. 112) que nos mostra: "cidadania, hoje, para o grosso da população, é apenas uma palavra, desprovida de sentido e é precisa resgatá-la, torná-la efetiva no sofrido cotidiano do povo brasileiro". Diante disso, também está implícito na LDB, a inclusão social dos alunos, num mundo globalizado, numa sociedade capitalista, onde o parâmetro mais importante é o capital, que gera renda e desenvolvimento. Outros estudiosos também já haviam abordado o tema, é exemplar o pensamento de Markusen (1981) especificando que os agentes ativos no processo de desenvolvimento, são o capital e o trabalho.

Na compreensão de Gadotti (2003):

A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) dá alguns passos, embora tímidos, na direção da descentralização e da autonomia da escola, mas ainda conserva a estrutura do sistema centralizado, herança do período autoritário que ainda não superou e da pressão das entidades ainda sufocadas por um estatismo beligerante e conservador. A LDB é pródiga quando fala da autonomia das instituições de ensino superior, (art. 77), mas muito tímida quando fala da autonomia das instituições de educação básica (art.22). A LDB parece retroceder em relação a algumas conquistas da Constituição que é realmente "cidadã" e descentralizadora. (GADOTTI, 2003, p.63).

Gadotti (1992) é mais enfático e afirma:

Não se pode atribuir apenas a falta de recursos e a extrema pobreza em que vive a nossa população o nosso atraso educacional. A falência do ensino brasileiro está enraizada também no desânimo e falta de perspectiva do magistério, a perplexidade diante da burocracia que imobiliza as escolas e as torna dependentes de uma resposta "de cima" que não vem. Por outro lado, temos uma camada de burocratas incrustada no sistema de ensino que propõe desconcentrar as tarefas educacionais, mas concentrando o poder de decisão ou propondo a privatização dos serviços educacionais, jogando toda a responsabilidade exclusivamente nos indivíduos. Na oposição temos ainda um sindicalismo educacional corporativista que se concentra quase que exclusivamente na luta por melhorias salariais e no fortalecimento de um estado burocrático. Essas duas forças, apesar de apoiarem-se declaradamente em ideologias antagônicas, têm propostas de solução idênticas que, em grande parte, não escapam "das peias da burocracia", como dizia Anísio Teixeira. Numa perspectiva utópica, que é mais forte do que as ideologias, porque não tem nada a esconder. Ela pode ser transparente, sem táticas ou estratégias ocultas. A utopia propõe o retorno à comunidade, onde surgiu a escola. Para realizá-la é preciso que a comunidade defenda-a como defende o acesso aos eletrodomésticos, ao transporte, ao esgoto, ao asfalto, à moradia, ao trabalho [...] enfim, que ela defenda a educação como fundamental para a sua qualidade de vida, pois a questão essencial da escola hoje refere-se a sua qualidade. (GADOTTI, 2003, p. 68-69).

Não é preciso ser um expert para perceber que, conforme palavras do autor, o Estado ainda se mantém burocrático, comprometendo seriamente e sem perspectivas de curto prazo de solução a qualidade da educação das escolas públicas estaduais.

### 3.2 A RELAÇÃO DA AQUISIÇÃO DA LÍNGUA INGLESA COM SEUS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCNS)

Tanto a LDB de 1996, como visto anteriormente, como os PCNS de 1998, destacam a preparação dos discentes para o mercado de trabalho, como uma questão cidadã, para a devida atuação na sociedade. No entanto, prevalece a omissão e negligência do Estado tanto na formação do professor, que ainda sai mal instrumentalizado das universidades, como se

descuida com relação aos direitos dos indivíduos, e aqui destaca-se a falha em proporcionar ao cidadão, que lhe é de direito, a aquisição de uma língua estrangeira, através de uma educação pública de qualidade. Outro aspecto é o currículo, para voltar a um tema já discutido nesse trabalho. O professor deve atentar para este fato, bem como refletir a realidade e as necessidades dos alunos. O ensino de língua estrangeira deveria passar pela interação dos discentes num discurso da escrita e fala da língua inglesa na sala e na sociedade, com uma maior participação dos mesmos do que do mestre, mediante um ensino contínuo em todas as séries, do 6º ao 3º ano do ensino médio, como também incluir o espanhol, como segunda opção e obrigatória.

Sustenta esse ponto de vista o que propõem os PCNS (1998). Para esses parâmetros, o papel fundamental da educação no desenvolvimento das pessoas e das sociedades, amplia-se ainda mais no despertar do novo milênio e aponta para a necessidade de se construir uma escola voltada para a formação de cidadãos. Ainda para os PCNS, vivemos numa era marcada pela competição e pela excelência, onde progressos científicos e avanços tecnológicos definem exigências novas para os jovens que ingressarão no mundo do trabalho, impondo uma revisão dos currículos, que orientam o trabalho cotidianamente, realizado pelos professores e especialistas em educação do nosso país. As diretrizes dos PCNS enfatizam a importância da educação para o mercado de trabalho, como um exercício de cidadania, no entanto é sabido que pela lógica capitalista, a autonomia do Estado é enfraquecida. Kowarick (2003) demonstra que tem ocorrido um amplo e diverso processo de desresponsabilização do Estado em relação aos direitos de cidadania, e no seu lugar, surgem ações de cunho humanitário que tendem a equacionar as questões da pobreza em termos de atendimento particularizado e local.

Os últimos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN,s) de 1998 e que estão ainda em vigor, foram elaborados procurando, de um, lado, respeitar diversidades regionais, culturais, políticas existentes no país e, de outro, considerar a necessidade de construir referências nacionais comuns ao processo educativo em todas as regiões brasileiras. Com isso, pretendeu-se criar condições, nas escolas, que permitissem aos jovens acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania. Fácil é a interpretação: os PCNS estão declarando a atenção que deve ser dada, a formação de um currículo, que reflita os objetivos educacionais e as necessidades dos aprendizes, considerando o lugar que eles moram e trabalham, para que a cidadania seja de

fato executada. A esse respeito Nenevé e Santiago (2007) já havia declarado a importância dessa associação curricular a região do habitat dos discentes:

Um fato que nos parece imperativo, é que parece que para estudantes e professores, a necessidade de desenvolver um currículo deve ser baseado nas necessidades do lugar no qual os estudantes moram. Muitos podem pensar que o currículo não têm a ver com o contexto local, e portanto, falham em se adequar a realidade da situação das pessoas que precisarão da língua inglesa em seu ambiente de trabalho. Talvez seria possível afirmar que o currículo para a língua inglesa é muitas vezes rígido e inflexível, não somente na estrutura e conteúdo, mas também em que ele é desenvolvido. Um currículo deve ser um instrumento dinâmico que reflita os objetivos educacionais e as necessidades dos aprendizes, considerando o lugar que eles moram e trabalham. (MENEVÉ; SANTIAGO, 2007, p.145).

Para os PCNS, a aprendizagem de língua estrangeira é uma possibilidade de aumentar a auto percepção do aluno como ser humano e como cidadão, na qual deve centrar-se no engajamento discursivo do aprendiz, ou seja, sua capacidade de se engajar e engajar outros no discurso de modo a poder agir no mundo social. Portanto os PCNS, afirmam que, para que isso seja possível, é fundamental que o ensino de língua estrangeira seja balizado pela função social desse conhecimento na sociedade brasileira, fazendo o uso via leitura. Nascimento (2009) ratifica esse uso do idioma na sociedade e acrescenta que:

A grande influência do inglês no Brasil devido a sua preponderância no cenário mundial tem levado a duas atitudes opostas. Em primeiro lugar, alguns o admiram e aceitam, ao passo que outros simplesmente o rejeitam. Entretanto, deve-se levar em consideração que, apesar de existirem os pontos negativos do crescimento do idioma, como exclusão social dos que não têm acesso ao seu estudo e aprendizado, é inegável que o seu papel na sociedade atual é de extrema importância. O seu conhecimento não deve mais ser considerado um elemento de dominação cultural, mas o domínio de uma habilidade que pode auxiliar as pessoas a fazer parte da sociedade global. Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino de Línguas Estrangeiras no Brasil abordam esta dualidade ao afirmar que se deve fazer uso crítico de idiomas estrangeiros a fim de possibilitar mudanças no mundo. (NASCIMENTO, 2009, p.27-28).

Ainda na visão dos PCNS, o enfoque sócio interacional da linguagem indica que, ao se engajarem no discurso, as pessoas consideram aqueles a quem se dirigem ou quem se dirigiu a elas na construção social do significado e para que essa natureza sócio interacional seja possível, o aprendiz utiliza conhecimentos sistêmicos, de mundo e sobre a organização textual, além de ter de aprender como usá-los na construção social do significado via língua estrangeira, onde a consciência desses conhecimentos e de seus usos são essenciais na aprendizagem, posto que focaliza aspectos metacognitivos e desenvolve a consciência crítica do aprendiz no que se refere como a linguagem é usada no mundo social, como reflexo de crenças, valores e projetos político, então, os processos cognitivos têm uma natureza social,

sendo gerados por meio da interação entre um aluno e um parceiro mais competente. Travaglia (1996) ratifica essa interação da comunicação, revelando que:

Nessa concepção o que o indivíduo faz ao usar a língua não é tão somente traduzir e exteriorizar um pensamento, ou transmitir informações a outrem, mas sim realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor (ouvinte/leitor). A linguagem é, pois, um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico. Os usuários da língua ou interlocutores interagem enquanto sujeitos que ocupam lugares sociais e 'falam' e "ouvem" desses lugares de acordo com formações imaginárias (imagens) que a sociedade estabeleceu para tais lugares sociais. (TRAVAGLIA, 1996, p. 23).

Ainda na ótica dos PCNS, em sala de aula, esta interação tem, em geral, caráter assimétrico, o que coloca dificuldades específicas para a construção do conhecimento e daí a importância de o professor aprender a compartilhar seu poder e dar voz ao aluno de modo que este possa se constituir como sujeito do discurso e, portanto, da aquisição. A esse respeito, os PCNS chamam atenção para algo muito importante no processo do ensino-aquisição da língua inglesa: a maior participação do aluno na interação desta aquisição do que do professor. O'Neil (1982) confessa que:

Praticamente todos os livros didáticos utilizados no ensino de língua inglesa, estão estruturados de uma maneira inversa a essa lógica, onde a maior participação é do professor, mas acredita-se que é possível que os livros didáticos sejam reestruturados para que haja uma maior participação dos alunos. Eu concordo que nós não devemos atentar em predizer sobre o processo de aquisição do aprendiz pela forma que alguns livros didáticos conduzem. Mas eu revelarei que isso é típico de todos os livros didáticos. Eu também concordo que alguns livros didáticos promovem a maior participação do professor e menos do aluno. Mas isso não significa que é impossível para tais livros promoverem estilos cooperativos de aquisição onde o aprendiz tome mais a iniciativa em decidir o que é melhor. (O'NEIL, 1982, p.104).

Rogers (1983) citando Freire (1970) também enfatiza a importância da aquisição da língua centralizando mais no aprendiz na sala de aula, preparando terreno para o uso dessa língua do lado de fora, extra muro, na realidade do aluno. Os temas centrais da proposta dos PCNS, portanto, são a cidadania, a consciência crítica em relação à linguagem e os aspectos sociopolíticos da aquisição de língua estrangeira. Os PCNS, afirmam que a aprendizagem, isto é, a aquisição, como proposta nesta pesquisa, de uma língua estrangeira, juntamente com a língua materna, é um direito de todo cidadão, conforme expresso na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e na Declaração Universal dos Direitos Linguísticos. Para esses organismos a escola não pode mais se omitir em relação a essa aquisição, uma vez que o conhecimento de

uma língua estrangeira é altamente prestigiado pela sociedade. Infelizmente, o que se nota é que o ensino/aquisição dessa segunda língua se encontra deslocada da escola; diferente dos cursos particulares que proliferam, principalmente em Salvador.

Diferente dessa realidade está a proposta dos PCNS, cujo texto revela que o ensino de uma língua estrangeira, como o de outras disciplinas, é função da escola, e é lá que deve ocorrer, mediante uma habilidade comunicativa. Cotejamos a proposta, ainda não realizada, dos PCNS, com as diretrizes de outras estâncias, a exemplo da Secretaria de Educação do Estado da Bahia (SEC), Ministério Público e a Constituição Federal. Será que esses órgãos têm se preocupado em implantar esse ensino-aquisição baseado na abordagem comunicativa em sua plenitude? Baseado nesta proposta comunicativa, Brown (2001) declara que:

O ensino de língua comunicativa é claramente um grande desafio para os alunos e professores. A motivação intrínseca causa um enorme debate, desde que os estudantes possam ter dificuldades em ver a relevância de aprender inglês e os objetivos comunicativos são melhores alcançados, dando devida atenção para o uso da língua, fluência, língua autêntica e contextos e para a necessidade do estudante no mundo real. (BROWN, 2001b, p.27).

Os PCNS relatam que o pressuposto básico para a aprendizagem/aquisição de uma língua estrangeira é a necessidade de garantir a continuidade e a sustentabilidade de seu ensino e não há como propiciar avanços na aprendizagem/aquisição de uma língua, propondo ao aluno a aprendizagem/aquisição de espanhol no quinto ano, de francês no sexto e sétimo, e de inglês na oitavo ano. Assim sendo, se nota que os PCNS, chamam atenção para o fato da continuidade do estudo em todas as séries. O PCNS, deixa a critério das escolas na escolha do idioma a ser utilizado. Além do inglês está havendo atualmente uma tendência de incluir também o espanhol em algumas escolas públicas em Salvador, pela importância que esse idioma tem tido na atualidade, com a questão do Mercosul. A esse respeito Gonçalves (2010) nos adverte que:

O espanhol é uma das línguas mais faladas no mundo, com mais de 450 milhões de falantes nativos, além de mais de 100 milhões de estudantes estrangeiros e conhecedores da língua. Com isto se totalizam quase 600 milhões de pessoas falando espanhol em todo o mundo. É uma das mais extensas geograficamente: é idioma oficial em 21 países. É uma das línguas mais importantes nos fóruns políticos internacionais: é idioma oficial da ONU, UNESCO, UE e MERCOSUL. É a segunda língua mais difundida no mundo depois do inglês, e é uma das mais prometedoras. Existem em língua espanhola mais de 18.000 publicações periódicas, 300 canais de televisão e 6.000 emissoras de rádio. Podemos afirmar que o espanhol já é de grande importância no mundo, principalmente no ocidente e dentro de pouco tempo teremos mais de 700 milhões de hispanohalantes no mundo, ou seja, 10% da população mundial. Para não lamentar no futuro, faça parte desta população aprendendo o espanhol. A Espanha é o país que mais investe no Brasil



depois dos Estados Unidos, hoje já são centenas de empresas desde país instaladas no Brasil e sedentas por brasileiros hispanohablantes, e já são milhares de empresas brasileiras de todos os setores (comércio, indústria, serviços e agronegócio) negociando com países hispanohablantes. O Brasil, por exemplo comercializa muitos produtos e serviços com outros países latinos como Bolívia, Argentina, Uruguai, México, Venezuela, Chile, todos falantes de espanhol, sem mencionar na Espanha que é o 2º maior investidor de capital privado no Brasil. Motivos não faltam para você começar a aprender espanhol hoje mesmo. Além da importância econômica, é um idioma muito belo. Com o advento da Copa do Mundo de 2014, o espanhol será ainda mais importante, afinal temos que receber muito bem nossos vizinhos hispanohablantes, deixar para eles uma ótima impressão. (GONÇALVES, 2010).

Peregrino (2008) é mais persuasivo ao falar do espanhol. Embora longa a citação, ela merece o destaque na íntegra:

A língua espanhola é falada, hoje, em quatro dos cinco continentes do mundo. São eles a América, a Europa, a Ásia e a África. E utilizado em mais de vinte e um países como língua materna ou segunda língua. Muitas pessoas utilizam o espanhol como segunda língua. Os Estados Unidos, por exemplo, possuem cerca de 32 milhões de pessoas que falam o espanhol e, como eles, existem milhares de pessoas que falam o espanhol em diferentes países. Segundo os PCNS (1999, p. 50), no âmbito do ensino médio, existem discussões a respeito da importância de aprender uma ou mais línguas estrangeiras. No artigo 36 da LDB, o atual ensino médio tem oportunizado a inclusão de uma língua estrangeira moderna obrigatória e outra de caráter optativo, dentro das disponibilidades da instituição. Hoje, a língua obrigatória, na maioria das escolas, é o inglês. O espanhol fica sendo a língua optativa. Sabemos que com a globalização e a planetarização das relações internacionais, a tendência é que cada um se torne um cidadão do mundo. Para isso, faz-se necessário à aprendizagem de outra língua. Em relação a isso, os PCNS falam que :[...] o fato de que salvo exceções, a língua estrangeira predominante no currículo ser o inglês, reduziu muito o interesse pela aprendizagem de outras línguas estrangeiras e a consequente formação de professores de outros idiomas (BRASIL, 1999, p. 50). Conforme nos diz o próprio PCN, sabemos que atualmente o espanhol acaba sendo deixado de lado na maioria das escolas brasileiras. Isso é quase um crime à educação, devido ao estreitamento de nossas relações com países vizinhos, que tem o espanhol como língua oficial, e também pela questão do Mercosul. Muitos são os fatores que devem ser levados em consideração no momento de escolher a(s) Língua(s) Estrangeira(s) que a escola ofertará aos estudantes, como podem ser as características sociais, culturais e históricas da região onde se dará esse estudo. Não se deve pensar numa espécie de unificação do ensino, mas, sim, no atendimento às diversidades, aos interesses locais e às necessidades do mercado de trabalho no qual se insere ou virá a inserir-se o aluno. (BRASIL, 1999, p.54) Apenas o fato de que o Brasil é o único país da América do Sul que não tem como língua oficial o espanhol, torna de fundamental importância que nossos alunos aprendam o espanhol como disciplina, porque não obrigatória, do componente curricular das escolas. Para que tal sonho se realize, devemos tomar consciência de que o ensino de uma Língua Estrangeira deve ser significativo. (PEREGRINO, 2008).

Diante do exposto, está claro nos PCNS, a importância do ensino-aquisição da língua inglesa para a cidadania, o mundo do trabalho, revisão do seu currículo, engajamento discursivo do aprendiz, para agir no mundo social, pela função social desta língua, para o uso na comunidade local, na visão sociointeracional da linguagem, a fim de construir socialmente o significado cultural, o destaque do aluno enquanto sujeito do discurso e da aquisição, na vivência da experiência humana, restauração da língua na formação educacional, o direito de todos nessa aquisição, importância da habilidade comunicativa, sua continuidade nas séries e sua sustentabilidade e que se deva também incluir o espanhol como obrigatória e não apenas optativa, como posta pela LDB.

### 3.3 IMPLICAÇÕES DA AQUISIÇÃO DO INGLÊS PARA O MERCADO DE TRABALHO E PARA O TURISMO

Muitos fatores podem interferir positivamente para que o ensino de língua inglesa nas escolas públicas estaduais e municipais soteropolitanas e como complementação na Secretaria do Turismo (SETUR) e Bahiaturisa sejam ministrados numa abordagem comunicativa, para conduzir estudantes, motoristas de táxi, de ônibus, seguranças de shopping, baianas de acarajés, vendedores ambulantes, recepcionistas de hotéis, guias turísticos etc, no acesso ao mercado de trabalho e ao turismo, como uma forma de rentabilidade financeira e assim o desenvolvimento social, económico e cultural. Em termos educacionais, pode-se assegurar que o Estado não tem sido democrático, favorecendo somente a elite burguesa que se alimenta do privado. Se cumprisse bem o seu papel, o Estado poderia assegurar uma formação sólida na aquisição de uma segunda língua.

Levine (1979) considera que o relacionamento entre educação e mercado de trabalho tem sido debatido há décadas, visando preparar indivíduos, principalmente do ensino médio, das classes menos abastadas financeiramente, como técnicos ou sub-profissionais, para atuar no comércio, agricultura, indústria, a partir da idade de 14 anos ou mais. Cruz (2003) citando Moreira (1998) afirma que o mundo do trabalho diversificou-se e alcançou níveis inimagináveis de sofisticação e eficácia. Adquiriu, o mundo do trabalho, um status antes reservado apenas ao universo da educação e do conhecimento, daí essa compatibilidade traz consequências em todos os aspectos da vida humana, especialmente no nervo central da atividade produtiva, que é a capacitação profissional. Portanto, é fundamental, que a educação profissional seja aprimorada, mas, para isso, é necessário oportunizar uma educação nas escolas de qualidade, e o domínio da escrita e fala da língua inglesa, podem ser um diferencial

para funcionários de empresas, que mantêm cada vez mais o contato com pessoas ou empresas de países que possuem esta língua como sua base, para uma eficiente transação dos negócios e se manter competitivo no mundo transnacional.

Para competir no mercado internacional, o Brasil, precisa melhorar o nível educacional do trabalhador brasileiro. Ainda segundo Carlos Eduardo Moreira (1998):

Apesar das várias e bem-sucedidas inovações já implementadas, alguns desafios persistem e devem ser enfrentados com criatividade. Se as mudanças na organização do trabalho promovem a difusão do conhecimento por todo o setor produtivo, esbarram no problema da baixa escolaridade do trabalhador brasileiro. Não há como evitar a conclusão de que o nosso peão é menos produtivo que seu colega norte-americano. Na hora de assentar o tijolo, provavelmente o ritmo é o mesmo. Mas há outras diferenças. (MOREIRA, 1998, p. 1).

Amarante (1998, p. 55) aponta para o fato de que, na perspectiva neoliberal, a crise da educação é diagnosticada a partir da constatação da inadequação da formação escolar para uma atuação eficiente, isto é, competitiva, no mercado global. Pode-se concluir, por conseguinte, que cresce, por parte das empresas, a visão de que a escolaridade do trabalhador é essencial para os negócios. A leitura de Amarante (1998, p. 56) conclui e permite afirmar que o projeto neoliberal, parte da premissa de que a educação, em condições ideais de desenvolvimento, deve responder e se ajustar às demandas e às exigências do mercado.

Nascimento (2009) declara que facilitar o acesso a aquisição do idioma da língua inglesa aos que estão em processo de educação profissional é essencial para fomentar o desenvolvimento de habilidades que tornem os indivíduos prontos a fazer parte do mercado de trabalho, ou seja, adquirir inglês nos dias atuais representa uma via de inclusão e ascensão, portanto, de mobilidade social e assim sendo, a promoção de políticas públicas educacionais deve considerar as reais necessidades e aptidões locais, a fim de que possa abrandar os altos índices de desemprego e exclusão social. Nunes (1998) também concorda que uma das vertentes da educação é preparar o aluno para o mercado de trabalho. Ele afiança que:

A universalização do conhecimento e a produção em série do saber exigirá que o aluno tenha consciência da instantaneidade de sua formação e por outro lado que as instituições de ensino também estejam conscientes desta problemática, sendo que neste caso há que se preparar o aluno também para pensar e também para se auto-capacitar. O papel primordial da educação não é passar informações, mas principalmente formar o cidadão, prepará-lo para que possa caminhar com suas próprias pernas no mercado de trabalho. Hoje a tecnologia a disposição dos mestres permite que ele as utilize como apoio didático, mas somente ele poderá estimular o pensamento do aluno, realizar debates, estimular o senso crítico, criar e mudar a realidade. (NUNES, 1998, p.402).

A inserção no mercado de trabalho, proporciona uma distribuição de renda mais igualitária e daí provoca desenvolvimento, assim na ótica de Carvalho (2006) o informe de Haia, preparatório da Conferência Rio-92, igualmente ratifica essas opiniões, ao entender o desenvolvimento como um processo que implica em "um novo conceito de crescimento económico que ofereça justiça e oportunidades a todos os povos do mundo". Ratificando essa igualdade versus desenvolvimento, Mishan (1975) declara que o desenvolvimento só será autêntico quando produzir simultaneamente mais riqueza e uma justa e equitativa distribuição da mesma. Sendo esta inclusive, condição mais básica e necessária de qualquer forma de desenvolvimento, ou seja, uma busca da satisfação das diferentes demandas do conjunto da população. Castell (1998) conclui que a inserção no mercado de trabalho é uma forma de superar o capitalismo.

Abreu (2002) acrescenta e é mais enfático ao afirmar que, esse conjunto de definições, chama atenção para o caráter essencialmente humanista do desenvolvimento, onde a situação de subdesenvolvimento é encarada como uma espécie de infra-humanismo ou desumanismo, já que a mesma impede que o sujeito tenha sequer condições de estar no mundo, condição básica para o ser no mundo. Com a globalização, o mercado de trabalho passa a ter novas exigências.

Capra (2002) aponta que os grandes avanços tecnológicos e a instalação de um processo de globalização com novos critérios de inserção dos países em desenvolvimento no comércio internacional têm provocado nefastas consequências no mercado de trabalho, restringindo oportunidades de emprego e criando novas condições e exigências. Diante disso, surge a imperiosa necessidade da intervenção do Estado, aliás este é seu dever: proporcionar uma educação inclusiva, geração de emprego e distribuição equitativa de riqueza. Mantega (1987) corrobora esse mesmo pensamento:

Cabe ao Estado promover o desenvolvimento enquanto principal racionalizador da economia, alocando os recursos, protegendo a indústria local, enfim, planejando uma nova estrutura económica nacional num grau muito superior de eficiência e desempenho. Neste sentido, o Estado é tido como o pivô do desenvolvimento, pairando acima dos interesses específicos das classes e sendo o principal agente da política económica da Nação. Sob essa ótica, o Estado, é colocado não apenas acima das classes, como também na frente delas, mostrando o caminho e tomando as medidas que levam ao desenvolvimento. (MANTEGA, 1987, p.42).

Por outro lado, cabe o questionamento de como o Estado pode promover esse desenvolvimento, se ele só é direcionado a alguns poucos, mesmo afirmando que suas ações são para todos, contudo como alcançar a todos se ainda perdura a manipulação política no sistema educacional brasileiro? Pois nas palavras de Verhine e Plank (1996 apud

BOAVENTURA, 2001) a literatura recente sobre o assunto indica que o nível de gastos é baixo e que o sistema como um todo sofre problemas de eficiência, eficácia e equidade e que dentre os problemas mais importantes, estão a complexidade excessiva do sistema de financiamento, a falta de regras para organizar a distribuição de papéis e responsabilidades entre os vários órgãos que participam do sistema educacional e a ausência de procedimentos efetivos para monitorar e avaliar a distribuição e uso dos fundos públicos. Dentre as consequências destes estão os níveis altíssimos de desperdícios, desigualdade e manipulação política no sistema no sistema educacional brasileiro, já que existe um ditado no Brasil de que algumas leis " pegam" e outras não e as normas que orientam a parcela das receitas públicas que devem ser alocadas para o apoio á educação nem sempre têm " pego" mesmo quando elas vêm inscritas na Constituição assim como a administração do salário educação tem sido dirigida ao apoio do ensino privado, ao invés de escolas públicas, já que são facilmente manipuláveis politicamente.

A intervenção estatal pode ser a chave para o desenvolvimento de todas os setores sociais, principalmente o setor educacional, já que existe, segundo Viveret (2006) o crescimento-desigualdade, que se traduz no reaparecimento da miséria no mundo e a difícil relação entre desenvolvimento e democracia.

Compete ao Estado moderno a realização de funções básicas para garantir os anseios e necessidades da população, pois ele continua sendo uma entidade legítima da sociedade estruturada. Buffa (2000) ao se referir ao Estado brasileiro, afirma que:

A estrutura social está montada de modo que os direitos do homem e do cidadão simplesmente não existem. Não existem para a elite, de vez que ela não precisa de direitos porque tem privilégios. Está, pois, acima deles. Não existem para a imensa maioria da população - os despossuídos -, pois suas tentativas de consegui-los são sempre encaradas como problemas de polícia e tratadas com todo o rigor do aparato repressor de um Estado quase onipotente (CHAUI, 1986 apud BUFFA, 2000, p.28).

Quanto à educação, um dos direitos do cidadão, o que se oferece a maioria da população é uma rede escolar precária em todos os sentidos (BUFFA, 2000, p.28).

Antunes (1999) é mais enfático e declara que a crise experimentada pelo capital, da qual o neoliberalismo e a reestruturação produtiva da era da acumulação flexível são expressas, têm acarretado, entre outras consequências, profundas mutações no interior do mundo do trabalho, com o enorme desemprego desestrutural de mais de 1 bilhão de pessoas, um crescente contingente de trabalhadores em condições precarizadas, degradação do homem e natureza,

conduzida pela lógica societal voltada prioritariamente para a produção de mercadorias e para a valorização do capital.

Nesse contexto, as políticas voltadas à educação que surgem do modelo neoliberal se pautam pela lógica econômica. Com isto, Bianchetti afirma que o modelo prevê que, cabe ao Estado prover a educação básica, como no liberalismo inicial, restando ao mercado controlar o resto do ciclo educacional. Não parece difícil concluir que o resto do ciclo educacional, já que privado, está ao acesso de quem possa pagar. Para convencer a sociedade como um todo de que é justo, o modelo neoliberal muitas vezes mascara suas propostas como se elas fossem amplamente democratizantes e participativas. (BIANCHETTI, 2001, p.14).

Arrighi (1997) declara que o Estado tem também no Turismo uma de suas atividades e para ele dirige sua atenção territorial, trazida na política traçada para atender aos requisitos de crescimento do setor. Beni (1997) e Cruz (2005) complementam que o turismo envolve, na sua realização, sujeitos sociais (população local, turistas, agentes de mercado e poderes públicos) com expectativas diferentes, não raras vezes divergentes e que conciliar esses interesses no ordenamento dos territórios pelo e para o turismo deve ser um paradigma orientador do planejamento governamental e de suas políticas públicas.

Dias (2008) com relação a este turismo, afirma que:

Ao afetar direta ou indiretamente diversos setores da economia, torna-se poderoso instrumento de desenvolvimento, abrindo a possibilidade de geração de um número significativo de empregos diretos e indiretos (dos mais qualificados ao menos) e um sem-número de postos de trabalho. O turismo pode ser considerado hoje uma das poucas alternativas à destruição do emprego tradicional devido às mudanças tecnológicas e à globalização, junto com a redução da jornada de trabalho. É um setor em que coexistem desde grandes multinacionais até milhares de pequenas empresas familiares. O fenômeno turístico é relativamente recente. Em sua versão moderna, surgiu na metade do século XIX quando, em 1841, Thomas Cook organizou uma viagem para levar um grupo de 570 passageiros para participar de um congresso em Longborough, Inglaterra. Esse acontecimento, praticamente, marca o início da época moderna do turismo e o surgimento dos grupos organizados com fins lucrativos. No restante do século, esses deslocamentos acentuaram-se, primeiramente dentro de seus próprios países (turismo interno); posteriormente, cresceu o turismo internacional. (DIAS, 2008, p.10).

Dias (2008) acrescenta que o turismo é uma atividade econômica que se desenvolveu como fenômeno de massas, em decorrência do desenvolvimento propiciado pela Revolução Industrial, que acabou instituindo na sociedade moderna um modelo econômico que tem como seu objetivo principal a geração de renda. Para ele, o turismo, converteu-se na atividade econômica mais importante do mundo e que as projeções da OMT para o ano de 2010 é de mais de 1 bilhão de pessoas viajando entre países. Esse número crescerá e em 2020 a projeção

é de 1,5 bilhão de viajantes internacionais. Portanto é o setor da economia que mais cresce na atualidade, superando até mesmo setores tradicionais, como a indústria automobilística, a eletrônica e a petrolífera (DIAS, 2008).

Portanto, o turismo abre caminhos para o mercado de trabalho e também pode gerar uma consciência ambiental e cultural. A respeito desta consciência ambiental, Carvalho (2006) argumenta que chega a ser temeroso excluir a dimensão ambiental da educação, principalmente no momento em que vivemos, que urge formar uma consciência ecológica para garantir a sobrevivência da humanidade.

Quanto a inserção no mercado de trabalho e no turismo, vem logo a associação direta com a questão da renda, portanto desenvolvimento econômico para a cidade de Salvador, mas, por outro lado, Arrighi (1997) conclui que: a troca desigual e as transferências desiguais unilaterais dos recursos do capital e do trabalho, contribuíram para a formação e reprodução da estrutura núcleo - orgânica-periferia- de desigualdades da economia capitalista mundial. Daí a questão: que espécie de sistema mundial surgirá desse turbilhão? A resposta é difícil e se não for contida a tendência, pode muito bem mergulhar o mundo numa situação de caos sistêmico pior do que aquela da primeira metade do século XX, mas que por outro lado, as tentativas e lutas para conter e se contrapor a essa escalada podem criar, na semiperiferia, novas formas de democracia popular capazes de estabelecer as bases de um sistema mundial menos explorador e excludente.

Antunes (1999), ainda acrescenta também a visão de trabalho abstrato, que foi dito por Hegel como o conjunto daquilo que todos fazem ou o mesmo que pluralidade. Antunes, portanto, afirma que a tese da eliminação desse trabalho abstrato (dispêndio de energia física e intelectual para a produção de mercadorias), não encontra respaldo nem em países capitalistas avançados, muito menos em países do chamado terceiro mundo, no nosso caso, o exemplo do Brasil, que se encontra em posição subalterna na nova divisão internacional do trabalho e que neste sistema de metabolismo social do capitalismo, o trabalho que estrutura o capital, ao mesmo tempo desestrutura o ser social e com isso a perda da centralidade do trabalho no mundo contemporâneo.

É possível então perceber deste parágrafo anterior, que Antunes, está a favor do trabalho estável, público e remunerado. Diante do capitalismo avassalador e sua característica destrutiva que proporciona uma economia instável, tornando seres humanos de carne e osso á deriva, sem perspectiva de emprego estável bem como perspectivas de ascensão dentro de sua área de trabalho, pode-se visualizar uma luz no fim do túnel, se pensarmos na aquisição da

língua inglesa, como uma possível solução para muitos, que poderão ter o acesso não apenas ao mercado de trabalho privado, instável, que segundo Gorz (2008), é uma herança escravocrata, que existe até hoje em nossa sociedade, mas o acesso ao trabalho público, estável e que acaba tornando uma sociedade econômica equilibrada e desenvolvida.

Gorz (2008), é bem mais enfático, mais claro e mais incisivo para a questão do trabalho público socialmente remunerado, vitalício, para a segurança social da economia, afim de que o trabalhador não seja o mesmo serviçal como no período escravocrata, ou seja, a massa excluída da esfera atual, que é destruída pelo capital, onde o valor da igualdade de direitos, inclusão social, emancipação e cidadania plena, é de fato e de verdade, um mito, que parece não ter solução.

Em virtude dos fatos mencionados, fica patente que educação versus trabalho versus acúmulo de capital versus desenvolvimento social poderá ser mais visível a olho nu, com a intermediação da educação, que poderá lançar no mercado não "o conhecido peão", cobaia do capitalismo, mas indivíduos com uma profissão para ser cobaia do trabalho estável, socialmente remunerado, humano, digno, vitalício e não mais pertencente à senzala escravocrata do passado, que de forma um pouco disfarçada ainda sobrevive na contemporaneidade que para Gorz (2008) precisa-se mudar de utopia bem como uma reforma na educação, a qual deve inverter prioridades, que no lugar de formar "computadores humanos", deve formar o indivíduo de forma que ele se desenvolva humanamente, de forma manual, artística, afetiva, moral, que é o mesmo que deixar de formar "peões escravos do capitalismo", visando, como enfatizado por Gorz (2008, p.14) a "emancipação e autonomia das pessoas e não uma dominação sobre elas".

Widdowson (2005) conclui com mais objetividade e afirma que a língua está intrinsecamente ligada com a sociedade humana via a comunicação, a qual apenas ocorre com a competência linguística comunicativa do falante que a habilita para o mercado de trabalho, em que aqueles que não a possui permanece na ignorância.

Diante do exposto, está claro que o grande vilão é o Estado (esfera pública dominada desde os primórdios pela burguesia que destrói a sua força). Portanto, é essa força destruída que precisa ser reconstituída mediante políticas públicas educacionais para o desenvolvimento do ensino comunicativo da língua inglesa no Brasil e especificamente em Salvador, afim de que este deixe de ser um mero "faz de conta" e venha se tornar pela primeira vez uma realidade.



### 3.4 LEIS QUE REGEM A SECRETARIA DO TURISMO DO ESTADO DA BAHIA (SETUR) E BAHIATURSA

A importância da aquisição da competência comunicativa, com vistas ao mundo do trabalho, é uma meta da LDB e dos PCNS da língua inglesa, como visto anteriormente. Por isso, é importante também conhecer a respeito da Secretaria de Turismo do Estado da Bahia (SETUR) com relação às suas metas para o desenvolvimento do turismo baiano, assim como a LDB e PCNS, para a escola pública e a inserção no mercado de trabalho em geral e especificamente no mercado do turismo. Diante disso, surge um questionamento sobre até que ponto a SETUR/BA, disponibiliza e prepara pessoas de forma contínua para a habilidade da escrita e fala da língua inglesa como forma de inserção neste mercado turístico tão crescente e assim visualizar renda e, portanto, desenvolvimento social, econômico, ideológico e cultural de pessoas mais carentes. Pesquisando o site da Secretaria de Turismo do Estado da Bahia, o qual disponibiliza a qualquer indivíduo via internet, encontrou-se toda a informação necessária, desde o seu histórico, passando por metas e perspectivas futuras. Julgou-se relevante, apesar de longo, disponibilizar o que nesse site está contido: e esta citação se deve ao fato de ser parte importante dessa pesquisa.

A Secretaria de Turismo foi criada pela lei nº 10.549, de 28 de dezembro de 2006, e tem como finalidade planejar, coordenar e executar políticas de promoção e fomento ao turismo, conforme o art. 1º do regimento da Secretaria de Turismo, publicado no Diário Oficial de 20 e 21 de outubro de 2007. Compete à Secretaria de Turismo formular diretrizes, coordenar ações, atrair recursos, realizar pesquisas, fiscalizar o cumprimento da legislação e incentivar a inclusão da identidade cultural baiana, visando o desenvolvimento do turismo no âmbito estadual. Na sua estrutura organizacional, a Setur abriga órgãos da administração direta e da indireta. A Secretaria situa-se no âmbito da administração direta ou centralizada, juntamente com as suas duas superintendências, a Superintendência de Investimentos em Pólos Turísticos (Suinvest) e a Superintendência de Serviços Turísticos (Suset), além do Gabinete do Secretário e Diretoria-Geral. No âmbito da administração indireta ou descentralizada, está a Empresa de Turismo da Bahia S/A, a Bahiatursa. Através desse endereço eletrônico os interessados podem ter acesso às informações sobre as principais atividades e competências da Setur e dos órgãos que fazem parte da sua estrutura organizacional. A nova estrutura governamental vinculada exclusivamente ao setor de turismo, a Secretaria de Turismo - SETUR e a Empresa de Turismo da Bahia (Bahiatursa), vêm trabalhando de forma integrada e articulada na implantação de políticas públicas e na promoção e divulgação da Bahia como

destino turístico. As atividades executadas pelos dois órgãos estão inseridas em três grandes eixos estratégicos: inovação, qualificação dos serviços e do destino e integração econômica, que se constituem na base do conceito de turismo sustentável. A convergência desses três eixos estratégicos visa preencher às grandes lacunas do modelo turístico passado: graves deficiências na qualidade dos serviços e da mão-de-obra, escassez de novos produtos e serviços turísticos e implantação de parques hoteleiros, com enclaves desvinculados das economias regionais ao seu entorno. Um dos objetivos dessa nova política é incrementar a participação do turismo no Produto Interno Bruto estadual, tornando a Bahia destino modelo e preferencial no cenário nacional e internacional, com práticas sustentáveis, aproveitando e valorizando a diversidade do Estado. Os estudos técnicos realizados apontaram para a necessidade de um novo salto na inovação de produtos turísticos, na qualidade dos produtos e dos serviços e na integração do produto turístico à economia baiana. A Bahia tem sido um Estado de vanguarda no que se refere à atividade turística e a criação da Secretaria de Turismo (Setur) está afinada com esse propósito. A Setur nasceu em 19 de outubro de 2007, com a responsabilidade de planejar, coordenar e executar políticas de promoção e fomento ao turismo. Esse site tem como finalidade possibilitar o acesso de todos que queiram obter informações sobre como está sendo conduzido esse processo. Quando o Governador Jaques Wagner decidiu que a cultura e o turismo estariam representadas em duas secretarias distintas, o fez por entender que o Turismo, embora profundamente vinculado à cultura, merecia uma estrutura administrativa autônoma. A Setur cumprirá, enquanto governo, as funções do Estado moderno: planejamento, regulação e fiscalização. Diante da nova conjuntura o site, que antes era de Cultura e Turismo, passa a ser apenas de Turismo. Num primeiro momento, foram feitos alguns ajustes na sua concepção sempre procurando preservar a história e informações consideradas importantes sobre o desempenho da atividade turística na Bahia (SETUR, 2010). Com relação à sua missão, está claro que sua preocupação também, assim como a LDB e PCNS da escola pública, está na promoção do trabalho, para gerar renda.

Vejamos agora, resumidamente o que nos diz a Secretaria de Turismo do estado da Bahia (SETUR) BAHIATURSA. Criada pela Lei nº 10.549, de 28 de dezembro de 2006, tem por finalidade planejar, coordenar e executar políticas de promoção e fomento ao turismo. Compete ainda à Secretaria de Turismo: planejar, coordenar, implementar, acompanhar e avaliar as políticas de Turismo; formular diretrizes e promover a definição e implantação de planos, programas, projetos e ações relativas ao turismo no âmbito estadual; promover, coordenar, executar e supervisionar a elaboração de planos, programas e projetos estaduais de

Turismo; atrair recursos técnicos, humanos e financeiros, visando o desenvolvimento do turismo na Bahia; promover, isoladamente ou em articulação com pessoas jurídicas de direito público e privado nacionais ou estrangeiras, ações destinadas a incrementar o turismo como fator de desenvolvimento, geração de riqueza, trabalho e renda; realizar e desenvolver estudos e pesquisas destinados a identificar as necessidades e avaliar os efeitos dos programas, projetos e atividades vinculados ao setor de turismo; fiscalizar o cumprimento da legislação referente à área turística, quando previamente autorizada; incentivar a inclusão da identidade cultural e dos valores históricos da Bahia na promoção do turismo; exercer outras atividades correlatas e também possui o Programa de desenvolvimento de novos serviços depois de implantar em 2007 e 2008 o Serviço de Atendimento ao Turista (SAT) e o Disque Bahia Turismo e reformular o Portal de Internet, a SETUR e a Bahiatura lançaram, em 2009, o Sistema Integrado de Informações Turísticas, que visa oferecer um atendimento amplo ao turista que visita à Bahia, abrangendo os níveis presencial, eletrônico e digital.

Atuando de forma integrada, o sistema fornece desde informações sobre infraestrutura turística, como localização, hotéis, bares e restaurantes até números indicadores e estatísticos dos 154 municípios turísticos do Estado. O sistema atende ainda a demanda por informações acadêmicas, solicitada por estudantes, professores e pesquisadores da área. No nível presencial, estão à disposição dos visitantes quatro postos de informação na capital e oito no interior, além das unidades do SAT, que concentram em um só local a prestação dos serviços mais procurados pelos visitantes. O Disque Bahia Turismo (DBT), o maior call center de turismo do país, oferece ao turista informações por telefone, 24 horas por dia, em três idiomas, enquanto no nível digital, o portal [www.bahia.com.br](http://www.bahia.com.br) e os sites institucionais da Setur e da Bahiatura possibilitam o fornecimento de informações a distância. O Sistema Integrado possibilita a alimentação de informações por todos os atendentes dos postos, SATs e do DBT, além de unificar e padronizar a informação armazenada no portal e dos sites institucionais.

Diante do exposto, a forma de ingressar no mercado de trabalho turístico, se patrocinado por uma força pública estatal, como discutida anteriormente, pode ser uma alternativa para indivíduos que estão ligados diretamente para este setor bem como alunos oriundos das escolas públicas estaduais soteropolitanas bem como das universidades públicas ingressarem nesse mercado de trabalho promissor e que é o setor, que como já mencionado anteriormente, que mais cresce atualmente.

## 4 VISÃO GERAL DA NATUREZA DO MÉTODO E SUAS CONCEPÇÕES FILOSÓFICAS

Esta seção inicia com a parte empírica desta pesquisa, a qual terá dar uma noção geral dos tipos de pesquisa, teóricos bem como uma maior ênfase no método do estudo de caso, o qual é a opção metodológica mais apropriada para o exame do problema desta tese, que é: Em que medida o ensino de língua inglesa mediante a implementação de políticas públicas pode estimular o mercado sobretudo o turismo? Há também a coleta de dados e as discussões, análise, interpretação e resultados e uma caracterização do regimento de uma escola pública e um colégio público, os quais são os objetos de estudo desta investigação.

### 4.1 TIPOS DE PESQUISA, MÉTODO E TEÓRICOS

Uma breve sinopse do método, tipos de pesquisa e teóricos da metodologia da pesquisa é fundamental assim como um melhor detalhamento da opção metodológica mais coerente com esta tese.

Na pesquisa experimental se tem a noção de que um experimento é uma pesquisa em que se manipulam uma ou mais variáveis independentes, usando a análise estatística, empiricamente coletados com a hipótese. Na pesquisa bibliográfica, o pesquisador só pode fazer tal investigação se ele tiver algum conhecimento prévio do assunto, precisa ter relevância não apenas teórica, como também prática. Tudo isso, se houver material bibliográfico suficiente e disponível bem como não há um modelo para o delineamento para tal tipo de pesquisa, uma vez que outros fatores devem ser considerados:

“a natureza do problema e o grau de precisão que se pretende conferir à pesquisa. Em seguida, mostra-se as etapas sequenciadas para desenvolver a pesquisa bibliográfica: escolha do tema; levantamento bibliográfico preliminar; formulação do problema; elaboração do plano provisório de assunto; busca das fontes; fichamento; organização lógica do assunto e redação do texto”. (GIL, 2002).

Com relação a pesquisa participante, antes da pesquisa, se faz um maior detalhamento do que as outras metodologias, mediante a delimitação da região, distribuição das tarefas entre os pesquisadores, identificação da estrutura social da população, para descobrir as diferenças sociais dos membros, o conflito entre os grupos, colocando-se mais a serviço dos oprimidos,

partilhado do seu cotidiano, ouvindo, vendo, observando, sentindo, tocando, vivendo junto e seus universos bem como o recenseamento dos dados sócio-econômicos e tecnológicos, como geográficos, demográficos, econômicos, sanitários, habitacionais, viários e educacionais.

O problema neste tipo de pesquisa é reformulado mais objetivamente, através de sua descrição, identificação das causas e da formulação das hipóteses de ação e com base nestas hipóteses, elabora-se o plano de ação que se baseia nas ações educativas que permite analisar os problemas e as situações vividas, as medidas para melhorar a situação em nível local, ações educativas para viabilizar a execução de tais medidas bem como as ações com soluções a curto, médio e longo prazo em nível local ou em escala mais ampla. Esse tipo de pesquisa não se encerra com a elaboração de um relatório, mas com um plano de ação que dá espaço para fazer uma nova pesquisa, por isso seu caráter informal e dialético. (GIL, 2002). No caso desta tese, o tipo de pesquisa é a participante. Na visão de Boaventura (2007):

O método de estudo de caso é um instrumento didático que surgiu na Escola de Direito da Universidade de Harvard (EUA) por volta de 1870. Seu objetivo era introduzir modificações nos padrões de ensino adotados até então, a fim de que novas formas de aprendizagem fossem experimentadas, como também fazer com que a lacuna teórico-prática fosse amenizada. A crença que parecia existir implicitamente era a de que, na medida em que o aluno estudasse casos concretos, sua experiência no mundo real dos negócios seria substancialmente aumentada, diminuindo assim a defasagem entre o grau esperado de sua experiência e sua “bagagem teórica”. (BOAVENTURA, 2007, p.377-378).

**O referido autor vai mais além e afirma que há três tipos de estudo de caso: de organização numa perspectiva histórica, como em escolas(o tipo de caso desta tese), o segundo tipo é o caso de observação participante, como numa organização particular e o terceiro caso é o de histórias de vida, mediante entrevistas exaustivas com uma pessoa, numa narrativa de primeira pessoa.**

Há três modalidades de estudos de caso: Intrínseco é o caso que constitui o próprio objeto da pesquisa, o que o pesquisador almeja é conhecê-lo em profundidade, sem qualquer preocupação com o desenvolvimento de alguma teoria, o Instrumental, que é desenvolvido com o propósito de auxiliar no conhecimento ou redefinição de determinado problema, o pesquisador não tem interesse específico no caso, mas reconhece que pode ser útil para alcançar determinados objetivos e o Coletivo que ocorre quando o propósito é o de estudar

características de uma população, os quais são selecionados porque se acredita que, por meio deles, torna-se possível aprimorar o conhecimento acerca do universo a que pertencem.

No caso desta pesquisa, a modalidade é coletivo. A coleta de dados do estudo de caso, é algo mais complexo que o de outras modalidades de pesquisa. A maioria das pesquisas utiliza-se uma técnica básica para a obtenção de dados, embora outras técnicas possam ser utilizadas de forma complementar. Já no estudo de caso utiliza-se sempre mais de uma técnica. A obtenção de dados mediante procedimentos diversos é fundamental para garantir a qualidade dos resultados obtidos. (Stake, 1995). Segundo Yin (2002) a utilização de múltiplas fontes de evidência constitui o principal recurso de que se vale o estudo de caso para conferir significância a seus resultados, bem como, para realizar a questão em análise. Yin (2010) vai mais profundamente e declara que o uso do estudo de caso com a finalidade de pesquisa permanece um dos empreendimentos mais desafiadores das ciências sociais e que os estudos de caso de ensino não precisam se preocupar com a apresentação rigorosa e justa dos dados empíricos bem como cada método de pesquisa pode ser usado para as três finalidades: exploratória, descritiva e explanatória. No caso desta tese é a descritiva. Ele também afirma que o estudo de caso é preferido no exame dos eventos contemporâneos. No caso desta investigação científica, o domínio da aquisição da competência comunicativa na atualidade é algo mais do que contemporâneo.

**É importante** também fazer uma retrospectiva dos principais teóricos do método científico desde o início com Descartes. Na época de Weber (1993) houve muita agitação e mudanças sociais, com o triunfo da razão, com o homem sendo o senhor da natureza, que surgiu com Descartes (1960), havendo uma disputa com esta natureza e as ciências do espírito. Ele tem como objetivo tentar compreender a ação humana, vendo a ordem quantitativa como a única forma para o conhecimento científico e considera o indivíduo e suas ações como ponto chave da investigação.

Kuhn (2005) O conhecimento científico, como a linguagem, é intrinsecamente a propriedade comum de um grupo ou então não é nada. Para entendê-lo, precisamos conhecer as características essenciais dos grupos que o criam e o utilizam. Quanto a Bacon (2005) e seu método indutivo com suas premissas verdadeiras, que conduzem á conclusões prováveis, apesar das críticas de Popper, tem como maiores contribuições na metodologia científica, que implica no pensamento do desenvolvimento científico, caracterizando-se por curiosidade,

espírito de análise, espírito positivo, espírito crítico, espírito de relatividade e que a ciência pressupõe liberdade nos exames dos fatos.

As conclusões no método indutivo são apenas prováveis, onde o conhecimento é o resultado de experimentações contínuas e do aprofundamento do conhecimento empírico, em que o homem domina e controla a natureza.

Quanto a Popper (1975), ele deixa mais evidente que o método científico é construído através da dedução e não indução, todo o conhecimento é devido uma teoria, que gerará problemas, qualquer conhecimento busca compreender e descrever a teoria, para procurar uma realidade provisória, que terá atuação e que sofrerá refutações, quaisquer teorias científicas são conjecturas que não podem ser demonstradas, constituindo realidades temporárias, que podem ser reformuladas e reconstruídas através de premissas qualitativas, mediante o falseamento.

Laudan (1977) assegura que a ciência é uma atividade de resolução de problemas e que uma teoria é aceita se ela proporciona respostas possíveis a perguntas relevantes, onde o autor revela que para avaliar os méritos das teorias é mais importante perguntar se elas constituem soluções adequadas a problemas relevantes do que se são “verdadeiras”, “bem confirmadas”, ou se são justificáveis no âmbito da epistemologia dominante no contexto histórico do momento. A dialética da ciência estaria, então, no contraponto entre os problemas desafiantes, sejam eles de ordem empírica ou conceitual, e as teorias adequadas.

Quanto mais numerosos e mais relevantes sejam os problemas que uma teoria pode resolver adequadamente, melhor é ela. Se uma teoria pode resolver problemas mais significativos do que uma concorrente, então ela é preferível. Neste nível, não há um argumento controvertido. Se os problemas são interpretados exclusivamente no sentido do que se chamam “problemas empíricos solucionados”, muitos filósofos da ciência aceitariam que o progresso conta para a solução de tais problemas. Mas, existem problemas na ciência diferentes daqueles que são resolvidos empiricamente, especificamente problemas conceituais e anômalos. A definição de progresso se torna controvertida (e potencialmente interessante) quando a interpretamos. Se contar a favor de uma teoria que ela possa acumular problemas empíricos solucionados (como seja permitido pela visão padrão), então também deve contar contra uma teoria que ela possa gerar problemas conceituais e anômalos. De fato, a efetividade na resolução de problemas de uma teoria depende do balanço que ela atinge entre seus problemas solucionados e os seus problemas não solucionados.(Laudan, 1977).

Em acordo com estes pressupostos do filósofo, cabe ao pesquisador perguntar sobre os problemas que dizem respeito ao domínio do conhecimento de uma determinada disciplina a ser estudada. Esses problemas mudam conforme muda o contexto da disciplina em termos valorativos, ou seja, no que diz respeito às metas e aos objetivos da pesquisa numa determinada área e também em termos metodológicos. Obviamente mudam também as teorias e suas respectivas tradições de pesquisa. Neste contexto compreende-se o progresso da ciência, onde o avanço de uma disciplina pode ser compreendido observando-se como problemas anômalos e não resolvidos se transformam em problemas resolvidos. Deve-se indagar, portanto, no caso das teorias, quantos problemas elas resolvem e quantas anomalias elas enfrentam. Essa questão se converte em uma das ferramentas fundamentais para a avaliação comparativa das teorias científicas, que também se relacionam à limitação tecnológica da época. Laudan ( 1977).

Quanto a Habermas ( 1987) o foco da atenção foi o fato de sua crítica ao cientificismo e tecnicismo. Para ele a função primordial da universidade é na construção do conhecimento científico, unindo a teoria á prática, mediante a um diálogo crítico, baseado na autocrítica, onde a teoria precisa da prática, para ser real, como a prática precisa da teoria, para continuar inovadora. Ele também define quatro tipos de pesquisa: a teórica, a metodológica, a empírica e a prática e por fim Pedro Demo (2002) chama a atenção para a importância do aluno pesquisador e elaborador mediante uma teoria construtivista da interação docentes e discentes, contribuindo mais á pesquisa contemporânea, ou seja, este aluno pesquisador consegue ler nas entrelinhas, algo que o computador não pode fazer, pois o importante é saber construir conhecimento e não copiar.

Com relação a Santos (2001) ele sustenta que nos encontramos numa fase de uma nova ordem científica emergente, novamente sob condições teóricas e sociológicas. Para ele o paradigma dominante sucedeu ao modelo do conhecimento aristotélico e medieval. É totalitário porque não admite outras formas de epistemologia que não se pautem pelos seus princípios. **O mencionado estudioso** é um dos pioneiros da institucionalização da Sociologia em Portugal. “Um discurso sobre as ciências”, que é uma obra polêmica a qual afirma que nos encontramos numa fase de transição, uma vez que face à existência de um paradigma dominante, já é



possível encontrarem-se vestígios de um paradigma emergente. Nesta sua teoria, o paradigma emergente tem quatro postulados: Toda a ciência natural é ciência social, toda a ciência local é ciência total, todo conhecimento é autoconhecimento e toda a ciência visa constituir-se em senso comum. Tal depoimento atinge diretamente à doutorandos, que têm como função primordial construir uma nova face do conhecimento.

#### 4.2 ANÁLISE, INTERPRETAÇÃO E RESULTADOS

O sub-capítulo continua com a parte empírica da pesquisa, ainda com uma breve discussão teórica-analítica bem como a análise, interpretação e resultados, visando apresentar um quadro da oferta do ensino da língua inglesa em uma Escola Pública Estadual e um Colégio Público Estadual, que têm a aplicação desse idioma do 6º ano do ensino básico ao 3º ano do ensino médio, bem como do 1º ano ao 3º ano do “segundo grau” e a trajetória da Escola Professora Maria de Lurdes Parada Franch e do Colégio Thales de Azevedo, os quais são objetos desta pesquisa. A primeira foi escolhida por ser uma escola situada em um bairro periférico, o Pau da Lima e com muitas deficiências tecnológicas modernas para o desenvolvimento do ensino em comparação com um colégio que é o oposto, o colégio Thales de Azevedo, primeiro colégio modelo de Salvador, situado num bairro de classe média alta da cidade, com bons recursos tecnológicos para o ensino do idioma e dessa forma fazer uma análise comparativa dos opostos. O capítulo é iniciado com uma descrição de um breve relato inicial, ainda sobre o processo do ensino-aquisição da língua inglesa no âmbito educacional fazendo um paralelo com o Banco Mundial, com a Escola Pública e como complementação a Secretaria de Educação do Estado da Bahia, do Turismo e Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

O capítulo busca ainda examinar se o inglês ofertado nestes estabelecimentos educacionais e como complementação na Secretaria de Turismo do Estado da Bahia (SETUR), BAHIATURSA e acadêmicos de turismo da UNEB prepara alunos e indivíduos ligados ao turismo para a aquisição da competência comunicativa da língua inglesa para a inserção no mercado de trabalho e no turismo.

Na visão de Silvério (2007) um ensino de qualidade necessita não somente de autonomia das instituições, mas também uma transformação, uma mudança de consciência entre os professores e alunos. Aqui merece um destaque nas ideias do referido autor. Para ele quando

se objetiva a construção de uma nova sociedade é inegável a necessidade de revoluções culturais, políticas e conseqüentemente sociais. As grandes e relevantes questões enfrentadas pela educação e paralelamente pelas escolas caminham na direção de uma transformação dos educadores e dos educandos. Pois somente com a mobilização de recursos humanos, ideológicos e políticos far-se-á a revolução social, permeada pelos direitos e deveres inerentes a todos os homens, que buscam a aceitação das suas singularidades e se manifestam como sujeitos fundantes de um processo contínuo de transformação. **Vejamos de forma clara o que nos diz o referido autor:**

A sociedade atual caracterizada por determinações econômicas de disparidade social, por novas condutas decorrentes, por tecnologias de informação, referências políticas e culturais desarticuladas, exige a efetivação de um ensino de qualidade como direito vital para todos os sujeitos. A escola na efetivação de uma formação humana plena com educação de qualidade, aplicada como instrumento de emancipação social, político e cultural necessita assumir em consonância com as demais instituições, a responsabilidade social de transformação dos alunos que nela ingressam e que, necessitam dela sair, como sujeitos transformados e transformadores da sociedade desigual e desumana, que vivem de acordo com a crítica e articulação de uma praxis de vida e para a vida. Necessário se faz, portanto, a implementação de ações que favoreçam a autonomia das instituições educacionais tais como: autonomia pedagógica como a elaboração e efetivação do Projeto Político Pedagógico (PPP), da avaliação do aluno e da instituição, o planejamento relativo ao contexto escolar como um todo e as especificidades das áreas do desenvolvimento e do conhecimento: a autonomia administrativa como direcionamento das questões relativas ao funcionamento da Escola e a autonomia financeira, ou seja, o redirecionamento de verbas e a prestação de contas estão como responsabilidade e compromisso de todos os sujeitos da comunidade escolar bem como da comunidade da qual a escola é integrante. (SILVÉRIO, 2007, p.36).

O que alerta o estudioso, em especial, é a autonomia aliada a políticas educacionais estatais que podem ser uma potente ferramenta na educação Ampliando essa discussão Marcílio (2005) nos adverte que essas políticas devem superar o imediatismo que caracteriza geralmente a atividade dos políticos e dos governos, já que a educação deveria ser uma questão de Estado e não de governo.

Naturalmente que para existir um ensino de qualidade são necessárias muitas atribuições, como citado ao longo desta tese. Vale lembrar o que nos disse Charlot (2005) que nada se

consegue, portanto, se o aluno também não se mobilizar para querer adquirir o conhecimento, ou seja, a aquisição da competência comunicativa da língua inglesa. Vejamos o que diz a estudiosa do tema:

A relação do sujeito consigo mesmo, com os outros e com o mundo e o fato de o aluno obter sucesso não é algo que dependa exclusivamente do professor, pois o aprendente também é co-participante da "atividade intelectual" e deve "mobilizar-se". A mobilização é um movimento interno do aluno, é a dinâmica interna do aluno que, evidentemente, se articula com o problema do desejo. [...] Uma aprendizagem só é possível se for imbuída do desejo (consciente ou inconsciente) e se houver um envolvimento daquele que aprende. Em outras palavras: só se pode ensinar a alguém que aceita aprender, ou seja, que aceita investir-se intelectualmente. O professor não produz o saber no aluno, ele realiza alguma coisa (uma aula, a aplicação de um dispositivo de aprendizagem, etc.) para que o próprio aluno faça o que é essencial, o trabalho intelectual. (CHARLOT, 2005, p. 76).

O mesmo autor vai mais além e acrescenta que o desejo impulsiona para a aprendizagem, no nosso caso a aquisição. De suas palavras, interpreta-se que o professor pode interferir para instigar esse desejo:

O conceito de relação com o saber implica o de desejo, ou seja, o de um sujeito que deseja apropriar-se desse saber. Não um desejo sinônimo de "pulsão", mas "o desejo do outro, do mundo, de si próprio. Esse desejo advém quando o sujeito experimentou o prazer de aprender e saber. O sujeito é relação com o saber e também um ser vivo engajado em uma dinâmica do desejo, já que sua relação com o saber coloca em jogo a questão do valor do que ele aprende. (CHARLOT, 2000, p. 81-82).

A partir das citações aqui expostas se percebe que "o coração da sustentabilidade da educação" é mesmo o Estado brasileiro", o qual tem dado brecha ao Neoliberalismo e com ele o Banco Mundial, que tem sido negativo para o ensino da língua inglesa.

Torres (1998) complementa que existe, portanto, o Estado de bem-estar social, que expandiu os gastos no investimento com a Escola Pública e por outro lado o Estado Neo-Liberal, com diferentes políticas educacionais, com a lógica das políticas educacionais propugnadas pelo Banco Mundial, que reflete a perspectiva Neo-Liberal, constituindo uma instituição central na despolitização e positividade da política educacional, exercendo um papel central no processo de globalização do capitalismo.

Fonseca (1992) vai mais além ao afirmar que o Banco Mundial atua na educação brasileira: em decorrência da vinculação aos acordos comerciais, as ações de cooperação técnica, a educação são caracterizadas pelo formalismo próprio aos acordos econômicos e a seus corolários de inflexibilidade financeira e de condicionalidades políticas e econômicas. Por outro lado, ainda segundo o autor, os projetos do BIRD definem, *a priori*, uma racionalidade própria (modelos de gestão e de organização) que irão provocar incompatibilidades de ordem administrativa e financeira em seu confronto com a organização local. Entre outros problemas, incluem-se a questão dos prazos fixados para a execução das ações, a organização de equipes especiais de gerência no âmbito central e estadual, o sistema de repasse de recursos do MEC para as instâncias executoras.

Além desses fatores, cabe apontar também a dificuldade do controle de ações difundidas por inúmeros municípios, com diferenciada capacidade organizacional para execução das ações. "Esses resultados permitem concluir que o ensino básico não parece ser o ambiente ideal para o desenvolvimento de projetos internacionais do tipo convencional do BIRD". (FONSECA, 1992, p. 193-194). O que se pode mensurar, a partir das reflexões do citado autor, é, de certa forma, o previsível: com a influência da globalização, que o Neo-Liberalismo e as políticas educacionais do Banco Mundial, superaram o Estado do bem estar social, escasseando as verbas que seriam destinadas às Escolas Públicas, mediante inúmeras dificuldades.

Referindo-se aos PCN's da língua estrangeira há um relato muito importante também sobre a situação do ensino de uma língua estrangeira no Brasil, dentro da qual se insere as escolas públicas estaduais soteropolitanas e, de modo bem particular, a Escola Professora Maria de Lurdes Parada Franch e o Colégio Thales de Azevedo em Salvador, objetos dessa pesquisa. Portanto, nas orientações dos PCN's, elaborados em 1998 diante de uma pesquisa feita nas Secretarias de Educação de oito Estados brasileiros, concluiu que: o ensino de Língua Estrangeira não é visto como elemento importante na formação do aluno, como um direito que lhe deve ser assegurado. Ao contrário, frequentemente, essa disciplina não tem lugar privilegiado no currículo, sendo ministrada, em algumas regiões, em apenas uma ou duas séries do ensino fundamental. Em outras, tem o status de simples atividade, sem caráter de promoção ou reprovação. Em alguns estados, ainda, a língua estrangeira é colocada fora da grade curricular, em Centros de Línguas, fora do horário regular e fora da escola. Fora, portanto, do contexto da educação regular ou formal do aluno.

Quanto aos objetivos, a maioria das propostas prioriza o desenvolvimento da habilidade de compreensão escrita, mas essa opção não parece decorrer de uma análise de necessidades dos alunos, nem de uma concepção explícita da natureza da linguagem e do processo de ensino/aquisição de línguas, tampouco de sua função social. Evidencia-se a falta de clareza nas contradições entre a opção priorizada e os conteúdos e atividades sugeridos. Essas contradições aparecem também no que diz respeito à abordagem escolhida.

A maioria das propostas situa-se na abordagem comunicativa de ensino de línguas, mas os exercícios propostos, em geral, exploram pontos ou estruturas gramaticais descontextualizados. A concepção de avaliação, no entanto, contempla aspectos formativos que parecem adequados. Todas as propostas apontam para as circunstâncias difíceis em que se dá o ensino/aquisição de Língua Estrangeira: falta de materiais adequados, classes excessivamente numerosas, número reduzido de aulas por semana, tempo insuficiente dedicado a matéria no currículo e ausência de ações formativas contínuas junto ao corpo docente. (BRASIL, 1998, p. 23-24).

Segundo Silva (2013) diante da investigação na Secretaria de Educação do Estado da Bahia, com uma docente de estágio da Universidade do Estado da Bahia bem como direção, coordenação, docentes e discentes da escola e colégio (objetos dessa pesquisa), tais dados vêm confirmar que esta situação é semelhante em Salvador, com relação à aprendizagem apenas da escrita, sem a inclusão da abordagem comunicativa, salas numerosas e quantidade reduzida de aulas.

Abaixo o mapa de todas as Diretorias Regionais de Educação do Estado da Bahia (DIRECS), que correspondem no total de 33. Neste mapa, portanto, é possível visualizar as 31 DIRECs do Estado da Bahia bem como da cidade de Salvador, as quais se dividem em DIREC 1 A e DIREC 1 B. Na DIREC 1A, portanto, está concentrado o colégio Estadual Thales de Azevedo e na DIREC 1B, a Escola Estadual Professora Maria de Lurdes Parada Franch.

Figura 1- Mapa das direcs regionais do estado da bahia, agosto de 2013



Fonte: SEC BA Secretaria de Educação do Estado da Bahia

Assim, nesse momento, precisa-se verificar o lócus dessa pesquisa, qual seja uma Escola Pública Estadual e um Colégio Público Estadual de Salvador (já que ela se dá de forma qualitativa e não quantitativa). A Escola apresentada a seguir possui a aplicação da língua inglesa a partir do 6º ano do ensino fundamental, antiga quinta série, até ao 3º ano do ensino médio e o Colégio apenas o segundo grau. Segundo o dado da tabela 1, que está concentrada pelas escolas pertencentes à DIREC IA, há um total de 132 escolas, dentre elas o colégio Thales de Azevedo.

A tabela 2 há a presença das Escolas pertencentes à DIREC 1B, num total de 114 escolas, e nela se insere a escola Maria de Lurdes. Ainda de acordo com os dados da tabela, é possível mencionar que as escolas pertencentes à DIREC 1 B (tabela 2) estão situadas em bairros considerados periféricos, que concentram, por conseguinte, uma população considerada de baixa renda, ao passo que as pertencente à DIREC IA, concentra escolas/colégios situados em bairros mais centrais ou até mesmo em bairros considerados de mais alta renda, cuja

população pertencem a classe média, média alta ou rica, apesar de haver também a presença de bairros ditos periféricos.

Tabela 1 – Relação das Escolas Estaduais da Direc 1 A.  
Escola

Escola	Bairro
	São Gonçalo do Retiro
1. Escola Estadual Alberto Valença	Retiro
2. Colégio Estadual Ministro Aliomar Baleeiro	Pernambués
3. Colégio Estadual Álvaro Augusto da Silva	IAPI
4. Colégio Estadual Gov. Antônio Carlos Magalhães	Vasco da Gama
5. Colégio Estadual Antônio Sérgio Carneiro	Tancredo Neves
6. Colégio Estadual Azevedo Fernandes	Pelourinho
7. Colégio Estadual Professor Carlos Santa'ana	Amaralina
8. Colégio Estadual Carneiro Ribeiro Filho	Soledade
9. Centro Educacional Carneiro Ribeiro – Classe I	Pero Vaz
10. Centro Educacional Carneiro Ribeiro – Classe IV	Caixa D'água
	Engenho Velho de Brotas
11. Colégio Estadual Cidade de Curitiba	Brotas
12. Colégio Estadual Cosme de Farias	Cosme de Farias
13. Colégio Estadual Dorival Passos	Mata Escura
14. Colégio Estadual Professor Elisabeth Chaves Veloso	Cabula VI
15. Colégio Estadual Presid. Emílio Garrastazu Médici	Stiep
16. Centro Educacional Carneiro Ribeiro – Escola Parque	Caixa D'água
17. Colégio Estadual Euricles de Matos	Rio Vermelho
18. Colégio Estadual Evaristo da Veiga	Ondina
19. Escola Estadual Frederico Costa	Vila Laura
20. Colégio Estadual Profa. Georgina Ramos da Silva	Boca do Rio
21. Colégio Estadual Helena Celestino Magalhães	IAPI
22. Colégio Estadual Helena Matheus	São Cristóvão

23. Colégio Estadual Deputado Henrique Brito	Brotas
24. Colégio Estadual Henriqueta Martins Catharino	Federação
25. Colégio Estadual João das Botas	Barra
26. Colégio Estadual João Pedro dos Santos	Bonocô
27. Colégio Estadual José Augusto Tourinho Dantas	São Cristóvão
28. Colégio Estadual Kleber Pacheco	Pernambués
29. Colégio Estadual Professora Leila Rubens Fonseca	Mussurunga II
30. Colégio Estadual Dep. Luís Eduardo Magalhães	Tancredo Neves
31. Escola Técnica Estadual Luís Navarro de Brito	Lapinha
32. Colégio Estadual Luís Viana	Brotas
33. Colégio Estadual Monsenhor Manoel Barbosa	Boca do Rio
34. Colégio Estadual Márcia Meccia	Mata Escura
35. Colégio Estadual Profa. Maria Bernadete Brandão	Cabula
36. Colégio Estadual Mestre Paulo dos Anjos	Bairro da Paz
37. Colégio Militar de Salvador	Pituba
38. Colégio Estadual Padre Palmeira	Mussurunga
39. Colégio Estadual Pedro Calmon	Armação
40. Colégio Estadual Pinto de Aguiar	Mussurunga
41. Colégio Estadual Polivalente do Cabula	Cabula
42. Colégio Estadual Raphael Serravale	Pituba
43. Colégio Estadual São Daniel Comboni	Sussuarana
44. Colégio Estadual Satélite	Piatã
45. Colégio Estadual Tereza Conceição Menezes	Liberdade
46. Colégio Estadual Victor Civita	Dique Pequeno
47. Colégio Estadual Vinte e Nove de Março	Santo Inácio
48. Colégio Estadual Yeda Barradas Carneiro	Itapuã
49. Colégio Estadual Ypiranga	Largo 2 de Julho
50. Colégio Estadual Thales de Azevedo	Costa Azul



Tabela 2 - Relação das Escolas Estaduais da Direc 1 B.

Escola	Bairro
1-Colégio Estadual Ailton Pinto de Andrade	Lobato
2-Colégio Estadual Alberto Santos Dumont	Pirajá
3-Colégio Estadual Democ. Bethold Cirilo dos Reis	Plataforma
4-Colégio Estadual Bolívar Santana	CAB
5-Colégio Estadual Clériston Andrade	Itacaranha
6-Colégio Estadual Eraldo Tinoco	Sete de Abril
7-Colégio Estadual Prof. Felipe Busquet Anglada	Periperi
8-Colégio Estadual Presidente Humberto Alencar Castelo	Periperi
9. Colégio Estadual Prof. José Barreto Araújo Bastos	São Caetano
10-Escola Estadual Professora Maria de Lourdes P. Franch	Pau da Lima
11-Colégio Estadual Prof <sup>a</sup> Noêmia Rego	Valéria
12-Colégio Estadual Desembargador Pedro Ribeiro	São Caetano
13-Colégio Estadual de Plataforma	Plataforma
14-Colégio Estadual de Praia Grande	Praia Grande
15-Colégio Estadual Raymundo Matta	Lobato
16-Colégio Estadual Rubem Dario	Av. San Martin
17-Colégio Estadual Victor Soares	Itapagipe

Fonte: Valquíria Pinheiro (2014); Elaboração: Cássio Jânio (2014), grifo nosso.

É fundamental registrar antes da discussão dos dados da análise empírica, alguns depoimentos na íntegra, de alguns discentes e pessoas, que responderam aos questionários, sobretudo nas questões mais relevantes, já que se trata de um estudo de caso de abordagem qualitativa na pesquisa direta.

Quanto a questão se o ensino de língua inglesa na Escola Pública inclui o aluno socialmente, a coordenadora de língua estrangeira na Secretaria de Educação responde: " Deveria, mas com turmas de 40 alunos em sala, apenas 2 h semanais, falta do material didático e da má formação do professor desde à universidade, não se consegue nada."

Diante do exposto, é possível perceber uma realidade tímida do processo de ensino da língua inglesa na Escola e Colégio Públicos Estaduais soteropolitanos.

Quanto ao questionamento se o inglês ofertado na Escola Pública prepara o aluno para atuar no mercado de trabalho e sobretudo no turismo, uma professora de estágio da UNEB e seis professores de língua inglesa se posicionaram. A professora da UNEB esclarece: "Infelizmente, a Escola Pública não prepara o aluno para usar a língua inglesa no mercado de trabalho. Para tanto, deveria este aluno ter um preparo de inglês para se comunicar com o outro e o que vemos por aí é apenas o ensino da gramática e o mercado de trabalho, sobretudo na área do turismo, exige fluência na comunicação".

Professor A: "Infelizmente o inglês da Escola Pública não prepara o aluno para o mercado de trabalho, devido a falta de recursos para trabalhar na sala".

Professor B: "Não prepara. Seria importantíssimo logo esta preparação, pois Salvador será uma das sedes da Copa do Mundo, e daí muitos turistas estrangeiros, que podem trazer renda para a cidade, quando recepcionados por pessoas que falam o idioma inglês."

Professor C: "Não prepara. Mas se começasse a preparar seria um bom começo."

Professor D: "Não prepara, porque a estrutura pedagógica está centrada em um modelo de ensino tradicional, que não mais se adequa as necessidades profissionais que o jovem deve enfrentar. Sendo Salvador uma cidade que recebe turistas que falam inglês, é imprescindível o domínio do idioma para comunicar-se".

De fato, o aluno da Escola Pública Estadual soteropolitana tem tido o acesso negado na maioria dos setores do mercado de trabalho e no turismo, por não ter acesso á aquisição da competência comunicativa da língua inglesa. Quanto se é possível promover a aquisição da

competência comunicativa na Escola Pública, mediante uma política pública, as coordenadoras de uma das Escolas/Colégios pesquisada(o)s esclarece que: "a aquisição da competência comunicativa da língua inglesa, é tão importante quanto um curso de informática, principalmente quando se fala em educação pública." A coordenadora do colégio salienta "Sim, é possível, principalmente reduzindo o número de alunos em sala, a diminuição da carga horária do professor, os quais contribuiriam para melhorar o planejamento e integrar o currículo".

A diretora quanto à esse mesmo questionamento registra: "Óbvio que é possível, mas de imediato, é necessário um livro didático que promova essa aquisição, já que o ensino aqui se baseia apenas em alguma apostilas e na lousa." A diretora do colégio afirma que sim e que principalmente traria renda financeira para estes.

Naturalmente, que o computador e o livro didático são ferramentas indispensáveis neste processo, contudo, é sabido, que as políticas públicas podem ser a raiz solucionadora do problema, quando se pensa na união dos setores: Estadual, Federal e o Ministério da Educação.

Quanto se há uma política pública da SETUR, para patrocinar continuamente cursos de inglês para pessoas ligada ao turismo, o assessor técnico da SETUR ressalta: " Nós não somos a Secretaria de Educação" assim como um integrante da BAHIATURSA afirma que não há políticas públicas para cursos dessa natureza e complementa que a BAHIATURSA não promove cursos, ela promove a Bahia e que aprender ou melhor, adquirir língua viva não é tradição no Brasil e que o estrangeiro sai do país satisfeito quando a comunicação flui.

Dentre os vários alunos respondentes da escola/colégio pesquisada(o), quando questionados sobre se a Escola deles prepara na competência comunicativa da língua inglesa e se eles gostariam de ter acesso à essa aquisição, alguns deles, merecem registrar por conter respostas enriquecedoras à pesquisa.

Aluno (A) "Não, a Escola não prepara. Gostaria sim de aprender esta língua, porque seria um orgulho eu poder ajudar pessoas de outros lugares que estão no meu país."

Aluno (B): "Im, saber falar outras línguas é sempre importante, principalmente no mercado de trabalho."

Aluno (C): "Não prepara. Tenho vontade de estudar inglês, mesmo porque o turismo está em expansão."

Aluno (D): "Não prepara, porque não há muitos materiais que possam nos ensinar mais sobre a língua."

Aluno (E): "Não prepara. Eu gostaria de aprender a falar inglês após o 3o ano, porque a copa de 2014 está chegando".

Aluno (F): "Não prepara, porque o Colégio não tem muita estrutura, nem local adequado para ter tudo isso aqui."

Aluno (G): "Não prepara. A nossa aprendizagem não depende só do professor".

Aluno (H): "Não prepara, porque eu acho que não tem professor capacitado."

Aluno (I): "Não prepara, porque a aula de inglês dessa escola é uma aula básica".

Aluno (J): "Não prepara, mas eu gostaria de aprender para ter um melhor futuro."

Aluno (L): "Eu sei falar inglês fluente porque vivi em Portugal. As aulas de inglês lá são melhores e realmente funcionam."

Aluno (M): "A escola pública não prepara por empregar uma didática arcaica".

Aluno (N): "Não prepara, pois o professor só se preocupa em passar o aluno e não com a aprendizagem."

Comparando a fala de alunos, tanto da Escola Maria de Lurdes Parada Franch assim como do Colégio Thales de Azevedo, que está numa zona mais privilegiada e com uma melhor estrutura para o ensino, que elas são homogêneas e confirmam a precariedade do ensino de ambos.

Como complementação 40 alunos egressos de escolas Públicas também responderam ao questionário e as respostas mais marcantes foram registradas ainda com relação se a Escola Pública prepara na comunicação deste idioma.

Egresso A: "A Escola Pública só ensina o verbo to be".

Egresso B: "Isso só seria possível se tivessem professores capacitados, o que não é a realidade".

Egresso C: "Só seria possível se o ensino fosse contínuo, desde quando entramos até o 3o ano do segundo grau."

Egresso D: "Deveria ser uma obrigação preparar os alunos para ingressarem na faculdade sabendo um outro idioma."

Depoimentos de 50 alunos do curso de turismo da Uneb.

Não prepara. A carga horária é muito pequena.

Não prepara. Precisamos pagar um curso particular, pois não tem o exercício da habilidade comunicativa.

Não prepara. As aulas são baseadas apenas na leitura, não há a prática da audição e fala.

Não prepara. Aprendemos somente o inglês básico e ainda assim para o entendimento da leitura apenas.

Depoimentos de 10 alunos do curso de inglês para a copa do mundo de 2014.

Não prepara. A menos que tivéssemos este curso de forma contínua.

Não prepara. É muito conteúdo para pouco tempo. A não ser que ele fosse contínuo.

Não prepara. Apenas aprendemos expressões básicas. Gostaria que ele fosse contínuo.

Não prepara, gostaria que ele fosse contínuo.

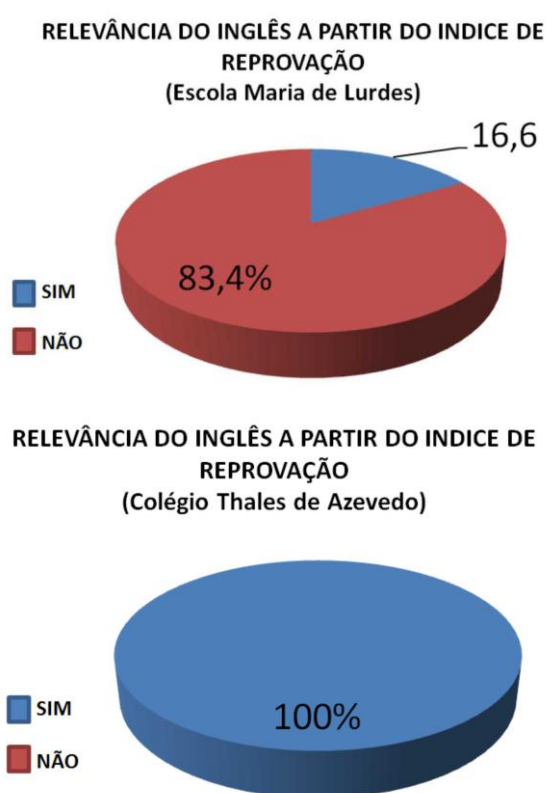
Diante destes depoimentos, os discentes reconhecem que suas Escolas, Colégios e como complementação a academia e cursos do turismo não os prepara para a competência comunicativa do idioma, contudo a grande maioria tem o forte desejo para esta aquisição, para os diversos fins.

O gráfico 1, diz respeito sobre a relevância do inglês a partir do índice de reprovação na Escola Maria de Lurdes Parada Franch; dos 05 respondentes, 04 disseram que não reprova ou

seja 83,4 % contra os 16,6% que disseram que reprova. No Colégio Thales de Azevedo todos os 5 entrevistados disseram que não reprova, isto é, 100% .

A grande maioria dos pesquisados na Escola e no Colégio (diretores, coordenadores e professores), afirmaram que se o aluno for reprovado em algumas disciplinas, inclusive na língua inglesa e passar na recuperação destas e perder apenas na língua estrangeira o Conselho aprova, portanto, a disciplina não reprova nestas circunstâncias.

Gráfico 1 - Relevância do inglês a partir do índice de reprovação



Fonte: Cássio Jânio, (2014).

O gráfico 2, apresenta dados apenas dos 3 docentes de língua inglesa da Escola Professora Maria de Lurdes Parada Franch, com relação a sua formação, em que dos 03 respondentes, apenas 01, ou seja, 33,3 % deles, já é formado e efetivo, apenas em nível de graduação e os outros ainda estão cursando a universidade e são contratados. Os dados demonstram que, a carência de professores efetivos na rede estadual de ensino, ainda é grande. No colégio Thales todos são efetivos, ou seja 100% e somente um deles tem especialização. Mesmo o Thales

tendo professores mais experientes, por já serem formados e efetivos, este fato não o coloca numa posição superior á Escola Maria de Lurdes, com respeito a qualidade do ensino.

Gráfico 2 - Número de professores formados e efetivos.

**Número de professores formados e efetivos (Escola Maria de Lurdes)**



**Número de professores formados e efetivos (Colégio Thales de Azevedo)**



Fonte: Silva, (2014).

A tabela 3, possui referência apenas dos docentes, com uma população total de 3 destes. Foi investigado se motivação, auto-estima e diminuição da ansiedade são fatores importantes para proporcionar nas aulas, sendo que dos 3 respondentes, 3, ou seja 100% afirmaram que sim, tanto na Escola Maria de Lurdes, quanto no Colégio Thales de Azevedo. Sobre se já ouviram ou leram sobre os teóricos da língua inglesa, dos 03 respondentes, os 03 mencionam que sim, contudo citaram poucos e diferentes um do outro, mas é percebido a carência de mais teóricos e os mais utilizados atualmente, como suporte para o professor compreender melhor o que

fazer para melhorar sua aula cada vez mais e conseguir o "output", isto é, a resposta do aluno como já mencionado neste trabalho por Brown (2001) que é considerado o teórico mais completo da língua inglesa, para se entender o processo da aquisição da competência comunicativa desse idioma, o qual não foi mencionado por nenhum dos docentes.

Quanto ao uso das quatro habilidades da língua (escrita, leitura, audição e fala), dos 03 investigados na Escola Maria de Lurdes, apenas 01 deles usa, ou seja, 33,3% apenas usam as quatro. Os outros dois afirmam que é muito difícil usar as quatro, visto que a Escola não se disponibiliza de recursos suficientes para isto, que até, às vezes, não se tem nem tomada disponível para usar um aparelho de som. A respeito se já ouviram ou leram sobre a LDB e PCNS e se sabiam mencionar algum de seus fundamentos, dos 03 questionados, 02 deles, isto é, 66,6% mencionaram, sendo que apenas 1, então, já tinha lido, mas não lembrava mais de seus princípios. No Colégio Thales de Azevedo, todos os professores já leram, isto é, 100%, no entanto, eles dizem que estes fundamentos não saem do papel e que é obrigação do Estado fazer isto acontecer para o desenvolvimento ,cidadania, autonomia intelectual e pensamento crítico. Tais dados, portanto, corroboram para afirmar que com recursos insuficientes, pouca preparação teórica/ prática do professor bem como a enorme falta de professores na Rede Estadual são mais fatores que contribuem para a não a aquisição da competência comunicativa da língua inglesa em sua plenitude.

No colégio Thales de Azevedo dos 3 professores também investigados sobre o uso das quatro habilidades, dois professores usam, ou seja 66,6%. Para a professora que não usa, ela justifica que não usa porque a Escola Pública não oferece estrutura para usar.



Tabela 3 - Conhecimento teórico e prática metodológica do professor

QUESTIONÁRIO (ESCOLA MARIA DE LURDES)	RESPOSTAS
Motivação, autoestima e diminuição da ansiedade.	100%
Teóricos da língua inglesa	100%
As quatro habilidades da língua	33.3%
LDB e PCNS	66.6%
<b>QUESTIONÁRIO (COLÉGIO THALES DE AZEVEDO)</b>	<b>RESPOSTAS</b>
Motivação, autoestima e diminuição da ansiedade.	100%
Teóricos da língua inglesa	100%
As quatro habilidades da língua	66,60%
LDB e PCNS	100%

Fonte: Silva (2014).

Percebe-se, portanto que, apesar de o Thales de Azevedo, a porcentagem do uso das quatro habilidades da língua ser maior bem como o conhecimento da LDB e PCN's, a aquisição comunicativa do idioma também não é eficaz.

Na tabela 4, mostra a população dos alunos, que correspondeu ao maior número de entrevistados, no total de 218, considerados válidos na escola Maria de Lurdes e 63 válidos no Colégio Thales, onde apenas as questões mais relevantes para esta pesquisa foram consideradas, como pode ser visto na tabela 5, se as aulas de inglês têm mais atividades dos alunos com jogos, CDs, vídeos ou mais a participação do professor no quadro com exercícios escritos e algumas leituras, verificou-se, então na Escola Maria de Lurdes que 210 alunos, isto é 96,4% responderam que é mais do professor e somente 3,6% mais dos alunos. No colégio Thales 48 alunos, ou seja, 76,2% disseram que é mais do professor; 3 alunos disseram que é mais do aluno, ou seja 4,8% e 12, isto é, 19,0% disseram que é de ambos.

Quanto se gostam ou não do inglês na Escola Maria de Lurdes, 186 disseram que sim, totalizando 85,4% e 32 que não, então somente 14,6% . No Thales de Azevedo, 50 afirmaram que gostam, ou seja, 79,3% e 13 não gostam, isto é, 20,7%. Se eles acham que o inglês da Escola deles, os prepara na aquisição do inglês comunicativo, na Maria de Lurdes, 8 deles declararam que prepara, 3,6% apenas e 210 que não prepara, portanto, 96,3% e no Colégio

Thales 62 alunos, ou seja, 98,5% disseram que não prepara e somente 1 aluno, isto é, 1,5% que prepara.

Como complementação 39 acadêmicos de turismo da UNEB, também foram investigados e 37, isto é 94,5% destes registraram que o inglês do curso de Turismo não prepara para a língua comunicativa e apenas 2, 5,5% disseram que prepara bem como 7 pessoas que fazem cursos rápidos para a Copa e Olimpíadas, também registraram, no caso todas as 7, isto é 100 % delas disseram que não preparam para a língua comunicativa, mas somente para a aprendizagem de expressões prontas que não levam à dominância do discurso. A professora desta turma também concordou com este uso apenas de expressões e acrescentou que não são cursos contínuos.

Tais dados corroboram para afirmar que a grande maioria dos alunos têm ardentemente o desejo na aquisição da competência comunicativa do idioma, contudo, com a maior participação do professor apenas no quadro e exercícios escritos, ao invés dos alunos na interatividade um com o outro mediante a comunicação e a declaração da maior parte dos discentes que o inglês dessa Escola não os prepara de forma suficiente, é muito difícil conseguir o objetivo da tão almejada aquisição da língua pelos mesmos.

Tabela 4 - Da metodologia do professor em sala de aula

ESCOLA MARIA DE LURDES		
METODOLOGIA	NUMERO DE RESPOSTAS	
Gosta de inglês	186	83,50%
Não gosta de inglês	32	14,70%
Participação maior do professor	210	96,30%
Participação maior do aluno	8	3,70%
Metodologia prepara na aquisição	8	3,70%
Metodologia não prepara na aquisição	210	96,30%
UNEB (ALUNOS DO CURSO DE TURISMO)		
Metodologia prepara na aquisição	2	5,50%
Metodologia não prepara na aquisição	37	94,50%
COLÉGIO THALES DE AZEVEDO		
METODOLOGIA	NUMERO DE RESPOSTAS	
Gosta de inglês	50	79,30%
Não gosta de inglês	13	20,70%
Participação maior do professor	48	76,20%
Participação maior do aluno	12	19,00%
Metodologia prepara na aquisição	1	1,50%
Metodologia não prepara na aquisição	7	98,50%
(CURSO PREPARATÓRIO PARA COPA)		
Metodologia prepara na aquisição	0	0%
Metodologia não prepara na aquisição	7	100%

Fonte: Silva (2014).

Tabela 5 - Perfil e opinião dos Professores

ESCOLA MARIA DE LURDES		
PERFIL	NUMERO DE RESPOSTAS	
	SIM	NÃO
1. Certificado Internacional	0	4
2. Especialização na área Lato Sensu	1	3
3. Mestrado e Doutorado	0	0
COLÉGIO THALES DE AZEVEDO		
PERFIL	NUMERO DE RESPOSTAS	
	SIM	NÃO
1. Certificado Internacional	0	4
2. Especialização na área Lato Sensu	1	3
3. Mestrado e Doutorado	0	0

Fonte: Silva (2014).

Três professores da Escola Maria de Lurdes e 1 professora de estágio da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), foram ainda questionados com relação ao itens da tabela acima. Com relação ao primeiro item, se possuem certificado internacional, nenhum deles possui, ou seja, 0% deles. A respeito de especialização na área de língua inglesa em nível lato sensu, apenas 1 deles possui, isto é, 25%, que é a professora de estágio da UNEB. Se possuem mestrado e/ou doutorado, também nenhum deles possui, então 0%. No Colégio Thales, 2 professores possuem certificado internacional, ou seja 66,6%. 3 deles, isto é, 100% possuem especialização e nenhum possui mestrado e/ou doutorado, ou seja também 0%.

Diante disso, nota-se que o perfil curricular dos professores, tanto os que preparam os professores na universidade para lançá-los futuramente nas Escolas Públicas e destes que já estão ministrando aulas nesta rede pública, carece de mais cursos contínuos para uma maior preparação docente. Além do fato de que, mesmo o Colégio Thales de Azevedo tendo mais professores com certificado internacional e todos possuírem especialização não coloca este Colégio num patamar superior, ao contrário, ambos são deficientes na aquisição desta língua.

Faz tempo que a língua inglesa era usada apenas para a aprendizagem da gramática, como foi mencionado no capítulo 2 e continua sendo diante dos dados desta pesquisa, contudo, é sabido que hoje para ser inserido no mercado de trabalho em geral e no turismo, é necessário ter a aquisição da língua não somente na escrita, mas também na fala, isto é, na comunicação.

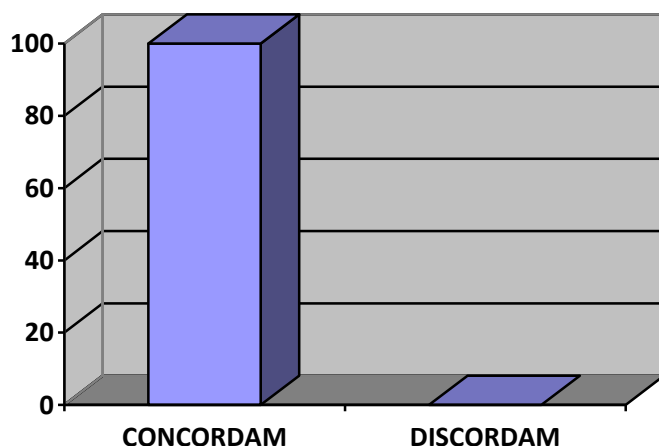
Também foi aplicado um questionário com 2 coordenadores, 2 diretoras, 6 professores, 1 assessor de turismo para confirmar se a língua inglesa ofertada na Escola Pública prepara os alunos para atuar no mercado de trabalho e no turismo bem como se esta aquisição é um vetor para a inserção nesse mercado e se acreditam que é possível essa entrada. Na análise dos dados colhidos, destes 11 indivíduos investigados durante as entrevistas, observa-se que todos, ou seja, 100% deles declararam que não prepara.

A coordenadora de língua estrangeira da Secretaria de Educação afirma que o objetivo da educação básica é preparar para a formação geral e não especificamente para o trabalho, mas recentemente tem havido uma mobilização para este aspecto, mas ainda está no começo e o assessor de turismo da SETUR acrescenta que se os alunos da Escola Pública adquirissem o idioma escrito e principalmente falado e trabalhasse diretamente no turismo, a renda deles aumentaria, pois o turista iria se agradar do fato, onde estaria em alta, o grau de satisfação do estrangeiro, que é a coisa mais importante para o setor turístico.

Foram realizadas também entrevistas com 162 alunos da Escola Maria de Lurdes e 97,5 % declaram que não prepara, onde 87.5 % afirmam que gostariam que preparasse, para de fato dominar o idioma, para se preparar para o futuro, na possibilidade de conseguir um bom emprego, divulgar seu país para os turistas bem como ajudá-los a se locomover em Salvador e porque seria bom para a cidade. No colégio Thales dos 63 alunos pesquisados, todos, ou seja, 100% deles declaram que gostariam de dominar o idioma também.

Outras questões fundamentais foram também analisadas também e mostradas graficamente em porcentagens.

GRÁFICO 1.1 - A importância da língua inglesa para inserção no mercado de trabalho e turismo

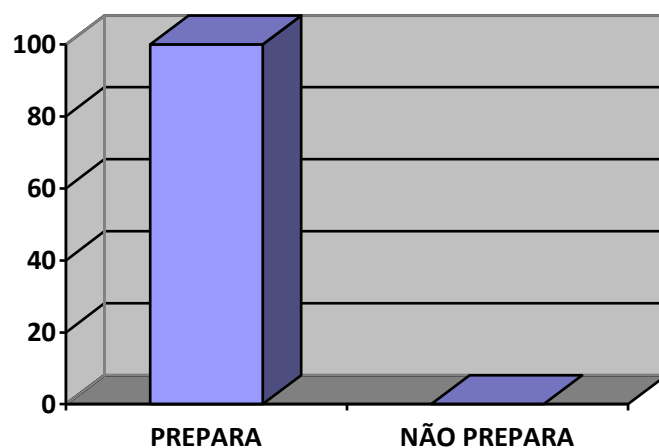


1.1 (2 diretores, 2 coordenadores, 6 professores e 1 coordenador da Bahiatursa e 1 da Setur): total 12.

Idioma importante para a inserção no mercado de trabalho e turismo: 12

Todos os entrevistados concordam que a língua inglesa é crucial para a inserção no mercado de trabalho e turismo.

Gráfico 1.2 - O ensino da língua inglesa na escola pública para o mercado de trabalho e turismo



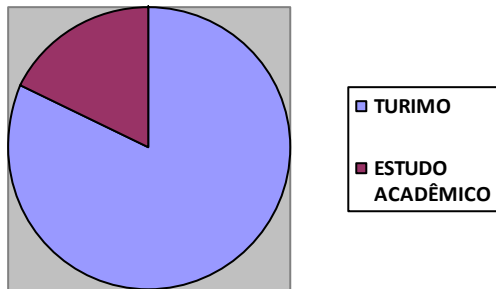
1.2 (2 diretores, 2 coordenadores, 5 professores): total 9.

a. O ensino da língua na escola pública prepara para o mercado de trabalho e turismo: 0

b. O ensino não prepara para o mercado de trabalho e turismo: 9

Todos os entrevistados concordam que o ensino da língua inglesa na escola pública não prepara para o mercado de trabalho e turismo.

Gráfico 1.2.1 - Importância da língua após sua conclusão



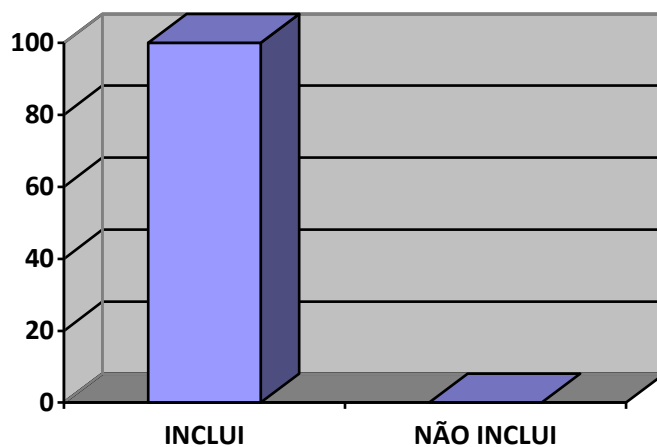
1.2.1 Importante preparar o aluno na aquisição do idioma para o mercado de trabalho e turismo? Porque?

a. Para continuar os estudos no mundo acadêmico: 2

b. Devido Salvador ser turística: 7

Todos, portanto concordam que as escolas públicas soteropolitanas não prepararam os discentes para o mercado de trabalho e turismo e a maioria concorda que o domínio do idioma é fundamental para receber os turistas, principalmente por Salvador ser uma cidade bastante turística.

Gráfico 1.3 Inclusão da língua socialmente



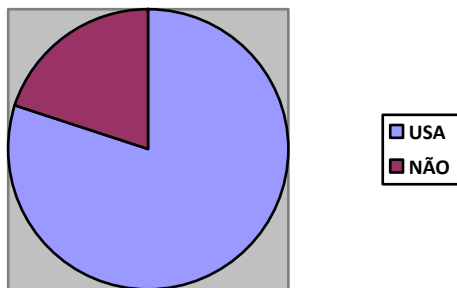
1.3 ( 2 diretores, 2 coordenadores, 5 professores): total 9.

a. A língua inglesa inclui socialmente: 0

b. A língua não inclui socialmente: 9

Todos concordam que o ensino da língua inglesa na escola pública não inclui o aluno socialmente.

Gráfico 1.4 Quanto ao uso da informática como ferramenta de ensino.



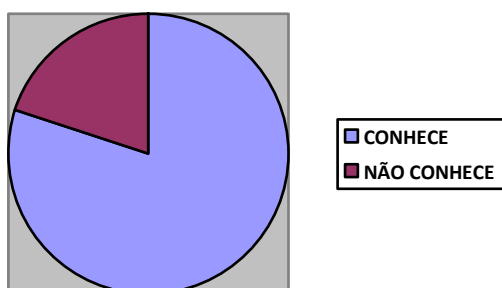
(2 diretores, 2 coordenadores, 5 professores e 1 coordenador da bahiatura.) total 10.

a. Computadores são usados nas escolas: 2

b. Computadores não são usados nas escolas: 8

A grande maioria afirma que os computadores não são usados pelos alunos, para uma maior eficácia da aquisição do idioma.

Gráfico 1.5 Conhecimento da LDB



(2 coordenadores e 5 professores) : total 7

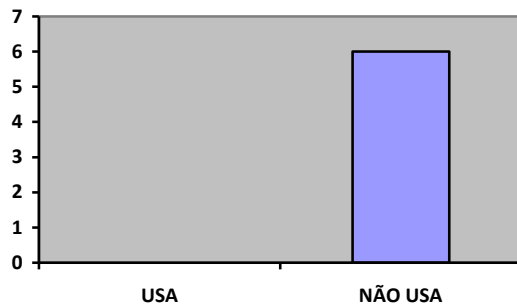


a. Conhece as leis da LDB:1

b. Não conhece as leis da LDB: 6

A grande maioria não conhece as leis das diretrizes e bases da educação do ensino de língua inglesa no Brasil.

Gráfico 1.6 - Uso das 4 habilidades da língua



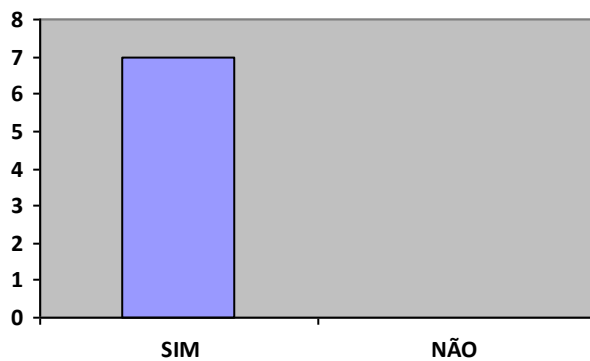
Professores (6)

a. Todas as 4 habilidades são usadas em sala ( escrita, leitura, fala e audição): 0

b. Nenhuma destas habilidades. 6

Nenhum professor utiliza as 4 habilidades no ensino do idioma, por faltar o essencial, que é o livro didático.

Gráfico 1.7 Política pública como solução no ensino público



1.7 (2 coordenadores e 5 professores )

a. Políticas públicas podem ser a solução para o ensino deste idioma: 7

b. Políticas públicas não podem ser a solução: 0

Todos concordam que a implementação de políticas públicas pode ser a solução do problema do ensino de língua inglesa em Salvador bem como no Brasil.

Como pode ser verificado neste trabalho, percebe-se que esses indivíduos pesquisados, consideram que a aquisição da competência comunicativa da língua inglesa é um vetor de inserção no mercado de trabalho e no turismo, contudo, os alunos dessa Escola e desse Colégio assim como pessoas ligadas ao turismo, não têm acesso à essa aquisição para a devida inserção, mas acreditam que esta aquisição é possível, mediante uma série de estratégias para a melhoria.

Os discentes e pessoas ligadas ao turismo carecem urgentemente da aquisição da língua inglesa, com vistas à sua escrita e fala com a presença do domínio do discurso, como dito por Orlandi (2005, p. 12) que "o discurso é a palavra em movimento, a linguagem sendo usada, o homem falando", já que para Fairclough (2004) a versão crítica para a análise do discurso deve ser baseada na crença de que a linguagem é parte irredutível da vida social, dialeticamente interconectada com outros elementos da vida social, de maneira que a análise e pesquisa sociais têm sempre que incluir a linguagem. Thornbury (2005) complementa e afirma que o discurso é a forma que a língua falada ou escrita é usada para efeito comunicativo na situação do mundo real.

Esta tese visa apresentar uma nova metodologia de língua para latinos. Por conseguinte, por ser tese, será necessário provar na prática que esta nova metodologia é verdadeira e funciona. Portanto alunos e pessoas ligadas ao turismo foram submetidos a um exercício escrito com assuntos já dados pelo professor. Posteriormente foi feito também um oral, o qual foi filmado. Na Escola Maria de Lurdes dos 218 alunos investigados, todos eles, isto é 100% erraram no exercício, no colégio Thales de Azevedo dos 63 alunos investigados, apenas 3 acertaram, ou seja, 4,8% e alunos do turismo dos 7, apenas 1 acertou, isto é, 14%. Isto comprova a total deficiência do ensino do inglês nas Escolas e Colégios Públicos de Salvador bem como nos cursos para preparar pessoas ao turismo. No entanto, a técnica desta nova metodologia foi aplicada e filmada numa lousa com alunos e pessoas do turismo. O pesquisador desta tese desafiou aos investigados dizendo que eles fariam algumas perguntas a todos, que provavelmente eles errariam (inclusive todos, sem exceção, erraram) e que com a nova metodologia, eles saberiam responder o que errassem. De fato, o erro aconteceu em 100% dos investigados e após a explanação do novo método, todos acertaram.

Figura 1 - xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

WORD QUESTION	EXTRA WORD	1 <sup>st</sup> AUXILIARY VERB	2 <sup>nd</sup> PRONOUN	3 <sup>rd</sup> PRINCIPAL VERB	COMPLEMENT
which		Am	I	Need	Traveled
what		Is	You	Want	Studying
where		Are	He	Be	Done
when		Was	She	Like	Do Doing
why		Were	It	Have	Made
who		DOES	We	Dance	To Do
at what time		DO	You	Dancing	To Be
how much		DID	They	work	Enjoying
how many		DIDN'T	John = He	surfing	Like
how old		WILL	Mary = She	have to	Eaten
how far		WOULD	Her Mother = She	turn	Made
how often		WOULDN'T	His Father = He	put	Painted
how long		HAS	Her Mother's Brother = He	been done	Told
how come		HAVE	My Mother's Cousin = He/she	needed	Been
how big		HAD	Contagem	1. Would rather = Would prefer	Working
how small		CAN	1. dele = (his)	2. Better = Should	Any - Anybody - Anyone
how early		COULD	3. deles(as) = their	3. Supposed to	Anything - Anywhere
how many times		MUST	4. familia	4. used to	Where (indirect questions)
whose	language	MAY	Exceção (contagem)	5. Feel like	When
what kind of	food	MIGHT	1 <sup>o</sup> O pronome	usually never often always rarely ever	While
what sort of	food		1. meu, minha = (my)	After + verb and preposition	Prepositions
			2. seu, teu = (your)	VAI / VÃO / VAMOS IN PORTUGUESE:	For
			3. nosso(A) = (our)	IA / IAM / IAMOS / IES IN PORTUGUESE:	With
			it take	Adjectives (superlative)	To
				Adjectives (comparative)	On
				Adjectives (exception)	About
				QUE: who that which	At
					Of
					Causative form
					His house
					Her car
					With need
					me you him her it us you them
					After
					ar / er / ir / or / in portuguese we use "to" or "ing"
					EVERY DAY
					YESTERDAY
					TOMORROW
					TODAY
					IN THE MORNING
					IN THE AFTERNOON
					IN THE EVENING
					AT NIGHT
					NOW
					THIS WEEK
					THIS MONTH
					THIS SEMESTER
					THIS WINTER
					THIS SUMMER
					THIS AUTUMN
					THIS SPRING
					WHO = QUE
					THAT = QUE
					WHICH = O QUAL, A QUAL
					IF
					IN THE MORNING
					YESTERDAY
					TOMORROW
					WON
					HAD
					IS
					ARE
					?

QUEBRA DE DOIS PARADIGMAS: O ESTRUTURALISMO E O USO DA MATEMÁTICA NA AQUISIÇÃO DA LINGUA INGLESA

Figura 2 - xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

SHORT ANSWERS				LONG ANSWERS			ADVERBS OF FREQUENCY	COMPLEMENT	LINKING WORD
YES/NO	1º PRONOUN	2º AUXILIARY VERB		YES/NO	PRONOUN	AUXILIARY VERB			
YES, I NO, I YES, YOU NO, YOU YES, THEY NO, THEY YES, I NO, I YES, WE NO, WE YES, I NO, I YES, HE NO, HE YES, HE NO, HE YES, HE NO, HE YES, SHE NO, SHE YES, HIS FATHER NO, HIS FATHER YES, I NO, I YES, HE NO, HE YES, SHE NO, SHE YES, THEY NO, THEY YES, I NO, I YES, - NO, - YES, - NO, - YES, - NO, -	I YOU THEY THEY I I WE WE I I HE HE HE HE HE HE SHE SHE HIS FATHER HER BROTHER I HE HE SHE SHE THEY THEY I I - - - - - -	AM ARE ARE WAS WERE DO DOES DID WILL WOULD HAS HAVE HAD HAS HAD CAN THERE IS THERE HAVE BEEN THERE SHOULD HE	AM NOT ISN'T (IS + NOT) AREN'T (ARE + NOT) WASN'T (WAS + NOT) WEREN'T (WERE + NOT) DON'T (DO + NOT) DOESN'T (DOES + NOT) DIDN'T (DID + NOT) WOULDN'T (WOULD + NOT) HADN'T (HAD + NOT) CAN'T OR CANNOT THERE ISN'T THERE HASN'T BEEN THERE HAVEN'T BEEN THERE AREN'T THERE CAN'T BE THERE WASN'T THERE WEREN'T THERE WON'T BE THERE WOULDN'T BE THERE SHOULDN'T BE THERE MUSN'T BE THERE COULDN'T BE	YES, I NO, I YES, I NO, YOU YES, I NO, YOU YES, THEY NO, THEY YES, I NO, I YES, WE NO, WE YES, I NO, I YES, HE NO, HE YES, HE NO, HE YES, HE NO, HE YES, HE NO, HE YES, SHE NO, SHE YES, SHE NO, SHE YES, SHE NO, SHE YES, HIS FATHER NO, HIS FATHER YES, HIS BROTHER NO, HIS BROTHER YES, I NO, I YES, HE NO, HE YES, HE NO, SHE YES, SHE NO, SHE YES, SHE NO, SHE YES, THEY NO, THEY YES, THEY NO, I YES, I NO, - YES, - NO, - YES, - NO, -	I I I YOU I YOU THEY THEY I I I WE WE I I HE HE HE HE HE HE SHE SHE SHE SHE HIS FATHER HER BROTHER I HE HE SHE SHE THEY THEY I I - - - - - -	AM AM NOT USED TO ARE AREN'T ARE AREN'T WAS WASN'T WERE WEREN'T DON'T NEVER DOESN'T DIDN'T WILL WON'T WOULD WOULDN'T HAS HASN'T HAVE HAD HADN'T HAS HASN'T HAD HADN'T CAN CAN'T OR CANNOT THERE IS THERE ISN'T THERE HAVE BEEN THERE HAVEN'T BEEN THERE SHOULD BE THERE SHOULDN'T BE	ALWAYS USUALLY OFTEN RARELY HARDLY EVER SOMETIMES	A. PRINCIPAL VERB B. NOUN C. ADJ (ETC)  LATE A TEACHER BE A TEACHER A DOCTOR FRIENDS TIRE SICK LIKE ENGLISH STUDY IN THE MORNING LIKES ENGLISH WORKED YESTERDAY GO TO THE BANK DO HIS EXERCISE MAKE HER BED DONE HIS EXERCISE WORKED LATELY GONE TO THE BANK THIS WEEK GONE TO THE BANK CALLED HER YET WORKING SINCE 9 O'CLOCK RUNNING SPEAK ENGLISH A VASE ON THE TABLE PARTIES RECENTLY MORE MEETINGS	YET

QUEBRA DE DOIS PARADIGMAS: O ESTRUTURALISMO E O USO DA MATEMÁTICA NA AQUISIÇÃO DA LÍNGUA INGLESA

O novo método original e inédito, que será patenteado, foi criado pelo próprio investigador desta tese, o qual se baseia numa proposta de aquisição da língua inglesa, para o domínio não somente da escrita e leitura mas também e principalmente da fala e da audição, isto é, no domínio do discurso comunicativo e não apenas frases e expressões prontas. Ele favorece o desenvolvimento do subconsciente dos discentes, que é o espaço do cérebro onde, **segundo vários teóricos** afirmam que é a parte onde realmente se desenvolve a linguagem. Muitos métodos têm apenas favorecido a aprendizagem, que grandes pesquisadores têm descoberto que esta não leva a comunicação, pois esta aprendizagem é um conhecimento consciente que não mais favorece a comunicabilidade, mas apenas a memorização de regras. Portanto, o novo método se baseia em apenas dois quadros, um de pergunta e outro de resposta, o qual inclui toda a língua inglesa, em todos os seus níveis, do conhecimento básico ao avançado. Ele apenas se realiza com a escolha de um livro didático que contemple as quatro habilidades desta língua( escrita, leitura, audição e fala), com a utilização destes dois quadros o tempo todo pelos alunos, em que o professor deve sempre mostrar, pois ele é o parâmetro para a efetiva aquisição.

A confecção do mesmo foi possível, pelo fato de a língua inglesa ser germânica e possuir uma gramática pouco extensiva, diferente das línguas latinas que superabundam na abordagem gramatical. O novo método é direcionado apenas aos povos latinos, especialmente, aos brasileiros que tem a língua portuguesa com um pensamento inverso ao da língua inglesa. Tal método se baseia primordialmente na divisão de estruturas gramaticais e numa contagem matemática, dentre outras, derrubando duas correntes de pensamento, o estruturalismo e a matemática, os quais sempre afirmaram que não pode haver aquisição de línguas com divisões estruturais da gramática e com o uso da matemática.

A parte mais complexa para o domínio da aquisição do idioma é estruturar as frases na pergunta e nas respostas com segurança assim como inverter o pensamento para esta segunda língua, que apresenta um pensamento inverso ao nosso. O método se utiliza de várias técnicas que favorecem ao subconsciente dos discentes. Exemplificando, o professor primeiramente menciona que a diferença da língua latina para a germânica é que as latinas, numa estruturação de pergunta, o primeiro elemento é o pronome e na germânica o verbo auxiliar e enfatiza que a língua inglesa por ser germânica, este verbo auxiliar é quem domina a língua, ou seja, é o elemento mais importante.

Depois, ele menciona que para perguntar corretamente, eles sempre devem seguir três passos: 1. qual o tempo verbal ? presente? Passado? Futuro? etc. 2. O verbo to be significa ser e estar na língua portuguesa, que é diferente de todos os verbos da língua porque ele não precisa deste tão fundamental verbo auxiliar, pois ele já é auxiliar e que em qualquer pergunta deve se observar se tem o verbo be ou se se trata de outro verbo. 3. Se for o be, usa seus auxiliares, se não usa o tão crucial verbo auxiliar no tempo verbal da pergunta, pois para cada tempo, se tem um verbo auxiliar na língua inglesa para a pergunta, que deve ser seguido sempre de um pronome e após um verbo principal, seguido do complemento. Caso haja na pergunta, uma palavra de pergunta seguida ou não de uma palavra extra, estas assumem a primeira posição, mas não altera a sequência lógica constante e sempre, dos três elementos inseparáveis da pergunta: Verbo auxiliar + pronome + verbo principal, isto é, VA + P + VP e na resposta P + VA + VP. Toda a língua gira sempre em torno destas duas sequencias para perguntas e respostas, com raros complementos entre estes.

Deve deixar claro a importância da sequência correta e a presença obrigatória destes 3 elementos, para que o nativo da língua entenda, e haja de fato a comunicação. Pois qualquer inversão ou esquecimento faz ocorrer o processo da interlinguagem, nem inglês, nem

português, mas a linguagem do aprendiz, que o nativo não compreende e não há a comunicação.

No passado foi dito que não há aprendizagem ou melhor aquisição de línguas estrangeiras com a matemática, no entanto, algumas pesquisas hoje afirmam o contrário. Diante disto, tem-se observado e testado em sala de aula de língua inglesa, como docente deste idioma, que com a lógica matemática e a semântica, que segundo Neves (2013) lógica é a ciência que coloca ordem nas operações da razão afim de se atingir a verdade e a semântica estabelece em que circunstâncias no mundo uma determinada sentença é verdadeira, que uma sentença escrita ou falada pelos discentes mediante uma contagem, a qual foi pensada e testada com alunos aprendizes deste idioma, tem-se conseguido uma maior rapidez e maior segurança destes na hora de formar o discurso, pelo fato de que o pensamento da língua inglesa é o inverso da língua portuguesa, que é um grande problema para os latinos, mas que com esta técnica a aquisição do idioma é mais eficaz. A descoberta é: toda vez que na língua portuguesa se tem os pronomes: dele(his) dela(her) deles(their) e delas(their) assim como elementos da família( pai, mãe, etc) faz-se uma contagem. Lembrando-se de que "S, corresponde a de,do,da,dos,das no português.

Exemplificando:

1. Ex. Computador<sup>1</sup> do<sup>2</sup> irmão<sup>3</sup> dele<sup>4</sup> = his<sup>4</sup> brother<sup>3</sup>'s<sup>2</sup> computer<sup>1</sup>.
2. Nome<sup>1</sup> do<sup>2</sup> pai<sup>3</sup> da<sup>4</sup> mãe<sup>5</sup> dela<sup>6</sup> = her<sup>6</sup> mother<sup>5</sup>'s<sup>4</sup> father<sup>3</sup>'s<sup>2</sup> name<sup>1</sup>.
3. Irmã<sup>1</sup> de<sup>2</sup> John<sup>3</sup> = John<sup>3</sup>'s<sup>2</sup> sister<sup>1</sup>.

No entanto, quando tivermos os pronomes meu,minha,meus, minhas(my), seu, teu,seus,teus(your),nosso, nossa, nossos,nossas(our) faz-se também a mesma contagem sequencial, mas com a colocação primeiro destes pronomes e em seguida a contagem dos elementos que restaram na sentença. Exemplificando:

Apartamento<sup>1</sup> de<sup>2</sup> minha mãe<sup>3</sup> = MY mother<sup>3</sup>'s<sup>2</sup> apartment<sup>1</sup>.

Livro<sup>1</sup> de<sup>2</sup> nosso pai<sup>3</sup> = OUR father<sup>3</sup>'s<sup>2</sup> book<sup>1</sup>.

Portanto, esta nova descoberta é o surgimento de uma nova teoria, pois para Evans e Mcdowell ( 2005) haverá uma teoria do conhecimento do significado de uma frase ou

reconhecimento da verdade, que é parte da filosofia da linguagem, teoria semântica, fato gramatical lingüístico, quando uma frase for considerada verdadeira, ou seja, correta ou entendível por algum método. . No caso desta tese, esta contagem leva mentalmente o estudante para o discurso entendível, pois ele se expressa com segurança e sua mensagem é captada pelo ouvinte nativo da língua, portanto, uma teoria.

No novo método, haverá algumas observações, que é a explicação de todo o quadro de perguntas e respostas, para que o aluno apreenda no seu subconsciente e possa assim dominar de fato, o discurso da língua inglesa escrita e falada. Estas observações são as recomendações desta tese de doutorado.

## 5. CONCLUSÃO

A presente tese de doutorado apresenta os resultados do estudo sobre as fragilidades do ensino do inglês nas Escolas Públicas de Salvador, bem como na área do turismo e suas implicações para o desenvolvimento regional. É imperioso lembrar que esta língua é a mais usada no planeta. Sendo língua "universal" ela é importante não apenas para crescimento pessoal, mas, sobretudo, para que sujeitos contemporâneos ascendam socialmente e se insiram diferencialmente no mercado de trabalho, em especial no turismo soteropolitano. Diante disso, o trabalho objetivou investigar o encadeamento dos fatores sociais, econômicos, políticos, culturais, metodológicos, curriculares, legais e turísticos no ensino/aquisição desse idioma.

A abordagem teórica realizada ao longo do estudo revelou que a aquisição da competência comunicativa do inglês, como língua universal, é condição sine qua non para ser admitido no mercado de trabalho competitivo em geral e na área do turismo. Notou-se também que, em um mundo cada vez mais globalizado, transnacional, o analfabetismo não corresponde à noção antiga de iletrado, mas foi redimensionado: o analfabetismo funcional compreendendo a pessoa que não adquire o conhecimento de uma segunda língua, principalmente da língua inglesa. O domínio efetivo da Língua Inglesa é essencial, para sobreviver, ascender social e financeiramente, além disso as redes sociais já são uma realidade para os jovens, que convivem com elas desde cedo, as quais oportunizam a troca de diálogo, experiências, amizades, etc, com pessoas de outros países, e esses "navegadores virtuais" se comunicam falam/escutam/escrevem/leem em inglês, principalmente. O intercâmbio nos EUA também é uma possibilidade concreta.

Fez-se, neste estudo, um retrospecto da difusão do inglês. Primeiro, através da revolução industrial inglesa, seguido pelo poderio militar dos EUA, a partir da segunda guerra mundial, deslocando o francês de sua primazia. Teceu-se também algumas considerações com relação à presença marcante do inglês na maioria das publicações científicas, culturais e artísticas do mundo, daí o reconhecimento da importância desse idioma e a real necessidade de jovens e trabalhadores para dominá-lo e terem acesso ao mercado de trabalho e ao turismo Não se deixou à margem, nesse labor, as críticas empreendidas a disseminação da cultura norte americana, cultura que, muitas vezes, apaga identidades, suprime noções de nacionalidade e silencia outros vozes.



Viu-se também, de forma ilustrativa, e ancorados em diversos autores, que o humano tem sido suprimido pelo neoliberalismo e seu capital, deixando o mundo na incerteza. Mas isso não afeta o imperativo da aquisição de uma língua estrangeira, alias direito de todo cidadão e dever do Estado. Por isso a crítica que se viu, ao longo desse texto, à escola pública. Ela não pode se eximir de seu papel, qual seja, oportunizar a todos, principalmente aos mais carentes, um ensino de qualidade, e na área das linguagens, oferecer aos alunos, cidadãos de um mundo globalizado, a oportunidade de ser proficiente em uma segunda língua, o que lhe possibilitará ascensão na carreira acadêmica, profissional e empoderamento pessoal. Contudo, diferente disso, a aquisição de uma língua estrangeira moderna não se verifica. O ensino brasileiro é excludente no seu nascedouro, entretanto é muito mais, para os pobres. São eles os analfabetos digitais, os silenciados na variante padrão e também, como se mostrou, os que não têm acesso a aquisição da competência comunicativa do inglês.

Embora existam pressões por parte da sociedade organizada, a escola ainda não se reestruturou, não se modernizou e o que notamos, em nossa pesquisa, é que ela não dispõe de ambientes educativos modernos, informatizados, lúdicos. Assim, o ensino da língua estrangeira ainda se pontua pelas marcas do passado: domínio mecânico da gramática em detrimento da moderna concepção interacionista da linguagem. Concepção que leva em consideração a escrita, a fala, a interação com o outro na sala de aula e fora dela, ou seja, um ensino ativo.

A pesquisa bibliográfica e documental demonstraram ainda que é essencial fugir do ensino tradicional e manipulado, já que a língua tem uma natureza social e comunicativa, em que o professor deve usar a motivação para diminuir a ansiedade e auto-estima do aluno. Salientou-se a importância do uso do livro didático, embasado em uma abordagem comunicativa, por isso o processo criterioso do professor de língua estrangeira na escolha do livro didático. Aliado a escolha do livro, notou-se que os docentes devem usar uma metodologia criativa, lúdica mediante materiais autênticos, a fim de que os discentes adquiram o discurso e use na vida real. Enfatizou-se, ao longo da elaboração dessa tese, a questão do currículo. Ele está implicado em relações de poder político e pessoal, beneficiando, em maior grau, a classe privilegiada. Por isso se fizeram sugestões, tanto reformulação multicultural, tornando-se mais

democrático, quanto a adequação ao que é propugnado pela Constituição Federal, Parâmetros Curriculares Nacionais, Ministério Público e sociedade civil organizada.

Outro aspecto verificado durante o estudo teórico foi à importância de o ensino da língua inglesa está respaldado nas leis da LDB, a qual vincula a educação ao mercado de trabalho. Os PCN's de língua estrangeira e SETUR/BA e BAHIATURSA também mostram essa mesma possibilidade: aquisição de língua X trabalho. Assim, apontou-se como a SETUR/BA, ganharia muito, se investir nos profissionais dos seus quadros na aquisição de uma segunda língua, se houver um ensino de língua inglesa eficiente. Os cidadãos beneficiados participarão do mercado de trabalho formal, contribuirão para a manutenção do turismo sustentável, ampliação da economia baiana etc. Mas é mister um esforço coletivo: SETUR/BA, BAHIATURSA, escolas públicas e responsabilidade da Nação e do estado da Bahia, através da Secretaria de Educação do Estado.

O estudo empírico, por sua vez, revelou dados a respeito de que todos os investigados consideram importante a aquisição da competência comunicativa da língua inglesa e a inclusão digital. Ainda revelou que os computadores não são utilizados nas aulas do idioma, bem como os alunos recebem o livro didático de todas as disciplinas, exceto inglês. Demonstrou também que não há uma programação na escola do inglês básico ao avançado, ou seja, não há uma programação adequada, sequenciada, assim como no turismo.

Diagnosticou-se ainda que, os maiores problemas, começam com a má formação do professor de inglês na universidade, passa pela falta de qualificação permanente e deprecação continua do ambiente de trabalho, além da falta de material pedagógico. Ainda se mostrou como a LDB e os PCN's avançaram em suas propostas de ensino de língua estrangeira, mas as suas diretrizes não são efetivadas em sala de aula. Há um hiato entre teoria e prática. A disciplina é relegada a acessório, isto é, não reprovada, falta professor formado e concursado. Os que estão atuando, muitas vezes, têm pouca prática e utilizam uma metodologia calcada na gramática e exercícios escritos, sem qualquer uso da comunicação da língua falada. Mas há a esperança, demonstradas por alunos e professores, do cumprimento do que regem a LDB os PCN's para um efetivo ensino/aquisição do idioma.

A pesquisa também colaborou para que se pudesse verificar que a importância da aquisição da língua inglesa é cada vez maior no mundo que se quer pós-moderno, globalizado, inserindo-o

homens e mulheres na inserção no mundo do trabalho e no turismo, já que estes podem ser vetores de inclusão social, cidadania e renda, bem como para o desenvolvimento urbano da cidade de Salvador, nos setores, social, económico, político, cultural e turístico, mediante esta aquisição. A pesquisa revelou a precariedade que envolve a educação de língua inglesa dos alunos regularmente matriculados na escola e colégio pesquisados, cujas aulas de língua inglesa se pontuam apenas em nível gramatical, escamoteando a comunicação mediante todas as suas quatro habilidades, isto é, escrita, leitura, audição e fala. Revelou-se também, neste estudo, que dificilmente esses alunos serão incluídos no mercado de trabalho, geral e especial na área do turismo. Entretanto, todos os pesquisados acreditam que esta aquisição é um vetor para a inserção neste mercado bem como acreditam que ela é possível, mediante uma série de estratégias para a melhoria da escola pública bem como de cursos contínuos ministrados pela SETUR/BA, BAHIATURSA, cursos de turismo.

Diante disso, é fundamental o desenvolvimento e aplicação de políticas públicas educacionais na escola pública estadual, via Secretaria de Educação (Estado), Ministério Público e Constituição Federal (MEC), que capacite os professores em cursos contínuos, para que todos os alunos recebam o livro didático de inglês, tenha mais horas aulas desta disciplina, menos alunos em sala, uma menor carga horária do professor, com relação ao número de turmas, uso do computador, planejamento sequenciado dos assuntos, do básico ao avançado da língua, pelas escolas, do 6o ano ao final do 3o ano do ensino médio, um currículo adequado que cumpra na prática às exigências da LDB e PCN's e, por fim, metodologias inovadoras detalhadas para os professores, de como trabalhar para a melhoria de suas aulas e ter a resposta positiva dos alunos quanto à comunicação, dominância do discurso escrito e falado.

Os discentes reconheceram que suas Escolas, Colégios e como complementação alunos do mundo acadêmico e indivíduos dos cursos de turismo não os prepara para a competência comunicativa do idioma, contudo a grande maioria tem o forte desejo para esta aquisição, para os diversos fins.

Ficou constatado, portanto, que o novo método permite a segurança para que os discentes escrevam, leiam, escutem e falem o inglês corretamente, onde o pesquisador, por conseguinte, provou a veracidade de seu novo método. Espera-se que essa pesquisa, possa

contribuir para que de fato, políticas públicas sejam implementadas nas escolas em geral e no turismo pelos órgãos estaduais e federais

## 5.2 RECOMENDAÇÕES

As recomendações iniciais dizem respeito à metodologia para o ensino da língua inglesa, a qual é fundamental para a aquisição do idioma no subconsciente dos discentes e não apenas a aprendizagem ou conhecimento consciente, que só leva a memorização de regras, ao mecanicismo das escolas visto ao logo da tese, que por fim não leva a comunicação. No passado, em meados do século XX, quando surgiu o "estruturalismo" com o linguista Ferdinand Sausurre, dizia-se que tal concepção não contribuía para a aprendizagem. Hoje, a aquisição da língua pelos aprendizes, no entanto, é possível sim a aquisição da língua com o norteamento estrutural da mesma (abaixo haverá uma estruturação ou diagramação em que é possível sim a aquisição da língua com o norteamento estrutural da mesma).

A primeira contribuição ou solução ou recomendação diz respeito a estruturação de perguntas, que é uma das maiores dificuldades dos aprendizes brasileiros. Os docentes devem deixar bem claro que a língua inglesa por ser originalmente de uma raiz linguística românica, caracteriza-se mais por ser uma língua em que o primeiro elemento a ser escrito ou falado na estruturação da pergunta é o verbo auxiliar, seguido do pronome e terceiro pelo verbo principal (trigêmeos inseparáveis) quando não há palavras de pergunta ou *Word-questions* em primeira posição ao passo que a língua portuguesa por ser de uma raiz linguística latina, o primeiro elemento é o pronome, quando não há palavras de pergunta.

Essa diferenciação é essencial, pelo fato que ela acontecerá em todos os níveis da língua, do básico ao avançado bem como esses "trigêmeos" da pergunta na língua inglesa, não poderão ser esquecidos ou mudados de posição na hora da pergunta, por comprometer a compreensão do nativo da língua. Há uma exceção, quando em alguns casos, a palavra de pergunta vem acompanhada de um substantivo (*extra-word*), mas em seguida os trigêmeos permanecem juntos.

A comparação com a nossa língua portuguesa é também fundamental em alguns aspectos para tal aquisição. Deve ser informado aos discentes que, quando começarmos uma pergunta na língua portuguesa com um "não", devemos usar o verbo auxiliar na negativa, que como dito anteriormente, é o primeiro elemento da pergunta.

Uma grande contribuição é informar que se visualizarmos na língua portuguesa primeiro o tempo verbal da frase, ajuda na visualização imediata do verbo auxiliar da língua inglesa, pelo fato que ele é quem reje esta língua em primeira posição na pergunta, ao passo que nas respostas primeiro é o pronome (P) + verbo auxiliar (VA) + verbo principal (VP), então toda língua é regida na pergunta pela fórmula VA + P + VP e na resposta P + VA + VP.

Outro aspecto que deve ser mencionado é que o segundo elemento da pergunta, dito anteriormente, o pronome, além de sua forma própria formação (I, you, He, she, it, we, you, they) também pode aparecer com os possessivos determinantes (my, your, his, her, its, our, your, their) associados com substantivos, assumindo assim uma estruturação mais complexa, contudo, neste caso, ele precisa ser interpretado para vir a ter o seu formato original (I, you, He, e assim por diante), pois ele é quem define, as vezes, quem deve ser o VA da frase.

É muito comum a confusão entre os possessivos determinantes, ditos no item acima com pronomes objetos (me, you, him, her, it, us, you, them) na estruturação de frases. Contudo, deve ser esclarecido que estes últimos sempre aparecem após verbos e preposições.

Ainda a respeito da comparação com a língua portuguesa, deve-se lembrar que, quando usamos o infinitivo ou o nome do verbo (com as famosas terminações verbais: ar, er, ir, or ) da língua portuguesa, na língua inglesa deve ser usado o " to" como regra geral ou " ing" ou “ ambos”, para alguns poucos verbos especiais.

Esse "ing" também sempre aparece no verbo principal quando se tem uma preposição antes deste verbo, em que a tradução corresponde também ao infinitivo da língua portuguesa e não ao gerúndio (ndo) ou até mesmo quando se começa uma frase na língua inglesa com um verbo principal, este verbo recebe o "ing", o que se refere também a tradução do infinitivo da língua portuguesa também e não ao gerúndio (ndo).

Deve também ser informado aos discentes que o segundo elemento dos "trigêmeos" ditos no item 1, no caso, o pronome, este as vezes aparece de forma mais complexa com pronomes " possessive adjective"( his, her, our, etc) seguido de um substantivo e que este deve ser

traduzido mentalmente para se chegar ao pronome e finalmente ao verbo auxiliar da pergunta (VA).

Um dos futuros da língua inglesa, no caso o Immediate Future, que tem a estrutura de: Be(present) + going to+ verb, ele corresponde na língua portuguesa quando falamos a conjugação do verbo ir no presente do indicativo, ou seja, vou, vais, vai, vamos, vais e vão. Este, portanto, no inglês americano é usado de forma informal como "gonna" bem como quando falamos a estrutura chamada Future in the past, que corresponde ao Be(past) + going to + verb, esta corresponde e deve ser usada, quando em português, conjugamos o pretérito imperfeito do verbo ir, isto é, ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.

8. Lembrando também que o verbo to be é um verbo especial e por isso na pergunta, ele é o único na língua que não tem o terceiro elemento do trigêmeo, isto é, o verbo principal (VP) exceto, quando ele aparece com "ing" na estrutura do Present Progressive, ou seja, todos os outros verbos da língua sempre aparecerão na sequência dos trigêneos, enfatizados no item 1 e que é a principal regra a ser mencionada todo o tempo em todos os níveis do idioma, pois ela é determinante para a compreensão do nativo da língua e que quando um destes elementos dos trigêneos é invertido ou esquecido, não há o entendimento, e isto é fundamental. Lembrando também que se deve deixar claro que na pergunta, enquanto o verbo auxiliar (VA) encabeça tal tríade, na resposta, o primeiro é o pronome (P) + verbo auxiliar (VA)+ verbo principal(VP), derrubando o Estruturalismo, o qual afirma que não é possível a aquisição de línguas associando a divisão de estruturas, onde o pesquisador deste tese testou e provou ,afirmando o contrário.

Ainda na comparação com a língua portuguesa, o futuro do presente, corresponde a estrutura do Simple Future (Will), ou seja toda terminação “rei e família” e o futuro do pretérito ao Conditional (would), ou seja, toda terminação "ria" e família, deve-se associar ao "would".

Os verbos modais não podem ser usados com o "to" ou “ing” do infinitivo ao primeiro verbo principal, mas se aparecer um segundo verbo principal em seguida deste o "to" é usado normalmente.

Quando se quer falar ou escrever na língua inglesa, deve-se primeiro identificar o tempo verbal na língua portuguesa e associar imediatamente ao verbo auxiliar correto na língua inglesa, quando for uma pergunta, pelo fato de que ele é o primeiro elemento dos trigêmeos e quando a pergunta for negativa, usa o verbo auxiliar (VA) na negativa.

No passado foi dito que não há aprendizagem, ou melhor aquisição de línguas estrangeiras com a lógica matemática. Diante disto, tem-se observado e testado em sala de aula de língua inglesa, como docente deste idioma, que com a lógica matemática e a semântica, que segundo Neves (2013) lógica é a ciência que coloca ordem nas operações da razão afim de se atingir a verdade e a semântica estabelece em que circunstâncias no mundo uma determinada sentença é verdadeira. A descoberta é: toda vez que na língua portuguesa se tem os pronomes: dele(his) dela(her) deles(their), delas(their) e (its) assim como elementos da família( pai, mãe, etc) faz-se uma contagem sequencial. Lembrando-se de que "S, corresponde a de,do,da,dos,das no português. Esta descoberta foi testada com alunos que estudam este idioma e se conseguiu uma maior rapidez e maior segurança destes na hora de formar o discurso escrito ou falado, pelo fato de que o pensamento da língua inglesa é o inverso da língua portuguesa, que é um grande problema para os latinos, mas que com esta técnica a aquisição do idioma é mais eficaz e portanto o pesquisador desta tese quebra também com outro paradigma, o da lógica matemática.

Exemplificando:

Ex1. Computador<sup>1</sup> do<sup>2</sup> irmão<sup>3</sup> dele<sup>4</sup> = his<sup>4</sup> brother<sup>3</sup>'s<sup>2</sup> computer<sup>1</sup>.

Ex2. Nome<sup>1</sup> do<sup>2</sup> pai<sup>3</sup> da<sup>4</sup> mãe<sup>5</sup> dela<sup>6</sup> = her<sup>6</sup> mother<sup>5</sup>'s<sup>4</sup> father<sup>3</sup>'s<sup>2</sup> name<sup>1</sup>

Ex3. Irmã<sup>1</sup> de<sup>2</sup> John<sup>3</sup> = John<sup>2</sup>'s<sup>2</sup> sister<sup>1</sup>.

No entanto, quando tivermos os pronomes meu,minha,meus, minhas(my), seu, teu,seus,teus(your),nosso, nossa, nossos,nossas (our) faz-se também a mesma contagem sequencial, mas com a colocação primeiro destes pronomes e em seguida a contagem dos

elementos que restaram na sentença. Portanto, esta nova descoberta é o surgimento de uma nova teoria, pois para Evans e McDowell (2005) haverá uma teoria do conhecimento do significado de uma frase ou reconhecimento da verdade, que é parte da filosofia da linguagem, teoria semântica, fato gramatical lingüístico, quando uma frase for considerada verdadeira, ou seja, correta ou entendível por algum método, portanto esta contagem é um método que torna a frase verdadeira para o ouvinte. No caso desta tese, esta contagem leva mentalmente o estudante para o discurso entendível, pois ele se expressa com segurança e sua mensagem é captada pelo nativo da língua, portanto, uma teoria.

Exemplificando:

Ex 1. Apartamento<sup>1</sup> de<sup>2</sup> minha mãe<sup>3</sup> = MY mother<sup>3</sup>'s<sup>2</sup> apartment<sup>1</sup>.

Ex 2. Livro<sup>1</sup> de<sup>2</sup> nosso pai<sup>3</sup> = OUR father<sup>3</sup>'s<sup>2</sup> book<sup>1</sup>.

Toda tradução de qualquer frase, deve ser feita na língua portuguesa, mas com o pensamento da língua inglesa, pois a segunda língua tem uma identidade cultural própria, que em muitos casos é totalmente diferente da língua portuguesa. Exemplificando: I have been reading this book for 2 hours. ( a tradução deve ser feita pelo aluno mentalmente como: Eu tenho estado lendo este livro por duas horas e não Eu estou lendo este livro por duas horas, pois se assim for feito o aluno usa o presente do verbo to be e a frase fica totalmente errada e o nativo da língua não compreenderá nada.)

Finalmente, recomenda-se implementação de políticas públicas para:

Integração dos setores: Secretaria de Educação (Estado), Ministério Público e Constituição Federal (MEC).

Capacitação docente em cursos contínuos, para preparar melhor na aquisição do idioma.

Fornecimento do livro didático de língua inglesa, que favoreça trabalhar a escrita, leitura, fala e audição, isto é todas as habilidades da língua.



Maior carga horária da disciplina.

Menor quantidade de turmas para os docentes.

Uso do computador como ferramenta didática para a aquisição num laboratório de línguas.

Currículo adequado a LDB e PCN's.

Teoria da LDB e PCNS usados de fato na prática.

Após a patente do novo método, cada aluno receba os dois quadros fornecidos pelo Estado em geral.

Preparar multiplicadores com a nova metodologia, criada pelo investigador desta pesquisa, para preparar professores do idioma em Salvador, no interior e futuramente em todo território nacional com o apoio do British Council (Conselho Britânico ), principalmente com a noção da quebra do Estruturalismo e o uso da lógica matemática.

Cada aluno das escolas públicas e dos cursos de turismo possa receber os dois quadros do novo método, o qual sempre será o guia maior em todos os níveis da língua, do básico ao avançado.

## **REFERÊNCIAS**

## **APÊNDICE A**

## **APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE TESE DE DOUTORADO.**

\* PROFESSORES.

1. Por gentileza, gostaria que o Senhor (a), respondesse esses questionamentos de forma 100% sincera e assim estará contribuindo com essa tese de doutorado.

1.1 Qual a sua formação de graduação?

1.2 Tem especialização/ mestrado/ doutorado/ na área?

1.3 Fez curso de inglês? E especializações em cursos de inglês?

1.4 Tem algum certificado internacional, como Cambridge, Michigan ou Toefl?

1.5 É efetivo ou contratado?

1.6 Em sua opinião, a aquisição da competência comunicativa da língua inglesa é importante atualmente? Por quê?

1.8 Em sua opinião, o inglês ofertado na escola pública prepara o aluno para atuar no mercado de trabalho e no turismo? É importante preparar alunos ao mercado de trabalho e ao turismo, visualizando renda, numa cidade como Salvador que recebe turistas quase o ano todo?

1.9 Em sua concepção, o ensino da língua inglesa na escola pública inclui o aluno socialmente? É importante essa inclusão para a cidadania?

1.10 Em sua ótica, a aquisição do inglês hoje, pode ser um diferencial na vida dos indivíduos com relação ao fator rentabilidade financeira? Por quê?

1.11 É importante o uso do computador nas escolas? Por quê? Esse instrumento é utilizado em suas aulas, como ferramenta didática? Ele torna a aula dinâmica e eficaz na aquisição do idioma?

1.12 Motivação, diminuição da ansiedade do aluno, promoção da auto-estima são fatores importantes e que o docente deve promover em suas aulas? Por quê?

1.13 Já ouviu ou leu sobre algum (ns) teórico(s) que explica(m) sobre a metodologia do professor de língua inglesa em sala de aula? Qual (is)?

1.14 Há métodos específicos utilizados para o ensino da língua inglesa? Quais?

1.15 É importante e possível trabalhar as quatro habilidades da língua (escrita, leitura, audição e fala) na escola pública? Qual dessas habilidades é usada em suas aulas ou todas são utilizadas?

1.16 É importante o uso das quatro habilidades da língua, principalmente, a fala e a audição, isto é, a comunicação) em É importante usar um livro didático que promova a abordagem comunicativa (com sala? Por quê?

1.17 É utilizado um livro didático de abordagem comunicativa em suas aulas? Sua escola recebe livros desse tipo?

1.18 Em suas aulas são utilizadas diferentes dinâmicas para a aquisição eficaz da língua?

1.19 Já ouviu ou leu sobre a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) e PCNS (Parâmetros Curriculares Nacionais) para o ensino da língua inglesa? Se sim, poderia mencionar algum (ns) principal (is) fundamentos dos PCNS

1.20 Em sua escola há uma programação adequada com os conteúdos do 6o até o 3o ano, numa divisão do básico, intermediário e avançado, a fim de que ao final do 3o ano o aluno adquira a língua inglesa para comunicação? Se não, é possível haver esse planejamento?

1.21 O/A senhor (a), prepara suas aulas ?

1.22 Inglês reprova? Se não, o Senhor (a) concorda que ele não deve reprovar?

1.23 Em sua visão, é possível promover a aquisição da competência comunicativa da língua inglesa para comunicação na escola pública a fim de inserir os discentes no mercado de trabalho e no turismo, mediante uma política pública, elaborada e implementada pelos três poderes ( Executivo, Legislativo e Judiciário) que: (capacitasse o professor em cursos de forma contínua, inclusive em programas de intercâmbio para o aperfeiçoamento da língua, com livros didáticos de abordagem comunicativa gratuitos para os alunos, uma menor carga horária do professor, menor quantidade de alunos em sala, uso do computador e outros recursos didáticos em sala e um currículo, adequado com os PCNS e um planejamento, com todos os professores de língua inglesa, do 6o ao 3o ano)?

\* DIRETORES.

1. Por gentileza, gostaria que o(a) senhor(a), respondesse esses questionamentos de forma 100% sincera e assim estará contribuindo com essa tese de doutorado.

1.1 Em sua opinião, a aquisição da competência comunicativa da língua inglesa é importante atualmente? Por quê?

1.2 Em sua opinião, o inglês ofertado na escola pública prepara o aluno para atuar no mercado de trabalho e no turismo? É importante preparar alunos ao mercado de trabalho e ao turismo, visualizando renda, numa cidade como Salvador que recebe tantos turistas?

1.3 Em sua concepção, o ensino da língua inglesa na escola pública inclui o aluno socialmente? É importante essa inclusão para a cidadania?

1.4 Em sua ótica, a aquisição do inglês hoje, pode ser um diferencial na vida financeira?

1.5 Qual sua visão sobre a inclusão digital? Há computadores nesta escola para as aulas de língua inglesa?

1.6 Nesta escola há uma programação adequada com os conteúdos do 6º até o 3º ano, numa divisão do básico, intermediário e avançado, a fim de que ao final do 3º ano o aluno adquira a língua inglesa para comunicação? Se não, é possível haver esse planejamento?

1.7 Existe nesta escola algum programa extra classe, que prepare especificamente os alunos para a habilidade comunicativa da língua inglesa e se há algum(uns) professor(es) desta escola que já tenha(m) participado de programa de aperfeiçoamento da língua inglesa no exterior, o qual vem sendo executado pelo governo?

\* ALUNOS.

1. Por gentileza, gostaria que vocês respondessem esse questionário de forma 100% sincera e assim estarão contribuindo com essa tese de doutorado.

1.1 Você gosta de inglês?

1.2 É importante saber inglês? Por quê ?

1.3 Suas aulas de inglês têm muitas atividades dos alunos com jogos, exercícios para se comunicar com os colegas, CDs, vídeos ou tem mais a participação do professor (a) no quadro, com exercícios escritos e algumas leituras?

1.4 Você acha que esta escola prepara o aluno para escrever, ler, ouvir e falar o inglês para se comunicar e entrar no mercado de trabalho e no turismo? Se não, você acha possível isto acontecer numa escola pública? Você gostaria de dominar esta língua e ter acesso ao mercado de trabalho e no turismo para ter seu próprio dinheiro?

1.5 Escreva em inglês, as seguintes frases, na forma afirmativa: a) O amigo de minha mãe é um médico.

A casa do irmão dela é bonita.

O pai de Pedro é inteligente.

\* ALUNOS DOS CURSOS DE PREPARAÇÃO PARA A COPA DO MUNDO.

1. Por gentileza, gostaria que vocês respondessem esse questionário de forma 100% sincera e assim estarão contribuindo com essa tese de doutorado.

1.2 É importante saber inglês? Por quê ?

1.3 Você acha que este curso prepara o aluno para escrever, ler, ouvir e falar o inglês fluentemente para se comunicar com turistas e entrar no mercado de trabalho e no turismo? Ou apenas expressões básicas? Se não, você acha possível isto acontecer num curso contínuo? Você gostaria de dominar esta língua fluentemente e ter acesso ao

mercado de trabalho e no turismo para ter seu próprio dinheiro?

1.4 Escreva em inglês, as seguintes frases, na forma afirmativa:

O amigo de minha mãe é um médico.

A casa do irmão dela é bonita.

O pai de Pedro é inteligente.

\* PROFESSORA DOS CURSOS DE PREPARAÇÃO PARA A COPA DO MUNDO.

Por gentileza, gostaria que o Senhor (a), respondesse esses questionamentos de forma 100% sincera e assim estará contribuindo com essa tese de doutorado.

1.1 Qual a sua formação de graduação?

1.2 Tem especialização/ mestrado/ doutorado/ na área?

1.3 Fez curso de inglês? E especializações em cursos de inglês?

1.4 Tem algum certificado internacional, como Cambridge, Michigan ou Toefl?

1.5 Em sua opinião, a aquisição da competência comunicativa da língua inglesa é importante atualmente? Por quê?

1.6 Em sua ótica, a aquisição do inglês hoje, pode ser um diferencial na vida dos indivíduos com relação ao fator rentabilidade financeira? Por quê?



1.7 Já ouviu ou leu sobre algum (ns) teórico(s) que explica(m) sobre a metodologia do professor de língua inglesa em sala de aula? Qual (is)?

1.8 Há métodos específicos utilizados para o ensino da língua inglesa? Quais?

1.9 É importante e possível trabalhar as quatro habilidades da língua (escrita, leitura, audição e fala) em cursos que prepararão para o turismo? Qual dessas habilidades é usada em suas aulas ou todas são utilizadas?

1.10 É importante o uso das quatro habilidades da língua, principalmente, a fala e a audição, isto é, a comunicação? É importante usar um livro didático que promova a abordagem comunicativa em sala? Por quê?

1.11 É utilizado um livro didático de abordagem comunicativa em suas aulas? Este curso segue livros desse tipo?

1.12 A Senhora acha que este curso prepara o aluno para escrever, ler, ouvir e falar o inglês fluentemente para se comunicar com turistas e entrar no mercado de trabalho e no turismo? Ou apenas expressões básicas? Se não, você acha possível isto acontecer num curso contínuo?

\* ASSESSOR TÉCNICO DA BAHIAATURSA.

1. Por gentileza, gostaria que o senhor, respondesse esses questionamentos de forma 100% sincera e assim estará contribuindo com essa tese de doutorado.

1.1 Em sua opinião, a aquisição da competência comunicativa da língua inglesa é importante para o turismo soteropolitano? Por quê?

1.2 Há professores com conhecimento profundo da língua inglesa na BAHIAATURSA que ministram cursos contínuos de inglês para pessoas que trabalham diretamente com o turismo (como, baianas de acarajé, motoristas de táxi e de ônibus, recepcionistas de hotéis, vendedores ambulantes, seguranças de shopping, etc), para receber os turistas internacionais? Se há, qual a formação deles?

1.3 O senhor(a) acha que se essas pessoas ligadas ao turismo citadas no item 1.2, adquirisse a língua inglesa para comunicação, para a interação com o turista, a renda delas aumentaria? Isso traria desenvolvimento para a cidade de Salvador também? Se sim, por quê?

1.4 Há computadores e vídeos disponíveis para os cursos de língua inglesa promovidos pela BAHIAATURSA? Esse instrumento é importante para uma melhor eficácia do idioma?

1.5 Há uma política pública para a BAHIAATURSA, afim de patrocinar continuamente cursos de inglês para essas pessoas ligadas ao turismo, afim de que estas dominem o discurso da língua e não apenas cursos rápidos que capacitam apenas para a aprendizagem de expressões prontas? Se não, porque não há?

\*PROFESSORA DE ESTÁGIO DA UNEB.

1. Por gentileza, gostaria que a Senhora, respondesse esses questionamentos de forma 100% sincera e assim estará contribuindo com essa tese de doutorado.

1.1 Qual a sua formação de graduação?

1.2 Tem especialização/mestrado/doutorado/na área?

Fez curso de inglês? e especializações em cursos de inglês?

Tem algum certificado internacional, como Cambridge ou Michigan ?

1.5 Efetivo ou contratado?

1.6 Quanto tempo de experiência no ensino de estágio da língua inglesa na universidade?

Em sua opinião, a aquisição da competência comunicativa da língua inglesa é importante atualmente? Por quê?

Em sua opinião, o inglês ofertado na escola pública prepara o aluno para atuar no mercado de trabalho e no turismo?É importante preparar alunos para o mercado de trabalho e no turismo, visualizando renda, numa cidade como Salvador que recebe turistas quase o ano todo?

Em sua concepção, o ensino da língua inglesa na escola pública inclui o aluno socialmente ? É importante essa inclusão para a cidadania?

É importante o uso do computador nas escolas? Por quê ? Ele torna a aula dinâmica e eficaz na aquisição do idioma?

Motivação, diminuição da ansiedade do aluno, provocação da autoestima são fatores importantes e que o estagiário deve promover em suas aulas? Por quê ?

Já ouviu ou leu sobre algum (ns) teórico(s) que explica(m) sobre a metodologia do professor de língua inglesa em sala de aula?Qual (is)?

Há um método (s) específico(s) utilizados para o ensino da língua inglesa?Qual (is)?

1.15 Em seu entendimento, há um método eficaz no ensino da língua inglesa?

1.16 É importante e possível , para seu aluno estagiário , trabalhar as quatro habilidades da língua (escrita, leitura, audição e fala) na escola pública? É importante que seu aluno estagiário use um livro didático que promova a abordagem comunicativa (com o uso das quatro habilidades da língua, principalmente, a fala e a audição, isto é, a comunicação) em sala? Por quê?

1.17 Em sua opinião, a maior participação em sala deve ser do estagiário ou dos alunos? Por quê?

1.18 Já ouviu ou leu sobre a LDB (lei de diretrizes e bases) e fins (parâmetros curriculares nacionais) para o ensino da língua inglesa? Se sim, poderia mencionar algum (ns) principal (is) fundamentos dos PCNS? Os estagiários têm esse conhecimento ?

1.19 É possível promover a aquisição da competência comunicativa da língua inglesa para comunicação na escola pública , a fim de inserir os discentes no mercado de trabalho e no turismo, mediante uma política pública, patrocinada pela Secretaria de Educação, que: (capacitasse o professor em cursos de forma contínua, com livros didáticos de abordagem comunicativa gratuitos para os alunos, uma menor carga horária do professor, menor quantidade de alunos em sala, uso do computador e outros recursos didáticos em sala e um currículo, adequado com os PCNS e um planejamento com todos os professores de língua inglesa, do 6º ao 3º ano)?

\* SENHORA COORDENADORA PEDAGÓGICA DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO RESPONSÁVEL PELAS LÍNGUAS ESTRANGEIRAS DAS ESCOLAS PÚBLICAS NO ESTADO.

1. Por gentileza, gostaria que a Senhora, respondesse esses questionamentos de forma 100% sincera e assim estará contribuindo com essa tese de doutorado.

1.1 Em sua opinião, a aquisição da competência comunicativa da língua inglesa , ou seja a comunicação, é importante atualmente? Por quê?

1.2 Em sua opinião, o inglês ofertado na escola pública prepara o aluno para atuar no mercado de trabalho e no turismo? É importante preparar alunos para o mercado de trabalho e turismo, visualizando renda, numa cidade como salvador que recebe turistas quase o ano todo?

Em sua concepção, o ensino da língua inglesa na escola pública inclui o aluno socialmente ? É importante essa inclusão para a cidadania?

Em sua ótica, a aquisição do inglês hoje , pode ser um diferencial na vida dos indivíduos com relação ao fator rentabilidade financeira? Por quê?

É importante o uso do computador nas escolas? Por quê ? Esse instrumento é disponibilizado para as escolas? Ele torna a aula dinâmica e eficaz na aquisição do idioma?

Os alunos da escola pública recebem o livro didático de língua inglesa? Se não, porque não recebem?

Os PCNS da língua inglesa afirmam que a língua inglesa na escola pública tem uma função social dentro e fora da escola , em que o aluno deve adquirir este idioma de forma não apenas escrita mas primordialmente falada, para a comunicação com o outro e a preparação para o mercado de trabalho e o turismo. A senhora acredita que o ensino do inglês nessa escola capacita o aluno nessa direção?

A senhora acha possível, cada escola formatar uma programação adequada , com os conteúdos do 6º até o 3º ano, numa divisão do básico, intermediário e avançado, a fim de que ao final do 3º ano, o aluno tenha adquirido a língua inglesa para a comunicação?

1.9 Inglês reprova? Se não , a senhora concorda que ele não deve reprovar?

1.10 A senhora acha que o espanhol deve também ser oferecido nas escolas públicas como disciplina obrigatória? Por quê ?

1.11 Em sua visão, é possível promover a aquisição da competência comunicativa da língua inglesa para comunicação na escola pública, a fim de inserir os discentes no mercado de trabalho e no turismo, mediante uma política pública, patrocinada pela Secretaria de Educação, que:(capacitasse o professor em cursos de forma contínua, com livros didáticos de abordagem comunicativa gratuitos para os alunos, uma menor carga horária do professor, menor quantidade de alunos em sala, uso do computador e outros recursos didáticos em sala e um currículo, adequado com os PCNS e um planejamento, com todos os professores de língua inglesa, do 6º ao 3º ano)?

\* ASSESSOR TÉCNICO DA SETUR/BA.

1. Por gentileza, gostaria que o senhor, respondesse esses questionamentos de forma 100% sincera e assim estará contribuindo com essa tese de doutorado.

1.1 Em sua opinião, a aquisição da competência comunicativa da língua inglesa é importante para o turismo soteropolitano? Por quê?

1.2 Há professores com conhecimento profundo da língua inglesa na SETUR que ministram cursos contínuos de inglês para pessoas que trabalham diretamente com o turismo (como, baianas de acarajé, motoristas de táxi e de ônibus, recepcionistas de hotéis, vendedores ambulantes, seguranças de shopping, etc.), para receber os turistas internacionais? Se há, qual a formação deles?

1.3 O senhor acha que se essas pessoas ligadas ao turismo citadas no item 1.2, adquirisse a língua inglesa para comunicação, para a interação com o turista, a renda delas aumentaria? Isso traria desenvolvimento para a cidade de Salvador também? Se sim, por quê?

1.4 Há computadores e vídeos disponíveis para os cursos de língua inglesa promovidos pela SETUR/BA? Esse instrumento é importante para uma melhor eficácia do idioma?

1.5 Há uma política pública da SETUR/BA, para patrocinar continuamente cursos de inglês para essas pessoas ligadas ao turismo, principalmente, quando se pensa na próxima Copa do Mundo? Se não, porque não há?

\* COORDENADORAS PEDAGÓGICAS.

Por gentileza, gostaria que a senhora, respondesse esses questionamentos de forma 100% sincera e assim estará contribuindo com essa tese de doutorado.

1.1 Em sua opinião, a aquisição da competência comunicativa da língua inglesa é importante atualmente? Por quê?

1.2 Em sua opinião, o inglês ofertado na escola pública prepara o aluno para atuar no mercado de trabalho e no turismo? É importante preparar alunos para o mercado de trabalho e turismo, visualizando renda, numa cidade como Salvador que recebe turistas quase o ano todo?

1.3 Em sua concepção, o ensino da língua inglesa na escola pública inclui o aluno socialmente? É importante essa inclusão para a cidadania?

Em sua ótica, a aquisição do inglês hoje , pode ser um diferencial na vida dos indivíduos com relação ao fator rentabilidade financeira?

É importante o uso do computador nas escolas? Por quê ?Esse instrumento é utilizado nesta escola , nas aulas de inglês, como ferramenta didática? Ele torna a aula dinâmica e eficaz na aquisição do idioma?

1.6 Motivação, diminuição da ansiedade do aluno, promoção da auto-estima são fatores importantes e que o docente deve promover em suas aulas? Por quê ?

1.7 É importante e possível trabalhar as quatro habilidades da língua (escrita, leitura, audição e fala) na escola pública?

1.8 É importante usar livros didáticos que promovam a comunicação (com o uso das quatro habilidades da língua, principalmente, a fala e a audição) em sala?

1.9 É utilizado um livro didático de abordagem comunicativa nas aulas de inglês? Esta escola recebe livros desse tipo?

1.10 Já ouviu ou leu sobre a LDB/1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) e PCNS/1998 (Parâmetros Curriculares Nacionais) para o ensino da língua inglesa?

Se sim ,poderia mencionar algum (ns) principal (is) fundamentos dos PCNS?

1.11 Em sua escola há uma programação adequada com os conteúdos do 6o até o 3o ano, numa divisão do básico, intermediário e avançado, a fim de que ao final do terceiro ano, o aluno adquira a língua inglesa para comunicação? Se não, é possível haver esse planejamento?

1.12 Inglês reprova? Se não , a senhora concorda que ele não deve reprovar?

1.13 Em sua visão, é possível promover a aquisição da competência comunicativa da língua inglesa para comunicação na escola pública, a fim de inserir os discentes no mercado de trabalho e no turismo, mediante uma política pública, patrocinada pelos três poderes( Executivo,Legislativo e Judiciário) que: (capacitasse o professor em cursos de forma contínua, inclusive em programas de intercâmbio para o aperfeiçoamento da língua, com livros didáticos de abordagem comunicativa gratuitos para os alunos, uma menor carga



horária do professor, menor quantidade de alunos em sala, uso do computador e outros recursos didáticos em sala e um currículo, adequado com os PCNS e um planejamento, com todos os professores de língua inglesa, do 6o ao 3o ano).

\* ALUNOS DO CURSO DE TURISMO DA UNEB.

Por gentileza, gostaria que vocês, respondessem esses questionamentos de forma 100% sincera e assim estará contribuindo com essa tese de doutorado.

1.1 O inglês ofertado no curso de turismo, prepara os alunos para a domínio da língua inglesa nas quatro habilidades ( escrita, leitura, audição e fala ) afim de que os mesmos possam ter uma vida acadêmica mais preparada, os quais são exigidos, em leitura de textos nesta língua durante a graduação bem como na conclusão do curso superior com resumos na língua inglesa do trabalho final de curso, preparação para provas de entrada em mestrados e doutorados e programas de intercâmbio no exterior, a exemplo de graduação sanduíche, que exige o conhecimento de todas as habilidades deste idioma?

1.2 Se sua resposta do item 1.1 foi NÃO, você gostaria que as quatro habilidades fossem também trabalhadas? Ou a habilidade de escrita e leitura é o suficiente para você?

1.3 Você gostaria de fazer uma graduação sanduíche no exterior? Porque? Seu curso te prepara para isto ou você tem que pagar um curso de inglês particular?

1.4 Seu curso te prepara para escrever um texto formal em língua inglesa bem como para compreendê-lo de forma completa?

1.5 Para você qual a importância da aquisição escrita e oral da língua inglesa atualmente?

## **APENDICE**

Caracterização, regimento curricular e fotos das duas Escolas Públicas objetos do estudo

Acredita-se que se faz necessário mapear o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola investigada, além de situá-la espacialmente. Assim, transcreveremos aqui o referido Projeto Político Pedagógico. Segundo o documento que se teve acesso, este projeto surgiu da necessidade da elaboração de uma proposta pedagógica que possibilitasse a preparação para o trabalho, o exercício pleno da cidadania, a ampliação da cultura e a continuidade dos estudos, através da aplicação de atividades que proporcionassem a construção e a reconstrução de conteúdos, a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade. A concepção do projeto resultou da ação conjunta do corpo diretivo e docente da Unidade Escolar, reunidos durante a Semana Pedagógica de 2009. Na oportunidade, foi analisado o projeto do exercício anterior e feitas as devidas alterações compatíveis às novas propostas curriculares, considerando, sobretudo, o contexto em que a escola está inserida, na busca por suprir as demandas oriundas da comunidade. Vejamos o teor desse projeto: “tendo em vista que a escola é um texto escrito a muitas mãos, é importante salientar que este projeto não tem a preocupação de apresentar soluções definitivas, mas procura expressar o desejo e o compromisso do grupo, que a partir de um processo de discussões, trocas e buscas comuns, objetiva participar da construção da cidadania da comunidade na qual está inserido. Enfim, garantir aos integrantes da escola o domínio sob o caminho a ser percorrido e a consciência de seus limites e possibilidades. As

transformações ocorridas no âmbito das forças de produção de serviço e mão-de-obra, face ao crescente desenvolvimento tecnológico, bem como nas formas de organização social, têm apontado para uma necessidade constante de a escola assumir o papel de formadora de cidadãos “polivalentes”, participativos, flexíveis, com capacidade de abstração, decisão e exercício de várias funções e diversos ramos de atividade.

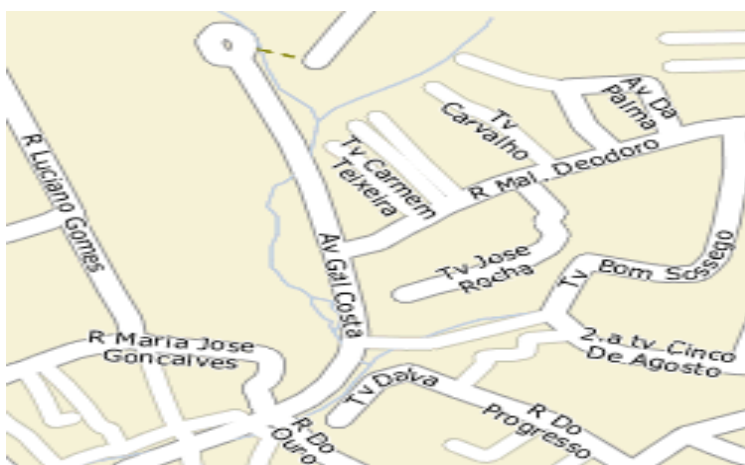
Nessa perspectiva, o presente projeto se torna um elo na construção de um sujeito integral, qual seja conhecedor de direitos e deveres sociais, consciente de seu papel na sociedade, agindo local e globalmente. Dessa forma, estará se atentando para o previsto no Relatório da UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, em que os quatro pilares propõem uma educação direcionada para o desenvolvimento das competências fundamentais para a aprendizagem, a saber: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver com os outros, aprender a ser, eleitos como fundamentais da educação.

O ensino, tal como o conhecemos, debruça-se essencialmente sobre o domínio do aprender a conhecer e, em menor escala, do aprender a fazer. Estas aprendizagens, direcionadas para a aquisição de instrumentos de compreensão, raciocínio e execução, não podem ser consideradas completas sem os outros domínios da aprendizagem, muito mais complicados de explorar, devido ao seu caráter subjectivo e dependente da própria entidade educadora. A política educacional brasileira traça hoje todo um processo de reestruturação curricular, voltando os objetivos da instituição escolar para a formação e a transformação. O MEC, quando se refere ao ensino fundamental no seu Planejamento Político-Estratégico, afirma que todos os estudos e diagnósticos apontam este nível como a "raiz dos problemas educacionais brasileiros" e ainda que, "há escolas, há vagas, há evasão, há repetência, há professor mal treinado, professor mal pago, há desperdício" e, expõe que sua diretriz é a obtenção de melhores resultados para os alunos nas escolas. Essa diretriz é entendida como "gestão da qualidade" e se aplica aos diversos níveis e graus de ensino e às demais áreas de atuação. Para esse Ministério, o conceito de qualidade engloba o acesso, o progresso e o sucesso do aluno na escola, aplicados diferentemente em cada nível de ensino. No ensino médio, "além de se buscar o progresso e o sucesso do aluno, o acesso, em sentido lato, constitui uma barreira a ser superada".

Visando ao cumprimento do que orienta a Lei de Diretrizes e Bases, este Projeto Político Pedagógico está embasado em princípios norteadores os quais entendem ser o aluno o sujeito participativo e responsável pela aprendizagem, superando a dicotomia teoria versus prática.

Espera-se que os jovens utilizem a concepção ampla de ciência, na qual os conteúdos específicos façam parte de um processo global com várias dimensões relacionadas. Tais indivíduos, no processo da formação escolar, devem vigorar como sujeitos ativos da aprendizagem, por meio de um processo democrático, com vistas a superar conflitos e eliminar as relações de competitividade, em que estão presentes o corporativismo e o autoritarismo. Leva-se em conta a formação de atitudes e convicções indispensáveis ao enfrentamento de problemas da vida, na percepção das relações existentes entre a sociedade, o trabalho e a escola, além de garantir a flexibilidade e formação continuada, permitindo a verticalização do ensino.

A metodologia utilizada na elaboração deste Projeto Político Pedagógico parte da análise de conteúdo. Através dos achados da investigação, podemos notar que o projeto da Escola Estadual Professora Maria de Lourdes Parada Franch trata o educando a partir de uma abordagem relacional problematizada, levando em consideração a sua historicidade enquanto agente no mundo, para que ocorra a transformação social, tendo em vista o educando como construtor de seu conhecimento a partir da sua interação e as relações feitas entre ele e o mundo. O projeto, pedagógico, primeiramente realizou estudos sobre a legislação vigente, documentos e orientações da rede estadual de educação, depois analisou a missão definida para a escola, suas possibilidades e limitações, definiu o perfil atual do cidadão e do trabalhador, apresentou a matriz de referência curricular para o Ensino Fundamental e Médio ao setor competente da Secretaria de Educação e por fim socializou as informações dos trabalhos realizados para a comunidade escolar”.



Localização espacial da Escola: A Escola Estadual Professora Maria de Lurdes Parada Franch localiza-se no bairro do Pau da Lima, localizando-se na Rua Marechal Deodoro, conforme a figura 2 e em seguida fotos de sua área externa e interna.

Figura 2 - Mapa da Rua onde está situada a Escola Professora Maria de Lurdes Parada Franch



Figura 3 - Foto da frente da Escola Professora Maria de Lurdes Parada Franch,



Figura 4 - Foto da área interna da Escola,



Figura 5 - Foto da área interna da escola,



Figura 6 - Foto da quadra de esporte da Escola Professora Maria de Lurdes Parada Franch.

Fonte: Própria escola, 2013.

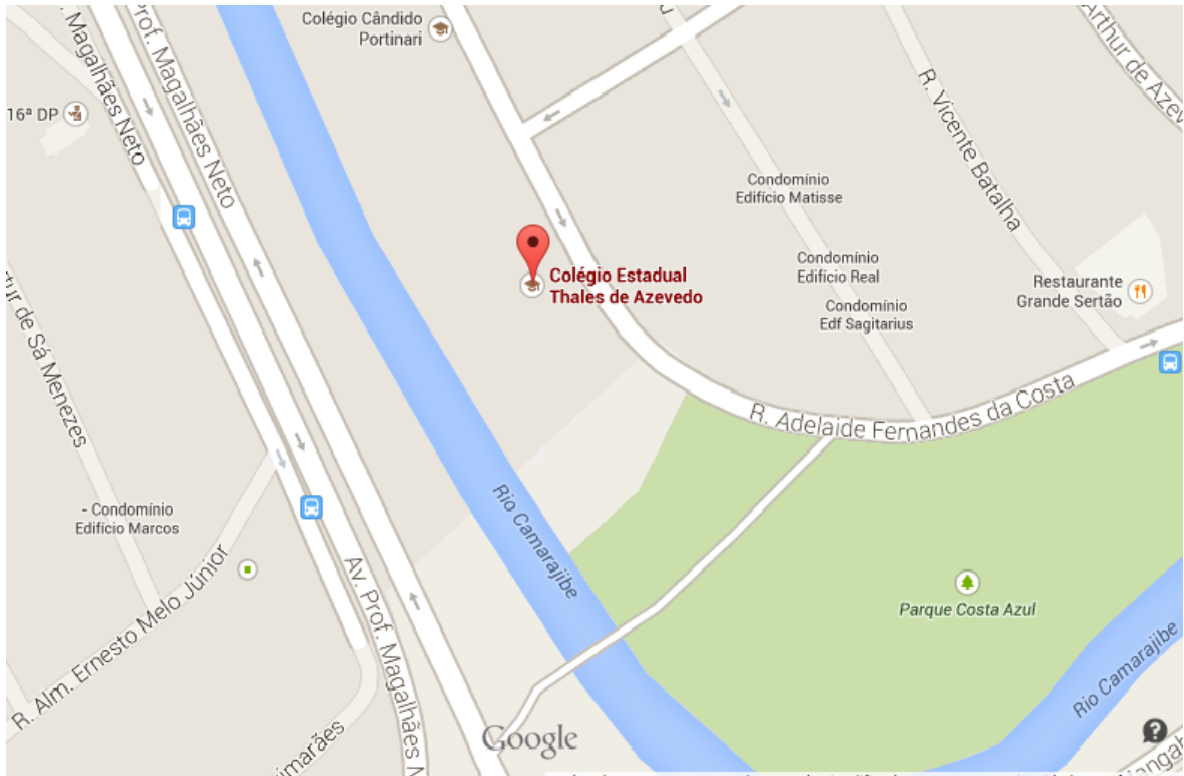


Figura 7 - Mapa da Rua onde está situada a Colégio Estadual Thales de Azevedo





Figura 8 - Foto do prédio do Colégio Estadual Thales de Azevedo.



Figura 9- Foto do interior do Colégio Estadual Thales de Azevedo.



Figura 10 Foto da quadra de esporte Colégio Estadual Thales de Azevedo.

A Escola Estadual Professora Maria de Lourdes Parada Franch, integrante do sistema estadual de ensino do Estado da Bahia, está localizada na Rua Marechal Deodoro, nº. 11, bairro de Pau da Lima, Salvador-BA, funcionando em prédio alugado, que pertencia à rede particular de ensino. O corpo docente conta com 36 professores, todos habilitados com licenciatura, alguns com pós-graduação. A Escola tinha, em 2010, matrículas de 1.600 alunos nos cursos de ensino fundamental e médio, ressaltando a criação de um anexo que atendesse às demandas do bairro de Pau da Lima e adjacências, com uma clientela de 10 turmas de 5ª. Série, atual 6º ano, e 2 turmas de 1º. ano do ensino médio. As instalações físicas da Escola, atestam bom estado de conservação e manutenção. Como melhoria na estrutura física, desde a época do último recredenciamento; houve a implantação de um laboratório de Ciências, a ampliação do laboratório de Informática; com relação ao mobiliário, a escola possui todos os equipamentos necessários ao bom andamento dos trabalhos: estantes, ar-condicionado, computadores, mesas, carteiras.

Como visto anteriormente, o Projeto Político Pedagógico ressalta a missão da Escola de assegurar um ensino de qualidade e garantir o acesso e permanência dos alunos na escola, formando cidadãos conscientes e críticos. A necessidade do funcionamento da escola no

bairro supracitado deu-se por conta de uma busca cada vez mais frequente da comunidade, uma vez que as unidades de ensino circunvizinhas não tiveram condições de atender à demanda de alunos interessados em matricular-se. Alunos estes que residem, em sua maioria, próximo à escola e não tem condições financeiras de se deslocarem para outros bairros.

A unidade escolar atende, há sete anos, a uma clientela com características peculiares à esfera social constituída por pessoas economicamente desfavorecidas, vítimas do desemprego e da exclusão social e, mais especificamente, subempregados, ambulantes, biscateiros, empregados domésticos, geralmente matriculados no turno noturno, no qual se oferece o ensino médio, e os filhos destes, em sua grande maioria, no turno diurno, no qual se oferece a educação fundamental e também o ensino médio. As condições físicas da escola e a precariedade de recursos pedagógicos caracterizam uma situação de dificuldades que reflete nos índices educacionais como: IDEB 2005 – 2,2 e em 2007 – 2,7.

Em 2007, segundo informação, houve um baixo número de alunos participando do ENEM, de um universo de aproximadamente 200 alunos no último ano do Ensino Médio, apenas 5 alunos se sentiram preparados a prestar o exame. Em 2008, houve uma maior participação no exame, tendo em vista um envolvimento maior do corpo docente, com a elaboração de um simulado, a fim de que os alunos pudessem ter uma aproximação com o modelo da avaliação. Apesar do avanço, ainda é pequena a participação dos alunos.

Para que essas deficiências sejam superadas, a gestão escolar informou que é necessário a realização de um trabalho conjunto com o Estado e outros órgãos de educação continuada, e dessa forma compense a precariedade da escola e preparo do aluno para o ingresso no mundo de trabalho. Ainda de acordo com os dados obtidos, a gestão escolar acredita que o ideal seria um programa que acolhesse os alunos em tempo integral, e assim sendo, eles teriam suporte para realização de oficinas que desenvolvessem competências nas diversas áreas. A educação em tempo integral contemplaria os alunos em suas dificuldades, auxiliando-os a superarem seus limites. Assevera ainda, o corpo gestor, que conta com um grupo de docentes, pessoal técnico-administrativo e de apoio, imbuídos do propósito de atender aos objetivos propostos pela LDB 9394/96, que “estabelece as diretrizes e bases da educação nacional e alia-se ao

esforço de compartilhar e participar das construções pedagógicas que se fazem necessárias com todos aqueles que vêm assumindo o grande desafio de educar”.

Para esse grupo dirigente a missão da escola é assegurar um ensino de qualidade, formando cidadãos críticos, conscientes e participativos, capazes de interagir e intervir na sociedade. Ser espaço de conhecimento, cultura, pesquisa e criatividade, onde o aperfeiçoamento constante favoreça o aprimoramento da formação pedagógica e técnico-científica, de forma a responder às necessidades emergentes da sociedade. Mais: preparar de maneira integral o educando para atuar conscientemente na sociedade, como cidadão capaz de utilizar as competências e habilidades desenvolvidas na escola, com criatividade e autonomia, rumo ao sucesso pessoal e profissional, frente às novas exigências do mercado e às inovações tecnológicas. Através dos meios que dispõem, caminharão em busca de tornar a Unidade de Ensino um referencial para a comunidade, pela capacidade de mobilização e contribuição educacional, num trabalho consciente de formação cidadã. A escola, ainda conforme a escuta feita em lócus, dá ênfase especial aos valores e atitudes universais, destacando-se a fé, a esperança, a solidariedade, a competência, a liberdade com responsabilidade, a coerência, o respeito, a honestidade, a dignidade e a justiça. Também são trabalhados: disciplina, compromisso ético, humildade, amor, perseverança, companheirismo e cooperação. Quanto às questões éticas, a escola trabalha com elevado senso de compromisso, seriedade e respeito em todas as ações.

Sendo o trabalho educativo pontuado de acordo com as premissas de Saviani (1991): “o ato de produzir direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto de homens” (Saviani, 1991, p.21). Daí que estarão buscando efetivar os valores nos quais acreditam: a ética, como pressuposto ao cooperativismo, ao respeito à diversidade cultural e na utilização do conhecimento para tornar o cidadão engajado no meio em que vive, para assegurar o artigo 2º da LDB, que diz: “A educação, dever da família e do estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Quanto ao aspecto filosófico, a educação, segundo Junqueira (2002, p. 28) deve privilegiar “informações no campo sociológico-fenomenológico, tradições e cultura, teologias, textos

sagrados orais e escritos, ethos, ritos, onde o professor seja um educador e não um agente religioso”. Essa concepção está explícita nos objetivos apresentados nos Parâmetros Curriculares, nos quais se vê reforçada a ideia da importância de valorização do pluralismo e da diversidade cultural presente na sociedade, da apropriação do conhecimento dos elementos básicos que compõem o ensino religioso, a partir das experiências religiosas percebidas no contexto do educando, de análise do papel das tradições religiosas na estruturação e manutenção das diferentes culturas e manifestações socioculturais e de reflexão do sentido da atitude moral, como consequência do fenômeno religioso e expressão da consciência e da resposta pessoal e comunitária do ser humano, entre outros aspectos.

O Projeto Político Pedagógico concentra seu objetivo maior na construção de uma escola que consiga agregar valores e princípios que norteiam a vida do indivíduo na busca do seu reconhecimento e auto-valorização, de forma a se compreender como ser atuante na esfera social.

Motivar o aluno a compreender-se como sujeito autônomo, participativo, possuidor de direitos e deveres políticos, civis e sociais, que repudia injustiças, discriminações, respeita e faz-se respeitar, exerce a cidadania e a democracia; estimular o aluno a posicionar-se de maneira crítica e responsável nas diferentes situações sociais, respeitando a opinião e o conhecimento produzido pelo outro, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos; Possibilitar ao aluno a apropriação das inovações científico-tecnológicas, necessárias para a integração do sujeito na vida contemporânea e no mundo do trabalho, que está cada vez mais competitivo, reconhecendo-se como indivíduo que vive, age, aprende, interage, desenvolve-se e adapta-se, assumindo, com responsabilidade, a sua saúde e o bem-estar das demais; desenvolver no aluno o autoconhecimento, a criatividade, a auto-estima, a auto-imagem, a sensibilidade e a afetividade, para agir com persistência na busca do conhecimento; viabilizar, para o aluno, a compreensão dos fundamentos sócio-culturais, científicos e tecnológicos historicamente acumulados e uma postura crítica, criativa e responsável, para a valorização e o prosseguimento dos estudos. Permitir ao aluno a sua inserção no mundo do trabalho, através de atividades, incluindo a prática de estágio, em caráter não-obrigatório conforme Lei 11.788/08, que viabilizem o desenvolvimento de competências e habilidades e a compreensão das relações sociais do mundo produtivo.

O papel da escola para esse século, dentro de um desenvolvimento curricular, é criar um ensino interativo de pluralidade e não de forma individualizada. Os debates sobre esse tema emergem cada dia mais nas sociedades científica e pedagógica, pois a preocupação quanto às deficiências existentes na educação são grandes. Para Libâneo, o projeto representa a oportunidade de a direção, a coordenação pedagógica, os professores e a comunidade tomarem sua escola nas mãos, definir seu papel estratégico na educação das crianças e jovens, organizar suas ações, visando a atingir os objetivos que se propõem. “É o ordenador, o norteador da vida escolar” (LIBÂNEO, 2000).

Segundo Libâneo (2000, p. 26) "a escola não detém o monopólio do saber", pois o conhecimento passado aos alunos não deve ser centralizado apenas no professor e no livro didático como os únicos centros do saber, é necessário valorizar a bagagem de conhecimentos trazida pelos alunos, além de outros meios de conhecimentos existentes, tais como tecnologias de informação (jornais impressos, TV, Rádio, Internet etc.). De acordo com Saviani, "... a LDB (1996) veio superar a visão fragmentária e o estado de desagregação em que se encontra a nossa educação...", abrindo caminho, sobre o conceito de sistema nacional de educação, para "...a construção de uma escola comum, extensiva a todo o território nacional, unificada pelos mesmos objetivos, organizada sob normas também comuns e regida pelo mesmo padrão de qualidade”.

José Carlos Libâneo reforça que:

[...] a escola precisa deixar de ser meramente uma agência transmissora de informação e transformar-se num lugar de análise críticas e produção da informação, onde o conhecimento possibilita a atribuição de significado à informação. Nessa escola os alunos aprendem a buscar a informação [...] (LIBÂNEO, 2000. p. 26).

Nessa perspectiva, a Escola Estadual Professora Maria de Lourdes Parada Franch propõe-se a uma matriz curricular que contemple um ensino o qual obedeça às diretrizes dos Parâmetros Curriculares Nacionais, levando em consideração os elementos da realidade, conforme o Ensino Fundamental, que tem duração mínima de oito anos, obrigatório e gratuito na escola pública, terá por objetivo a formação básica do cidadão, proporcionando-lhe a aprendizagem e o domínio da leitura, da escrita e do cálculo, compreensão do ambiente em que vive,

desenvolvimento de habilidades e formação de atitudes e valores, o fortalecimento dos vínculos da família e dos laços de solidariedade humana.

Ensino Médio: etapa final da Educação Básica visa à consolidação e aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental, o prosseguimento dos estudos, a preparação para o trabalho e a cidadania, bem como a compreensão dos fundamentos científicos e tecnológicos dos processos produtivos. Afinado com a contemporaneidade, com a construção de competências básicas, que permitam o desenvolvimento de uma postura crítica, criativa e responsável. A preparação geral para o trabalho e, facultativamente, a habilitação profissional, poderão ser desenvolvidas em cooperação com instituições especializadas em educação profissional, através de estágio, onde 10% das vagas deverão ser cedidas às pessoas com deficiência (Lei 11.788, art. 17º. §5º.) É com esse intuito que a Unidade Escolar (UE) tem buscado a integração dos conhecimentos e das aprendizagens (planejamento – abordagem integradora do currículo). Nesse sentido, a Unidade Escolar está aberta a propostas de integração escola versus mercado de trabalho, com indicações para estágios, seja como menor aprendiz, seja na modalidade profissional convencional, sempre levando em consideração as diretrizes da lei de estágio, sem que haja prejuízo para o rendimento do corpo discente. Visando atender às necessidades dos alunos, dentro das possibilidades e limitações de espaço físico e infraestrutura da Escola, as atividades didáticas estão organizadas em Ensino Fundamental, que oferece Ensino de 6º a 8º ano, nos turnos matutino, utilizando sete salas de aulas e onze salas vespertino, em regime anual e seriado, com trabalho docente efetivo.

O Ensino Fundamental conta com professores atuando dentro de suas habilitações e o acompanhamento pedagógico, em nível de supervisão, o qual é feito pela vice-direção, nos turnos matutino, vespertino e noturno, uma vez que a unidade ainda não dispõe de profissional com essa função. O Ensino Médio, oferece Ensino de 1º ao 3º ano, em regime seriado e anual, com sete salas de aula em uso, no matutino, quatro salas de aulas no vespertino, e dez salas de aulas no turno noturno. Conta atualmente com quadro de professores habilitados, e apoio de três professores articuladores, sendo um para cada área de ensino de acordo com a proposta da Secretaria. É proposta da Escola a aplicação de um trabalho pedagógico direto, democrático e participativo, através do qual se possa promover ação interdisciplinar, troca de idéias e elaboração de projetos que despertem o interesse e o

gosto dos discentes pelas atividades escolares, bem como a melhoria das inter-relações inerentes ao processo educativo.

São realizadas reuniões com os professores dos três turnos, para planejamento, discussão, estudo de temas e assuntos de interesse da comunidade escolar, incluindo também os servidores de apoio, para que as decisões emanem das propostas coletivas, ouvidas todas as partes envolvidas e responsáveis pelo bom funcionamento pedagógico da escola. Através das atividades de Coordenação, e articulação, individuais ou em grupo, é mantido um contato mais direto com o professor para acompanhamento e supervisão do seu trabalho no que diz respeito ao planejamento bimestral, avaliações, recuperação paralela e utilização de metodologias que melhor se adaptem à realidade da clientela. Nos três turnos, matutino, vespertino e noturno, há atuação direta da direção e vice-direção, no sentido de trabalhar com orientação e aconselhamento do corpo discente, bem como o contato com a família para que, de forma harmônica, família e escola possam resolver ou minimizar problemas de aprendizagem ou de adaptação que, normalmente ocorrem no cotidiano escolar. Tem sido solicitada à Secretaria de Educação do Estado da Bahia, a presença de um orientador pedagógico para compor o quadro administrativo da escola e para cumprir com as funções inerentes ao cargo. Na ausência desse profissional, as lacunas são preenchidas pelo articulador de área, que acompanha os processos pedagógicos das disciplinas afins.

A concepção de educação como instrumento básico do conhecimento possibilitará ao indivíduo o domínio rápido dos conhecimentos científicos, tecnológicos e culturais. As organizações didáticas das disciplinas do currículo obrigatório seguem as orientações propostas pela LDB 9394/96, em seus artigos, bem como nos decretos, pareceres, portarias e determinações do Conselho Estadual de Educação, utilizando as orientações contidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental e para o Ensino Médio. As matrizes de referências curriculares foram articuladas de forma a atender às determinações da legislação vigente, abrindo-se espaço para a inclusão de disciplinas da parte diversificada, condizentes com a realidade da comunidade onde a Escola está situada, de forma mais restrita e, de modo mais amplo, às necessidades sociais que ora se impõem.



De acordo o currículo da Escola optou-se no Ensino Fundamental, pela disciplina Cultura Baiana, como forma de assegurar o resgate da história e o fortalecimento da cultura, contribuindo para o conhecimento e o desenvolvimento de atitudes e valores de respeito às raízes do povo baiano e reconhecimento de sua importância no contexto do país e do mundo. Com relação ao Ensino Médio, optou-se por oferecer as disciplinas de Redação, Leitura e Pesquisa, Educação Ambiental, Tratamento da Informação e Produção Textual, sendo que as duas primeiras estão melhor articuladas com as áreas de atuação profissional dos alunos, contribuindo com a preparação para o trabalho. A disciplina Educação Ambiental visa a atender ao processo de conscientização e transformação do meio, frente ao processo de industrialização, que no decorrer da história causou danos ao patrimônio natural da humanidade, partindo-se dos problemas mais próximos à realidade do bairro, até a discussão de questões mais amplas, sobre a situação mundial de degradação da natureza. As demais concentram-se no objetivo de ampliar as possibilidades de uso da língua, quanto à escrita e à fala. É preocupação da equipe pedagógica da Escola o trabalho anual com os temas transversais definidos nos PCNS, bem como outros do interesse da comunidade escolar, incluindo-se a execução de atividades extraclasses, inclusive em parceria com a comunidade local. Em 2009, a Escola realizou uma gincana, cujo tema – “Respeito e Diversidade” – procurou despertar nos alunos o sentido de conviver com a diversidade, tendo como eixos temáticos Ética, Infância, Valores, Terceira Idade, Qualidade de Vida, Preconceito, dentre outros. Nesse mesmo ano, os alunos desenvolveram um projeto direcionado à Semana da Consciência Negra, tempo em que explanaram sobre a realidade em que vivem os afrodescendentes na Bahia, com a exposição de painéis, mostra cultural e palestras. Dessa forma, foi possível contemplar acerca de um tema de interesse local, no sentido de valorizar a etnia, a identidade histórica que integra a formação do povo brasileiro, notadamente a população da Bahia.

A concepção de avaliação perpassa pela lógica de um processo de organização de ensino, relacionado com a aprendizagem do aluno e com a sociedade. A avaliação serve para orientar a prática pedagógica. O processo de avaliação permite diferentes concepções, dependendo da ênfase que se faz necessária. Quando se necessita avaliar instituições ou ações, caracterizadas por programas, planos, projetos ou políticas, há necessidade de lançar mão da avaliação formal ou sistemática, para entender todas as extensões e consequências do que é avaliado de maneira global, contextualizada, com perspectivas a estimular seu aprimoramento.

A avaliação educacional é feita através de situações de aprendizagem, buscando a aquisição de novo conhecimento, atitudes ou habilidades. A avaliação emancipatória tem como compromisso fazer com que as pessoas envolvidas em uma ação, realizem e executem a sua própria história e escolham as suas ações de maneira libertadora. Há três momentos no processo avaliativo: descrição da realidade, crítica da realidade e criação coletiva. A avaliação pode ser diagnóstica, quando se realiza antes da tomada de decisão, processual, quando é desenvolvida durante a implementação da ação que está sendo avaliada, global, quando se realiza no final da prática, no sentido da formulação, assim como no dos resultados e consequências da atividade avaliada.

Quanto à operacionalização do processo avaliativo, as avaliações são realizadas pelos docentes de modo processual, ou seja, são contempladas as habilidades dos alunos, via observação indireta e diretamente, por meio de testes e provas. Além disso, são consideradas as atividades extraclasse, nas quais os alunos revelam os seus conhecimentos, a partir da experiência. Há uma preponderância do aspecto de verificação dos resultados, com vistas à valorização das tomadas de decisões a partir dos dados pesquisados. A eficiência de uma avaliação em política pública está integrada à relação entre o esforço para implementá-la e os resultados alcançados. Uma avaliação é considerada eficiente quando é útil e oportuna, sendo realizada em tempo hábil; é ética, sendo realizada com critérios justos e apropriados e é precisa, quando se emprega método adequado. Entendendo-se a avaliação como processo contínuo e cumulativo e parte integrante de todo o trabalho educativo, a escola acredita estar encaminhando o fazer pedagógico para análise constante dos resultados obtidos no decorrer de sua aplicação.

Dessa forma, através do planejamento diagnóstico e participativo, vários instrumentos de avaliação são definidos para contemplar os objetivos propostos, respeitando-se as individualidades e características peculiares a cada turma e a autonomia do docente na escolha das ações que contemplem o desenvolvimento das habilidades e competências do educando dentro dos conteúdos de suas disciplinas. Com essa variação de mecanismos, a Escola Estadual Professora Maria de Lourdes Parada Franch pretende atingir de maneira geral, conforme previsto na legislação educacional vigente, o desenvolvimento das competências e

habilidades do aluno, quer sejam afetivas, cognitivas ou atitudinais. Bimestralmente, através de reuniões do Conselho de Classe, composto pela direção ou representante, docentes, professores, professores-articuladores, coordenação, secretaria e representantes de turma, são observados os fatores que dificultam a aprendizagem, na tentativa de minimizá-los, provocando, conseqüentemente o replanejamento e a flexibilização metodológica e estrutural das ações.

A recuperação paralela também é uma atividade em que o docente, ao verificar as dificuldades dos alunos, procurará utilizar-se de outras maneiras para que esses consigam acompanhar o desenvolvimento das atividades curriculares. É preocupação desta Unidade de Ensino, investir em práticas que dêem possibilidade de se observar o desempenho do aluno de forma integral, sobrepondo-se sempre o aspecto qualitativo ao quantitativo. É importante observar que, o diálogo entre todas as partes envolvidas no processo ensino-aprendizagem, deverá permear continuamente as ações da escola.

Colégio Estadual Thales de Azevedo.

## 1. Apresentação

O presente Projeto Político Pedagógico parte de uma reflexão sobre o processo ensino/aprendizagem que tem sido desenvolvido no Colégio Estadual Thales de Azevedo, (doravante denominado C.E.T.A.), ou seja, de um marco situacional que propõe incorporar e aprimorar práticas exitosas, bem como repensar as experiências que não apresentaram resultado adequado e propício ao processo ensino/aprendizagem, sendo uma referência ao trabalho que se pretende desenvolver no cotidiano desta Unidade Estadual de Ensino (UEE), definindo marcos filosóficos e epistemológicos para realizar proposições de um marco operacional em futuro imediato, no sentido de garantir condições para que os educandos se preparem para a vida, desenvolvendo o senso crítico e possibilidades da construção do conhecimento no ato pedagógico. Tudo isso com a participação da equipe gestora, técnico pedagógica, professores, pais e estudantes. Ela deve constituir-se num espaço aberto, propício

a investigação e construção de conhecimentos, onde todos sejam envolvidos numa ação participativa constante. Assim, alunos, professores e diretores se co-responsabilizam pelo planejamento e execução de todas as atividades curriculares, estabelecendo parâmetros para avaliação e auto-avaliação durante o processo ensino-aprendizagem.

A proposta aqui apresentada tem como principal alvo: definir a escola que queremos, os cidadãos que queremos formar, buscando para tanto um ensino de qualidade considerando o repertório cultural e cognitivo dos estudantes como ponto de partida para uma aprendizagem eficaz, eficiente e de efetividade/impacto social.

Levar-se-á em conta o estudante nos seus mais variados aspectos, cognitivo, físico, psicológico, social, emocional, ser cívico e espiritual, agente transformador da história. Através desse projeto, almejamos que o estudante seja o protagonista de sua história, participando ativamente do processo ensino-aprendizagem e na reorganização dos conhecimentos. Destarte, almeja-se a consecução dos princípios e fins da educação vistas na LDB 9394/96: “Art. 3. XI – Vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.”

A construção do Projeto Político Pedagógico demarca princípios e fundamentos ético-políticos, epistemológicos e didático-pedagógicos que norteiam a práxis educativa do C.E. T.A., na medida em que referenda e sustenta a partir da nossa missão e visão: a concepção que assumimos de homem, mundo, sociedade e educação.

## 2. Identificação

O Colégio Estadual Thales de Azevedo foi criado através da Portaria 552 publicada no Diário Oficial de 22 de Janeiro de 1997 e sua inauguração foi efetivada em 31 de março de 1997. Situa-se na Rua Adelaide Costa, s/ nº, no Bairro Costa Azul, próximo ao Parque Costa Azul e tem como vizinhos a Biblioteca Pública Thales de Azevedo e o Colégio Portinari.

Iniciou suas atividades como Instituição de nível Médio da Rede Pública Estadual sob a Direção Geral da Professora Maria Orleide Sodré Coelho. Na solenidade de inauguração estiveram presentes o Secretário da Educação Prof. Edilson Freire e comitiva, o Governador do Estado Paulo Ganen Souto, o Senador Antônio Carlos Magalhães, diversas autoridades, professores, corpo técnico pedagógico - administrativo e convidados.

O nome da Instituição foi uma homenagem da Secretaria de Educação do Estado da Bahia ao emérito baiano Professor Thales de Azevedo (1904 – 1995), nascido em Salvador, estudou os cursos primário e secundário no Colégio dos Jesuítas. Médico, historiador, antropólogo e professor. Professor do secundário no Colégio Maristas e no Colégio Antônio Vieira; no curso superior, como Professor Assistente dos cursos de Farmácia e Medicina; catedrático de Antropologia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e de Pesquisa Social na Escola de Serviço Social da Bahia. Fundou e dirigiu durante dez anos esta última, a qual originou a atual Universidade Católica do Salvador. Na Universidade Federal da Bahia, fundou e dirigiu o Instituto de Ciências Sociais. Foi o primeiro pró-reitor de assuntos culturais, defendendo a reforma universitária. Orientou pesquisadores, mestrandos e doutorandos nacionais e estrangeiros. Participou de bancas de concursos das mais conceituadas universidades brasileiras e foi convidado a ensinar em universidades da Espanha, EEUUA, Peru e Portugal. Como médico, clinicou em Castro Alves (1929 – 1933) e depois em Salvador (1933 – 1943) ocupou-se de Educação e Medicina Social, participando e organizando campanhas sobre nutrição, higiene e combate a doenças infecto-contagiosas. Foi assistente do Professor Anísio Teixeira quando este era Secretário de Educação e Saúde. Posteriormente, foi coordenador do Convênio Estado da Bahia Columbia-University e estruturou, secretariou e dirigiu a Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia. Organizou e Presidiu a Reunião de Fundação da Associação Brasileira de Antropologia, em 1955, Salvador, Bahia.

Atualmente funciona no mesmo local, sob a gestão supra, sendo uma das vice-diretoras professora fundadora da UEE – Professora Elisabete Mioni, assim como a maior parte do corpo técnico e pedagógico que permanece o mesmo com algumas exceções.

Esta UEE oferece aos estudantes as modalidades: Ensino Médio Regular (EM): do 1º ao 3º ano, nos turnos matutino e vespertino, e no turno noturno, além do curso anteriormente citado, oferece Educação de Jovens e Adultos (EJA Médio), Tempo formativo III e PROEJA Médio – Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos – Técnico em Hospedagem.

### 3. Justificativa

O projeto político pedagógico de uma UEE, antes de qualquer aspecto, deve se nortear sempre pelas normas legais postas pelos órgãos competentes, abaixo relacionadas. Em consonância com a Constituição Federal (CF), Constituição do Estado da Bahia, a Lei nº 9.394/96 (LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação) que estrutura o Ensino Médio, Ensino de Jovens e Adultos, a Resolução CNE CEB nº 2, de 30 de Janeiro 2012 (Define Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio),

Resolução CNE CEB nº 04 (Define Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Básica), Lei 11.161 de 2005 (Dispõe sobre oferta da Língua Espanhola), Lei 11.947 de 2009 (Dispõe sobre Alimentação Escolar), Lei 10.741 de 2003 (Dispõe sobre o Estatuto do Idoso), Lei 9.795 de 1999 (Dispõe sobre Educação Ambiental), Lei 9.503 de 1997 (Código de Trânsito Brasileiro), Decreto 7.037 de 2009 (Institui o Programa Nacional de Direitos Humanos), Decreto 5.840 de 2006 (Institui o PROEJA), Lei 11.684 de 2008 (incluiu Filosofia e Sociologia como obrigatórias no Ensino Médio), 11.645 de 2008 (inclui no currículo a obrigatoriedade do estudo da História e Cultura Indígena e Afro-Brasileira), Lei 11.788 de 2008 (Dispõe sobre o Estágio), Lei 12.288 de 2010 (institui o Estatuto da Igualdade Racial), e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), é que se desenvolve este projeto político pedagógico.

O projeto político pedagógico é, no âmbito da educação, o componente que define o que ensinar e o que aprender (currículo) assim como os instrumentos técnicos, metodológicos, recursos, e avaliação do processo ensino/aprendizagem.

Tudo isso de forma coletiva com a finalidade de apontar a direção e a estrada a percorrer para realizar sua função sócio/educativa. É um instrumento que possibilita à escola inovar sua prática pedagógica, na medida em que apresenta a possibilidade de se pensar novos caminhos para as situações que precisam ser modificadas, sendo a proposta pedagógica a forma pela qual a autonomia da escola se exerce e vai, paulatinamente, se aprimorando.

Diante de tantas transformações tecnológicas pelas quais vem passando a nossa sociedade, onde a veloz produção e circulação de conhecimento e mercadorias gestadas no bojo da informatização e robotização, permeada por crises as mais diversas, onde a obsolescência é a palavra de ordem, fazendo surgir uma nova economia que produz o desemprego estrutural, a terceirização, a reengenharia das empresas, surge a necessidade de um novo repensar a Escola enquanto elemento que se constitui fundamental para a formação de pessoas criativas, reflexivas, críticas, com alto nível de resiliência e com autonomia intelectual e moral, que possam, não aceitar passivamente o que ocorre, mas agir no sentido de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A escola deve constituir-se num espaço aberto, propício a investigação e construção de conhecimentos, onde todos sejam envolvidos numa ação participativa constante. Assim, discentes, docentes, equipe técnico e pedagógica, pais e estudantes, se implicam no planejamento e execução de todas as atividades curriculares, estabelecendo parâmetros desde a definição de centros de interesse, de temas geradores, à organização e sequenciação dos conteúdos, metodologias e recursos, até as diversas dimensões e instrumentos de avaliação durante o processo ensino-aprendizagem.

O presente Projeto Político Pedagógico tem a considerar o fato do COLÉGIO ESTADUAL THALES DE AZEVEDO apresentar como índices no IDEB de 2012

O atual Projeto Político Pedagógico (PPP), como instrumento de planejamento, apresenta desse modo, a finalidade de orientar e subsidiar o conjunto de ações administrativas e financeiras no sentido de favorecer a consecução das metas e processos pedagógicos, no período 2013-2015, dando prosseguimento ao que já vinha sendo feito no período 2009 – 2012 – necessários ao adequado desempenho dos professores, bem como a melhor aprendizagem que se refletirá em bom rendimento dos alunos.

Buscando a garantia da aprendizagem e permanência na unidade escolar a gestão firmou parceria com o PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) - UFBA nas disciplinas Arte, Matemática, Filosofia, Física, Biologia, Sociologia e Química; do Projeto Estruturante da SEC – EM-Ação nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, bem como Projeto de Reforço Escolar também em parceria com o Instituto de Química da UFBA.

#### 4. Visão, missão, objetivos e metas.

##### 4.1. Visão.

Ser uma escola de referência que promova condições materiais e imateriais para formar cidadãos comprometidos, capazes de transformar as dificuldades em ações que tenham por meta a construção de uma sociedade mais igualitária, fraterna, empreendedora e emancipadora.

##### 4.2. Missão.

Oferecer uma educação significativa e de qualidade de modo que possam ser formados cidadãos críticos que venham a assumir o seu papel na vida, respeitando os valores étnicos, morais, éticos, espirituais, de gênero e de livre orientação sexual, desenvolvendo e aprimorando o sentimento de solidariedade e respeito ao próximo, despertando valores que permitam alcançar a cidadania plena com eficácia social.

##### 4.3. Objetivos gerais do ensino médio.

-Consolidar e aprofundar os conhecimentos adquiridos no ensino fundamental,possibilitando o prosseguimento dos estudos.

-Propiciar condições para o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética, o desenvolvimento crítico e da sua autonomia intelectual.

- Garantir a compreensão dos fundamentos científicos e tecnológicos dos processos produtivos, por intermédio do ensino contextualizado de cada disciplina.

- Preparar o educando para o trabalho e a cidadania levando-o ao aprendizado contínuo de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade as novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores. (LDB 9394/96)



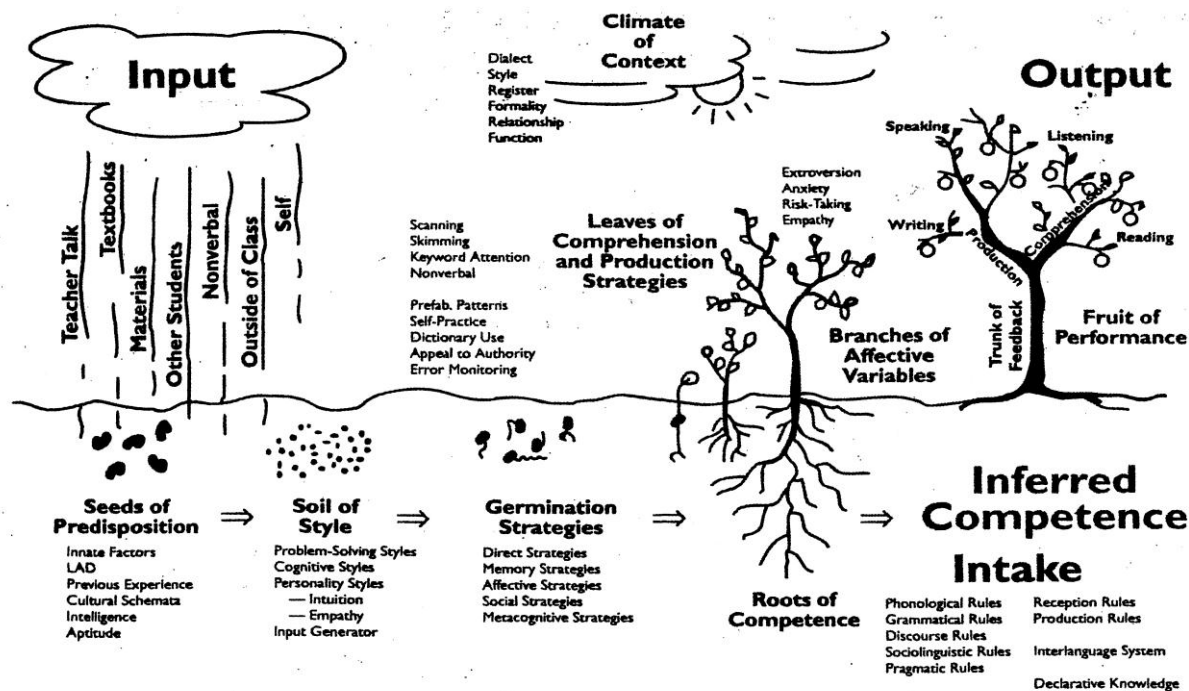
#### 4.4 objetivos específicos.

- Compreensão da formação étnica no seu conjunto de diversas etnias.
  
- Propiciar o desenvolvimento da autonomia moral, intelectual e do pensamento crítico.
  
- Integração no mundo contemporâneo nas dimensões fundamentais da cidadania e do trabalho.
  
- Construção de habilidades para a vida em sociedade com vistas a exercer uma atividade produtiva de impacto e efetividade social, além da realização pessoal.
  
- Promoção de atividades que possibilitem ao estudante a autonomia intelectual de capacidades para continuar aprendendo de modo a ser capaz de adaptar-se com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores.
  
- Ampliação da participação da família no processo educacional desenvolvido pela escola.
  
- Garantia de condições materiais para que o corpo docente tenha condições para desenvolver uma atitude crítica diante do ensino, dispondo-se a realizar ensaios de renovação pedagógica.
  
- Promoção de ações que minimizem as distorções de nível de aprendizagem dos alunos da 1ª série do Ensino Médio.
  
- Redução do índice de evasão no turno noturno.
  
- Possibilitar condições adequadas em todas as disciplinas para que os estudantes possam construir e consolidar os conhecimentos das áreas de forma contextualizada, referindo-os a

atividades das práticas sociais e produtivas, de maneira até mesmo que possam participar de estágios não obrigatórios (curso ensino médio comum) e estágios obrigatórios (PROEJA).

**ANEXO B – UTILIZAÇÃO DA LÍNGUA INGLESA NO MUNDO COMO  
PRIMEIRA(L1) E SEGUNDA LÍNGUA (L2)**

## ANEXO C – THE ECOLOGY OF LANGUAGE ACQUISITION (A ECOLOGIA DA AQUISIÇÃO DE LINGUA).



The ecology of language acquisition (Brown, 1991)

## ANEXO D – SÍNTESE GERAL DA TESE

